

UM BRASIL

#7

ANÁLISES E DISCUSSÕES SOBRE UM
POVO EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

20 ENTREVISTAS

CHARGES DE ADÃO ITURRUSGARAI | BENETT
CACO GALHARDO | JEAN GALVÃO | RICO

WWW.UMBRASIL.COM

ENTREVISTAS E DEBATES REALIZADOS EM 2018. EM PAUTA,
REFLEXÕES PARA SUPERAR FRAGILIDADES SOCIOECONÔMICAS
E APRIMORAR O FUNCIONAMENTO DO ESTADO

AMYR KLINK
ANGELA ALONSO
ADÃO ITURRUSGARAI
+ CACO GALHARDO
+ JEAN GALVÃO
BILL CARTER
+ GUILHERME ROSSO
DERSON MAIA
+ MÔNICA SODRÉ
EDUARDO GIANNETTI
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
+ JOSÉ GOLDEMBERG
ILONA SZABÓ
JAIRO MARQUES

JOÃO PEREIRA COUTINHO
JOICE TOYOTA
+ MARCELO ISSA
JOSÉ VICENTE
LAWRENCE REED
MARCOS DE AZAMBUJA
PATRICIA ELLEN
PEDRO HERZ
TANGUY BAGHDADI
+ GEORGE NIARADI
VINICIUS MARIANO DE CARVALHO
VIVIANE MOSÉ
+ ALEXANDRE SCHNEIDER
WASHINGTON OLIVETTO

SOBRE UM BRASIL

O trabalho da plataforma UM BRASIL se concentra em discutir os rumos do País, seus problemas e soluções. Desde 2014 nos encarregamos de analisar a Nação em seus mais diferentes aspectos, de forma plural e apartidária.

Temos mais de uma centena de entrevistas e debates com intelectuais, executivos, empreendedores e acadêmicos dispostos a contribuir para as transformações socioeconômicas do Brasil. Especiais multimídia sobre modernização do Judiciário, boas práticas em gestão pública, o futuro da Previdência, a qualidade da democracia e os gargalos de infraestrutura também estão em nosso acervo, que já conta com seis livros publicados. Além do material gravado e distribuído gratuitamente nos canais UM BRASIL na internet, nossas publicações são cedidas a instituições de ensino e entidades engajadas no permanente desafio de auxiliar no desenvolvimento do senso crítico da sociedade.

A busca por ideias inovadoras nos permitiu parcerias com fóruns de discussão em prestigiadas universidades, como Universidade de São Paulo (USP), Mackenzie, Fundação Getulio Vargas (FGV), Harvard, Oxford, Columbia, Massachusetts Institute of Technology (MIT), King's College e American University.

Patrocinado pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), UM BRASIL persegue a missão de estimular a participação e o conhecimento do cidadão na agenda nacional, reforçando a missão de uma entidade que, há mais de 70 anos, se preocupa com o futuro do País.

Para saber mais, acesse www.umbrasil.com.

  @canalumbrasil

UM BRASIL

ANÁLISES E DISCUSSÕES SOBRE UM
POVO EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

20 ENTREVISTAS

CHARGES DE ADÃO ITURRUSGARAI | BENETT
CACO GALHARDO | JEAN GALVÃO | RICO

WWW.UMBRASIL.COM

ENTREVISTAS E DEBATES REALIZADOS EM 2018. EM PAUTA,
REFLEXÕES PARA SUPERAR FRAGILIDADES SOCIOECONÔMICAS
E APRIMORAR O FUNCIONAMENTO DO ESTADO

#7

—
AMYR KLINK
ANGELA ALONSO
ADÃO ITURRUSGARAI
+ CACO GALHARDO
+ JEAN GALVÃO
BILL CARTER
+ GUILHERME ROSSO
DERSON MAIA
+ MÔNICA SODRÉ
EDUARDO GIANNETTI
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
+ JOSÉ GOLDEMBERG
ILONA SZABÓ
JAIRO MARQUES

—
JOÃO PEREIRA COUTINHO
JOICE TOYOTA
+ MARCELO ISSA
JOSÉ VICENTE
LAWRENCE REED
MARCOS DE AZAMBUJA
PATRICIA ELLEN
PEDRO HERZ
TANGUY BAGHDADI
+ GEORGE NIARADI
VINICIUS MARIANO DE CARVALHO
VIVIANE MOSÉ
+ ALEXANDRE SCHNEIDER
WASHINGTON OLIVETTO

MAIS DIÁLOGO POR REFORMAS NECESSÁRIAS

Abram Szajman

Presidente da Federação
do Comércio de Bens,
Serviços e Turismo do
Estado de São Paulo,
entidade gestora do
Sesc-SP e do Senac-SP

O ano de 2018 marcou a abertura de um ciclo no quadro sociopolítico do Brasil. Entretanto, ainda há incertezas no cenário de médio prazo. Esse momento tem, entre outros aspectos, um ponto frágil que carece de soluções. Trata-se da pouca capacidade de diálogo da sociedade e, por consequência, dos grupos políticos que compõem o conjunto de poder no País. A aparente renovação vista no Parlamento, por exemplo, está lado a lado com a radicalização do debate público. O que ainda não sabemos é até onde os eleitos no recente pleito estarão realmente empenhados em pôr em prática as necessárias reformas estruturais tão debatidas nos últimos anos, inclusive pelo canal **UM BRASIL**. O diagnóstico está dado. Três décadas após a promulgação da Constituição de 1988, demo-nos conta de que construímos um Estado relativamente organizado no papel, com obrigações previstas em lei e direitos legítimos, mas, hoje, financeiramente incompatíveis com a realidade da arrecadação nacional. O Estado precisa, portanto, de racionalidade para encarar o desastre fiscal que o inabilitou. Almejamos sobretudo uma imediata redução de custos da máquina administrativa estatal. A simplificação tributária, a reorganização do conflito distributivo da Previdência e a continuidade

em ações que visam a redesenhar os sistemas partidário e eleitoral são algumas das tarefas para sanar a fragilidade das contas públicas e melhorar a qualidade de nossa jovem democracia. A dinâmica social de um país é um organismo vivo. Nesse sentido, não se pode negar que a ofensiva contra a corrupção abriu caminhos para esse processo de transformação impulsionado pelo ativismo emergente das redes sociais. Em paralelo à percepção de esgotamento de um arcabouço governamental que se permitiu deformar sob a justificativa de preservação, ganhou força o conceito de que uma nação se constrói de fato muito além do voto. Vieram à tona pressões sobre a representatividade dos partidos e seu modo de financiamento e por transparência na gestão de recursos públicos, e se passou a cobrar mais eficiência e menos práticas clientelistas no funcionamento do Estado. É sabido o caminho a ser seguido, e nossas figuras públicas precisam dar passos adiante para resgatar a competitividade do Brasil tanto no ambiente doméstico quanto com a comunidade internacional. Afinal, "um país não pode escolher ser alguém do que ele é, mas não deve ser além do que ele pode", como afirma o diplomata Marcos de Azambuja, um dos entrevistados desta sétima edição de UM BRASIL. Este livro reúne algumas das principais entrevistas e debates realizados ao longo de 2018. A pluralidade de ideias é vista na abrangência dos assuntos discutidos e pessoas ouvidas. Temos desde a análise feita pelo filósofo Eduardo Giannetti sobre as deformações no *modo operandi* do orçamento público à reflexão sobre a importância da inclusão dos afrodescendentes, questão apresentada pelo fundador da primeira universidade voltada à população negra, José Vicente. Falamos ainda sobre o mito da segurança pública centrada na força policial, o déficit de leitura (nas classes mais favorecidas, inclusive), a revisão de prioridades no sistema educacional, a presença da tecnologia como fator essencial na solução dos percalços da saúde, entre outros temas de relevância nacional. Cabe-nos auxiliar o Brasil a reencontrar o caminho da prosperidade. E parte dessa missão passa por compreender que somente a política – embora demonizada por seus próprios desmandos – poderá equacionar os problemas da economia e promover o bem-estar da sociedade.

12

LAWRENCE REED

Economista e presidente da Foundation for Economic Education (FEE)

20

ADÃO ITURRUSGARAI + CACO GALHARDO + JEAN GALVÃO

ADÃO ITURRUSGARAI
Cartunista, ilustrador e artista plástico

CACO GALHARDO
Cartunista e roteirista, tem nove livros publicados

JEAN GALVÃO
Cartunista, já foi premiado no Salão Internacional de Humor de Piracicaba

OS TRÊS CARTUNISTAS COLABORAM PARA O UM BRASIL

36

ILONA SZABÓ

Diretora-executiva e cofundadora do Instituto Igarapé

50

MARCOS DE AZAMBUJA

Diplomata, representou o País nas embaixadas de Buenos Aires e Paris, foi secretário-geral do Itamaraty e um dos responsáveis pela conferência ambiental Eco-92

60

VINICIUS MARIANO DE CARVALHO

Professor de Estudos Brasileiros e Estudos de Guerra do King's College London

68

EDUARDO GIANNETTI

Economista, filósofo e escritor

78

JAIRO MARQUES

Colunista da *Folha de S.Paulo* e autor do livro *Malacabado – a história de um jornalista sobre rodas*

88

MÔNICA SODRÉ + DERSON MAIA

MÔNICA SODRÉ
Cientista política e professora de pós-graduação na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP)

DERSON MAIA
Servidor público federal e copresidente da Frente Favela Brasil

100

JOSÉ VICENTE

Advogado, sociólogo e reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares

108

ANGELA ALONSO

Professora do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP) e presidente do Centro Brasileiro de Pesquisa e Planejamento (Cebap)

118

BILL CARTER + GUILHERME ROSSO

BILL CARTER
Cofundador da
organização internacional
pioneira no fomento
ao empreendedorismo
social, a Ashoka

GUILHERME ROSSO
CEO da Emerge Social

130

TANGUY BAGHDADI + GEORGE NIARADI

TANGUY BAGHDADI
Professor de Política
Internacional
e coordenador
pedagógico do Clio

GEORGE NIARADI
Coordenador de
Relações Internacionais
do Ibmec/SP

140

PEDRO HERZ

Presidente do Conselho
de Administração
da Livraria Cultura

150

WASHINGTON OLIVETTO

Publicitário

162

JOÃO PEREIRA COUTINHO

Cientista político e
escritor português

174

AMYR KLINK

Velejador, escritor
e palestrante

186

JOICE TOYOTA + MARCELO ISSA

JOICE TOYOTA
Cofundadora e
diretora-executiva
do Vetor Brasil

MARCELO ISSA
Fundador e coordenador
do Movimento
Transparência Partidária

196

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO + JOSÉ GOLDEMBERG

**FERNANDO HENRIQUE
CARDOSO**
Sociólogo e ex-presidente
da República

JOSÉ GOLDEMBERG
Físico, presidente
da Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado
de São Paulo (Fapesp) e
presidente do Conselho
de Sustentabilidade
da FecomercioSP

210

VIVIANE MOSÉ + ALEXANDRE SCHNEIDER

VIVIANE MOSÉ
Filósofa, psicóloga,
psicanalista e especialista
em elaboração e
implementação de
políticas públicas

ALEXANDRE SCHNEIDER
Secretário de Educação
da Prefeitura de São Paulo

220

PATRICIA ELLEN

Professora do Centro
de Liderança Pública
(CLP) e presidente da
Optum, empresa de
tecnologia em saúde

“PRIVILÉGIOS NÃO SÃO DIREITOS.”

ENTREVISTA ■■■■■
THAIS HERÉDIA ■■■■■

DEFENSOR DA LIVRE-INICIATIVA,
O PROFESSOR **LAWRENCE REED**

FALA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ESTADO INCHADO, DESIGUALDADE, CORRUPÇÃO E PRIVILÉGIOS. OTIMISTA, ELE DIZ QUE O BRASIL VIVE O MOMENTO IDEAL PARA BAIXAR IMPOSTOS, DESBUROCRATIZAR O AMBIENTE DE NEGÓCIOS, ABRAÇAR O LIVRE-MERCADO E, FINALMENTE, ALCANÇAR A PROSPERIDADE QUE LHE É POTENCIAL. NA OPINIÃO DELE, DIMINUIR A CORRUPÇÃO PASSA PELO ENCOLHIMENTO DO GOVERNO. A ENTREVISTA FOI REALIZADA EM PARCERIA COM O CENTRO DE LIBERDADE ECONÔMICA, DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

COMO O PENSAMENTO LIBERAL LIDA COM O NÍVEL DE DESIGUALDADE QUE TEMOS NO BRASIL?

A lei não deveria ver cores, ela deveria julgar sua culpa ou inocência naquilo que foi acusado a despeito de todos os fatores irrelevantes. Mas igualdade econômica é algo muito diferente. Cada um de nós vem a esse mundo como uma pessoa diferente, com talentos diferentes, diferentes graus de vontade de trabalhar; algumas pessoas trabalham mais duro, por mais tempo, de forma mais inteligente do que outras. Nós não economizamos da mesma forma. Algumas pessoas, se você lhes der dinheiro, vão economizar, outras vão gastar, então há razões naturais para a desigualdade econômica existir: é um reflexo das pessoas sendo elas mesmas. O tipo de desigualdade econômica que me preocupa é a que é gerada por pessoas que usam suas conexões no governo para conseguir favores, vantagens, proteção, subsídios.

O EXCESSO DE PRIVILÉGIOS E SUBSÍDIOS É UM IMPORTANTE FATOR DE DESIGUALDADE NO BRASIL?

Quanto mais longe uma sociedade segue no caminho da subsídioção e do favoritismo de governo, maior será a desigualdade. Eu me livraria desses tipos de subsídios e favores especiais, tornando a lei neutra para as pessoas, justa para todos, para então podermos celebrar a diferença econômica que vem de sermos nós mesmos, de cada um ser seu próprio empreendedor, seu próprio trabalhador, ou seja lá o que a pessoa escolha ser.

O MOMENTO QUE O BRASIL ESTÁ VIVENDO PODE NOS DAR A OPORTUNIDADE DE LIDAR COM ISSO?

Os requisitos burocráticos brasileiros para começar um negócio e fazê-lo crescer estão entre os piores do mundo. Se você se livrar de tantos desses [entraves], vai ver um aumento no empreendedorismo em um período bem curto. Outras coisas que o governo fez demoram para serem revertidas, e seus efeitos levam mais tempo para serem notados, então esse é um processo tanto de curto quanto de longo prazos, que deve começar agora, cortando toda a burocracia e regulamentação que estrangulam um negócio antes mesmo que ele comece a funcionar.

COMO LIDAR COM A DIFERENÇA ENTRE DIREITOS E PRIVILÉGIOS?

Direitos são coisas que vêm para você em virtude do seu nascimento, por você ser um indivíduo único, soberano e independente. Você vem a esse mundo com certos direitos, basicamente o de viver em paz contanto que deixe os outros viverem em paz. O privilégio não é um direito, privilégio é algo que pode ser um favor especial só para você, talvez por causa de alguma conexão política que fez. Os políticos querem te manter feliz, mas não se trata de algo que será dado a outras pessoas. É aí que o terreno se torna desnivelado e injusto. Há um mito sobre o Estado em muitos lugares, e eu acho que esse é o caso do Brasil também, em que se presume que, porque é Estado, que é nobre, que sabe como fazer as coisas, que está certo ou que é mais inteligente do que nós. Mas eu acho que o Brasil recentemente passou por momentos horríveis, que devem fazer as pessoas entenderem que não há nada de especial no Estado. Ele é formado por pessoas que, como todo mundo, estão perseguindo seus próprios interesses, e que algumas vezes fazem isso de uma forma que ajuda a todos, mas, frequentemente, o fazem de formas que prejudicam as outras pessoas. Nós precisamos disciplinar o Estado, deixá-lo menor e mais atento às pessoas, mas ao mesmo tempo deixar as pessoas livres e em paz, pois é assim que a riqueza é produzida. Não por políticos e seus decretos.

ESSE É UM DESAFIO EXCLUSIVO DO BRASIL?

Há muitos exemplos ao redor do mundo de países que estavam em péssima forma e se recuperaram e prosperaram em pouco tempo, porque se apoiaram na liberdade e no livre-mercado. A Alemanha, por exemplo, depois da Segunda Guerra Mundial, tinha acabado de passar por uma década e meia de socialismo: estava dividida, ocupada, desmoralizada, derrotada e devastada. Mas Ludwig Erhard foi escolhido ministro da Economia e, de um dia para o outro, ele decidiu diminuir as tarifas, os impostos e os gastos e se livrou da burocracia e da papelada e libertou a economia alemã. Em dez anos, a Alemanha derrotada se tornou a principal economia da Europa. Essa é a lição, o modelo que o Brasil deveria estudar.



EM PLENA ERA DAS NOTÍCIAS FALSAS, COMO CONVENCER AS PESSOAS DE QUE A REFORMA DA PREVIDÊNCIA É NECESSÁRIA SE ELAS NÃO ACREDITAM NEM QUE HAJA UM DÉFICIT?

No que diz respeito à Reforma da Previdência, o problema em muitos países – não exclusivo do Brasil – é que o governo tentou agradar pessoas hoje dando a elas aposentadorias grandes e luxuosas, sem se preocupar como isso seria financiado no futuro. Então, tudo se resume à próxima geração, que tem que assumir a conta. Talvez seja possível fazer as pessoas se concentrarem nisso, dizendo: “Olha, não é a coisa mais madura de se fazer dizer ‘eu quero o que posso ter agora e meus filhos e netos que deem um jeito de pagar por isso’”. Isso não é sinal de caráter, não é sinal de responsabilidade, não é o que adultos deveriam fazer. É uma luta constante porque as pessoas estão absortas pelo presente e tendem a pensar no agora, no que está diante dos olhos delas, talvez uma semana para frente, mas não necessariamente na próxima geração. Nós temos de fazer as pessoas entenderem que isso é o que adultos bons e responsáveis fazem: pensam na próxima geração.

O PENSAMENTO LIBERAL ESTÁ SENDO AMEAÇADO PELA DISCUSSÃO PROTECIONISTA OU POR TODO ESSE RADICALISMO QUE VEM ACONTECENDO NO MUNDO?

Sim, mas isso também não é nada novo. Nós lutamos há centenas de anos contra o desejo de algumas pessoas de conseguir alguma proteção especial, favores especiais, algum subsídio para si mesmos, às custas de todo o resto. O problema que nós sempre enfrentamos é convencer o maior número de pessoas possível que esse não é o jeito certo de se fazer as coisas. Quanto mais você foca em garantir alguns benefícios para uma meia dúzia de pessoas, mais prejudicada fica a saúde econômica da sociedade. Esse conflito é tão velho quanto o tempo, não é nada novo. Mas, geralmente, os países que entendem isso tendem a se sair melhor do que os que dizem para esquecer o futuro, para viver o hoje. Essa escolha não é sustentável, não se pode viver assim por muito tempo. O Brasil tem uma oportunidade, como o maior país da América do Sul, de ditar as regras para todo o continente, de ser um modelo que outros países seguirão. Veja o que está acontecendo em países como

a Venezuela hoje em dia, ou com outros que seguiram caminhos mais radicais e socialistas: viraram desastres.

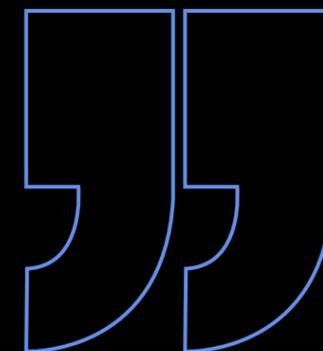
COMO O PENSAMENTO ECONÔMICO LIBERAL VÊ A LUTA CONTRA A CORRUPÇÃO?

Precisamos que as pessoas entendam a conexão entre a corrupção e os governos grandes. Quanto maior é um governo, quanto mais ele arrecada, quanto mais ele gasta, quanto mais favores ele concede, quanto mais responsabilidades ele assume no seu lugar, maior é a oportunidade para a corrupção. Ter um governo grande e bom ao mesmo tempo não é possível. Quanto maior ele é, pior ele vai ser, porque as pessoas vão se atropelar para tomar o controle dessa enorme máquina de legislação, controle e redistribuição – e isso, inevitavelmente, gera corrupção. Para diminuir a corrupção, não basta só condenar os corruptos, é preciso encolher o governo, para que as pessoas boas não sejam corrompidas tão facilmente e para que as ruins não se sintam incentivadas a entrar na administração pública.

O ESTADO BRASILEIRO ESTÁ FALIDO. SERIA ESSA UMA OPORTUNIDADE DE DISCUTIR O TAMANHO DO NOSSO GOVERNO?

Vocês seguiram o caminho errado por tempo demais, as dívidas são grandes demais para lidar. A única opção é fazer essa reforma na direção de um mercado mais livre, com menos influência do governo. E não se sintam mal por isso, fiquem felizes! Esse é o caminho que pode levar o Brasil para um novo nível de prosperidade. Eu sou um eterno otimista. Se você achar que o futuro está perdido, que não há como fazer a diferença, que não há como vencer, duas coisas acontecem: uma é que você não trabalha com tanto afinco pelo que acredita ser certo (afinal, o pessimismo é autorrealizável). Você desiste e garante que as coisas ruins vão acontecer. E a segunda coisa é que você não vai convencer outras pessoas a se unirem à sua causa. Se você disser: “Juntem-se à minha causa, mas nós vamos perder”, a resposta vai ser “Então, qual o sentido?”. Tudo é possível, não desistam!

Precisamos disciplinar o Estado, deixá-lo menor e atento às pessoas, que devem ser livres, pois é assim que se produz riqueza.



ADÃO ITURRUSGARAI
JUNHO 2018



CHARGE E CARTOON NOS DIAS ATUAIS

MEDIAÇÃO ■■■■■
JULIANO DIP ■■■■■

RESPONSÁVEIS POR RETRATAR AS ENTREVISTAS DO CANAL UM BRASIL EM IMAGENS, OS CARTUNISTAS **ADÃO ITURRUSGARAI, CACO GALHARDO E JEAN GALVÃO** SE REÚNEM PARA DEBATER SOBRE OS LIMITES E O ALCANCE DO HUMOR NUMA ÉPOCA MARCADA PELA RADICALIZAÇÃO NAS RELAÇÕES HUMANAS. ELES DISCUTEM AINDA OS DESAFIOS DA PROFISSÃO, SEUS PROCESSOS CRIATIVOS E A INTERAÇÃO COM O PÚBLICO.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista



HÁ DIFERENÇAS ENTRE CARTUNISTA E CHARGISTA?

CACO GALHARDO – A charge tem uma relação com o tempo. Ela trata do assunto da semana e geralmente de fundo político. O *cartoon* tem o mesmo formato, mas ele já trata de questões mais atemporais, de casamento, de relacionamentos. A charge tem esse enfoque político. Hoje, a gente deu uma prévia desse debate, pois Adão e eu demos uma entrevista à CBN e falamos que fizemos pouco trabalho de charge, ao contrário do Jean, que é um chargista político, Adão e eu ainda estamos tentando entender o que estamos fazendo.

ADÃO ITURRUSGARAI – Faço *cartoons* sobre coisas inúteis, tipo relacionamento, casamento, sexo [risos]. Deveria começar a fazer coisas de política e tal...

JEAN GALVÃO – O maior mercado para cartunista no Brasil tem muito de charge porque os jornais trabalham com um assunto, e a gente faz em cima desse assunto. Mas acredito que todo cartunista saiba fazer uma tira, um *cartoon*, uma charge, pois a linguagem é a mesma: o desenho e o humor. Então, a charge política ou a notícia é a pauta que vamos usar para fazer aquele *cartoon*, aquela ideia. São parecidos os trabalhos, já fiz bastante tira, fiz tira infantil muito tempo, então, são parecidos, o que muda um pouco é o tema. A charge, se for entrar em coletânea daqui a um tempo, ela vai precisar ser contextualizada, já a tira, pode ser lida daqui a um tempo e será entendida.

VOCÊ JÁ TRABALHOU COM CHARGES NÃO ENGRAÇADAS OU HÁ ASSUNTOS COM OS QUAIS REALMENTE NÃO DÁ PARA BRINCAR?

JEAN – O interessante de fazer as charges para UM BRASIL é que vemos as entrevistas e nos pautamos pelo que o entrevistado diz com base nas perguntas feitas. Em determinados assuntos, não precisamos necessariamente usar o humor, mas o chargista precisa de uma boa sacada para passar aquela ideia. No caso da charge [sobre problemas na educação], usei um caderno, e de cada dois alunos, apenas um conclui os estudos. Assim, eles estão subindo as linhas dos cadernos quando

começam. Usei as linhas como degraus, como se fossem uma escada. Na segunda cena, um está subindo, e o outro, parado. Então é uma forma de passar com desenho uma coisa que é triste, não tem humor ali. Já sabia que não haveria humor. Existem assuntos muito delicados, que não dá para usar humor. Você passa a ideia com sensibilidade, usando o desenho. Mas tem coisas em que você usa o humor, mas dentro do humor ainda tem a crítica. A charge não é sempre para rir. Há muitas charges antigas que trazem coisas bem fortes, há algumas de humor, algumas que ridicularizam o poder e outras que têm humor pelo humor. Às vezes, você quer fazer alguma coisa, por exemplo, do trânsito, dá para fazer também. Então é uma forma de trabalhar, como você vai trabalhar o tema e tem que ter bom senso do que fazer.

JEAN – Fazer o que você faz não usando o humor é mais difícil. Com o humor, nós temos ferramentas que usamos e estamos mais acostumados. Às vezes, o que acontece, hoje, é que as pessoas são muito pouco educadas com relação a interpretar uma imagem, assim como muita gente não entende um texto irônico. Às vezes, escrevemos algo irônico e temos que colocar entre parênteses “ironia”. A imagem também, a pessoa entende outra coisa, está bem complicado.

ATUALMENTE, MANDAMOS UMA MENSAGEM COM DOÇURA E A PESSOA INTERPRETA COM ÓDIO. VOCÊS JÁ PASSARAM POR ESSAS CONFUSÕES NO TRABALHO?

CACO – O que eu imagino que acontece é ter comentário falando, taxando aquela charge de nazista, fascista, e outro comentário embaixo falando que é coisa de comunista. Porque você está tratando de um assunto que é o Poder Público, e as pessoas enxergam isso das formas mais distintas. Você passou um recado, mas estamos vivendo este momento, esta polarização máxima em que o mesmo conteúdo é visto de maneiras completamente diferentes.

ADÃO – Na internet, quando posto, bastam três comentários para o negócio cair na baixaria total. “Você não

tem cérebro, você é um asno, decrépito mental.” Vai assim e depois vem algum familiar. Eu tenho familiares lá nazistas [risos], e familiar é ruim, pois é difícil você bloquear. Quando tem herança no meio, não dá [risos].

CACO, VOCÊ ESTÁ USANDO ISSO COMO INSPIRAÇÃO PARA ESCREVER, ESSA RELAÇÃO DA INTERNET COM AS REDES.

CACO – Sim, sim. Há tiras tratando sobre esse tema, esse momento, essa superpolarização que temos. A gente trata de assuntos, aqui, com o UM BRASIL, vemos e assistimos às entrevistas e é engraçado. Falando um pouco da história da charge no País, temos uma tradição incrível, com *O Pasquim*, e até antes disso, de charge política dentro da imprensa, com Millôr, Ziraldo, Jaguar, numa época em que aquela mensagem estava do lado bom e tinha o “Darth Vader” ali. Era muito claro aquilo naquela época. Você ter essa produção de charge em que está do lado certo, não tinha dúvida. Não tinha chargista a favor da ditadura. E isso funcionou durante um tempo. Agora, temos uma mesa em que não somos nem de direita nem de esquerda, somos críticos, e tem cartunista ou chargista que está botando material sem querer passar uma mensagem.

ADÃO – Eu sou “isentão caviar”, né?! [risos]. Fui morar na Argentina, cheguei em 2006, e achei muito estranho, pois existia uma polarização lá: os peronistas e os outros neoliberais. E eu achava muito estranho, porque no Brasil nós não tínhamos isso. E depois comecei a ver que isso começou forte no País, de uma forma muito selvagem, pois o Brasil não é o mais letrado do mundo, digamos assim. Então, esse negócio vira: “Eu vou quebrar a sua cara”. Por isso que liberar a arma funciona na Noruega, na Islândia; aqui, não.

TEM UM LADO MUITO MEDONHO DESSA POLARIZAÇÃO. VOCÊS ESTÃO FAZENDO PIADA COM ISSO OU JÁ PARTIU PARA A FASE “MELHOR NÃO MEXER COM ISSO”, PARA NÃO SER TAXADO DE “COXINHA” OU “MORTADELA”?

ADÃO – Eu faço, mas é difícil você ser um espírito livre. Eu não sou seduzido por nenhum lado, sempre fui mais esquerda, mas não essa esquerda. Trabalhei na prefei-

tura do Olívio Dutra [PT, ex-prefeito de Porto Alegre], mas entrei lá pelos meus serviços. Nunca achei que o governo Lula fosse um governo de esquerda, o governo Lula foi um governo de direita, mas que deu força aos pobres. Se Lula fosse esquerda, não ia gostar muito, pois eu não curto muito essas coisas de “bolivarianismo”. Não acho legal. Todo mundo diz que a Venezuela foi por terra por causa de sabotagem dos empresários, eu não acredito nesse negócio, desculpa.

NESSOS DOIS ANOS DE UM BRASIL, ALÉM DESSA POLARIZAÇÃO, A GENTE TEM UMA CRISE DANADA. AS OSCILAÇÕES ECONÔMICAS ESTIVERAM MUITO EM DEBATE. CRISE É OUTRO TEMA TRISTE, DESEMPREGO E TAL. DÁ PARA FAZER PIADA DISSO? RECUPERAÇÃO ECONÔMICA FICOU NO ASSUNTO DE VOCÊS, POIS FOI TEMA DE ENTREVISTAS, DEBATES. ROLA ESSA REFLEXÃO? OU, NO BRASIL, PODE FAZER PIADA DE QUALQUER COISA A QUALQUER MOMENTO?

ADÃO – Tem coisas que são complicadíssimas, se fizer piada, não dá.

CACO – Tem coisas que não são legais. Você vai fazer piadas de gays para quê?

ADÃO – Antigamente, podia, mas eu nunca fiz. Cada humorista tem seu tom.

CACO – Antigamente, havia *Os Trapalhões* e outras coisas que hoje não fariam o menor sentido. O jeito que o Didi tratava o Mussum era uma coisa que hoje estaria totalmente fora de cogitação. Pelo amor de Deus. Não tem que ter mesmo. Se você imaginar o personagem do Chico Anysio, que tinha uma mulher que era muito feia e tal. E ele ficava ali com uma garota, era um negócio que hoje não teria como. Esse é um humor antigo, ele fazia sentido naquela época. Hoje, obviamente, não faz mais. Porque ninguém vai achar engraçado.

VOCÊ CHEGA A FAZER E DEPOIS DIZER QUE ISSO NÃO ROLA HOJE?

ADÃO – Eu só tenho umas duas ou três piadas que publiquei, mas com um título tirando o meu da reta. Fiz

uma piada muito “foda”, mas, para me salvar, coloquei: “Pessoal é muito ‘escroto’”. Eu publiquei, mas ainda bem que ninguém se lembra.

JEAN – A pessoa, nessa polarização, para se posicionar, parece que tem que levar o pacote todo daquilo que significa. Às vezes, você tem valores de esquerda e de direita, mas, do jeito que está, você é isso ou aquilo. A polarização em si pode ser a matéria-prima para trabalhar uma charge. Agora, os chargistas também erram, e bastante. O que está acontecendo agora, essa questão da vacina da febre amarela. No começo do século 20, teve a Revolta da Vacina, e os chargistas da época criticavam o governo, só que precisava. O modo como o governo fez foi ruim, não comunicou, foi feito à força e tinha todo um contexto acontecendo no Rio de Janeiro. Só que a vacina em si era importante. Os chargistas foram na onda de que não podia tomar vacina.

ADÃO – Eu trabalhei para o jornal *Notícias Populares* e fui chargista de Copa do Mundo quando tinha acabado de chegar a São Paulo. Antes de terminar o jogo do Brasil, eu tinha que mandar a charge. Então, eu tinha duas – a da derrota e a da vitória. Entreguei para o editor, fiz uma charge muito ruim. O Brasil tinha ganhado, era hora de fazer charge da alegria. E eu fiz algo, sei lá, faltavam cinco minutos para rodar o jornal. Ai eu fiz o Parreira com umas serpentinas caindo, os caras dançando.

JEAN – *Cartoon* sobre futebol, eu não acompanho muito. Mas já teve uma época em que eu ilustrei uma coluna de futebol. É incrível como o futebol já é polarizado há muito tempo, dá muita repercussão e você é muito malhado. Porque se você faz do time que ganhou, o outro vai malhar e vice-versa. A política está ficando assim. Futebol já é assim, desperta paixões mesmo, fortes. Então, é bem complicado. Eu fazia charge para um jornal sobre futebol. Eu fui chamado para uma entrevista, mas foram as charges de futebol que me levaram até lá. Para as de política, ninguém ligava, mas as de futebol davam o que falar.

VOCÊS TIVERAM QUE, DE ALGUMA FORMA, SE INFORMAR UM POUCO MAIS SOBRE ALGO ANTES DE REALIZAR O TRABALHO?

CACO – Você fica assistindo à entrevista e anota palavras-chave. Depois, você pensa, assiste de novo. As entrevistas são incríveis, e não digo porque a gente está aqui. Mas as entrevistas são muito legais, então, dá um “tesão” de fazer o nosso trabalho. Acabei de assistir a um negócio legal, mas é claro que há alguns assuntos que parecem chatos, mas são bem interessantes.

ADÃO – Quando aquele assunto bate muito com você, faz o trabalho rápido e já vai esboçando e deixando redondo.

A LAVA JATO FEZ COM QUE DIVERSOS ASSUNTOS SE MISTURASSEM, COMO POLÍTICA, ECONOMIA E ATÉ ESPORTES. COMO VOCÊS LIDAM COM ISSO?

CACO – Tinha uma entrevista em que o entrevistado falava sobre o cesto de maçãs podres. Ai você pensa em Brasília, no Planalto, com as torres e a bandeja, aqueles pratos, você já coloca a cesta ali [em referência a uma charge sobre como a Lava Jato “pinçava” as maçãs podres do Congresso].

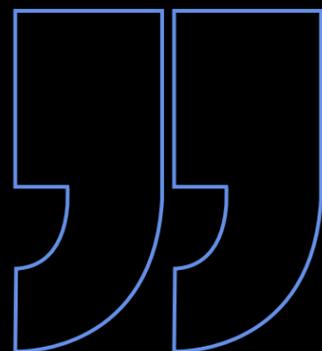
AS PRISÕES DA LAVA JATO MUDARAM MUITA COISA NO BRASIL?

CACO – Tem uma mudança. Percebemos que estamos vivendo um período de transição. Estamos no meio de uma transição, e não sabemos o que vai dar. Eu vivi os anos de 1980, ninguém falava o que tinha acontecido nos anos de 1910, por exemplo. A coisa começava a partir da década de 1920. E, agora, estamos no meio dos anos de 2010, e as coisas estão mudando. Estávamos falando na rádio sobre a questão do feminismo. Há vários assuntos sobre os quais você não consegue mais conversar. Com política, é a mesma coisa. Estamos passando por um processo que não sabemos aonde vai chegar, mas parece que estamos no meio de uma transição.

ADÃO – Corrupção sempre vai haver, mas tem de chegar o momento em que o político vai pensar duas ve-

Nós, chargistas, somos espectadores tanto quanto um leitor. Estamos observando tudo, só que tentamos cavar um pouco mais fundo para ver o que está acontecendo.

JEAN GALVÃO



zes. Na Argentina, o problema lá ou é igual ou maior do que aqui. Tudo é feito com propina.

VOCÊ CONSEGUE TER UM SENSO MAIOR DE JUSTIÇA APÓS ALGUNS POLÍTICOS PRESOS?

JEAN – Nós, chargistas, acredito, somos espectadores tanto quanto um leitor comum. Estamos observando tudo, só que tentamos cavar um pouco mais fundo para ver o que está acontecendo e tentar traduzir aquilo, tentar ter um olhar inédito, que nem sempre é fácil, mas somos parte e produto disso tudo que está acontecendo. Então, as coisas vão acontecendo, e tem hora que ficamos meio perdidos também. Às vezes, quando o assunto está confuso para mim, eu prefiro esperar um pouco para entender melhor aquilo e depois ter uma opinião. Então, é um olhar para aquilo e um olhar para a gente mesmo, como cidadão, como alguém que está ali. A gente participa desse processo de mudança e vai mudando junto.

AGORA, NA CHARGE, VOCÊS TEORICAMENTE ESCREVEM MENOS DO QUE NA TIRA. NÃO SEI SE ISSO É UMA LÓGICA. AÍ PERCEBO QUE UM ESCREVE MAIS DO QUE OS OUTROS. ISSO É UMA NECESSIDADE? COMO FUNCIONA ESSE PROCESSO?

JEAN – Fazer charge para UM BRASIL é um pouco diferente porque o conteúdo que a gente tem é interessante, são entrevistas de pessoas especializadas naquele assunto. Além dessa característica um pouco diferente da notícia, ela aponta o defeito, o que está acontecendo de errado. E aqui as entrevistas têm isso, mas, muitas vezes, esse entrevistado tem alguma ideia de solução para aquilo. Eu acho isso legal. Há uma corrente que pensa isso, que pensa aquilo outro. Então, você tem ainda mais informação para criar, e, às vezes, eu penso que algumas pessoas, principalmente em redes sociais, têm mais dificuldade para entender determinadas ideias. Uma vez, Ziraldo falou que você tem que fazer a charge para o leitor mais inteligente. Só que é complicado porque a charge atinge o máximo de pessoas possível. Então tem determinados assuntos que são complicados para mim,

que eu procuro, dentro da charge, colocar uma pitada de didatismo. Situar, dentro daquele quadro, o que está acontecendo e morrer com a ideia. Porque eu tenho que pensar que eu não estou fazendo a charge para meus colegas, estou fazendo para mais pessoas. Então, é claro, quando eu consigo uma ideia concisa, que passe tudo o que quero numa imagem, melhor. Mas se eu vejo que pode haver dúvidas, eu tento dar uma costurada. Talvez, por isso, eu escreva mais.

UMA DAS COISAS MAIS INTERESSANTES FOI A POSSIBILIDADE DE VOLTAR A SE FALAR DE VÁRIOS TEMAS, AO MESMO TEMPO, DE FORMA SÉRIA E POR MEIO DE CHARGES. VOCÊ ACHA QUE EXISTIRIA ESPAÇO PARA UM VEÍCULO COMO O PASQUIM NOS DIAS DE HOJE?

CACO – *O Pasquim* fazia um humor combativo. Em uma época que você tinha poucos tabloides. Agora, tem internet, então está tudo espalhado. Se você faz um jornal, como *O Pasquim*, totalmente de esquerda e criticando a direita, de novo, você não é unanimidade, longe disso. Então, é tudo diferente. Essa frase do Ziraldo: “Você tem que fazer pensando no seu leitor mais inteligente”, isso é muito arriscado de fazer hoje. Na Argentina, você tem um público leitor, o cara que tem cultura, tem outra bagagem. Aqui, cada vez menos. Então quando você pensa no roteiro, você pensa no alcance da TV, mesmo a cabo, e quem vai assistir àquilo. Se eu pensar que vou fazer para o meu melhor leitor, estou errado. Vou ter zero audiência. A gente hoje pensa muito mais no pior leitor do que no melhor. Esse cara tomou a frente, vamos dizer assim.

ADÃO – Eu não penso no leitor. Eu fico fazendo desenho, cara. Você fica imaginando o leitor?

CACO – No roteiro, eu imagino que tenha um público lá.

VOCÊS NÃO MOSTRAM PARA ALGUÉM O TRABALHO FEITO? COMO A ESPOSA, POR EXEMPLO?

ADÃO – Ela sempre diz que não gosta, e meus filhos não entendem [risos].

JEAN – Tem uma coisa engraçada acontecendo por causa da internet. Nossos principais concorrentes são os memes. Tem muita coisa besta, mas tem coisa inteligente ali que está pipocando o tempo todo. Então eu acho que o meme tem essa característica de não ser autoral, de ser algo que brota. Mas eu acho que temos que tentar ultrapassá-los, entende? Se não, deixa de ter sentido. Tem tanto meme, que eles banalizam um pouco a ideia de alguém ter alguma outra boa ideia. Meio que banaliza isso. Aí nosso trabalho passa a ser visto como um “desenhinho”. Então, temos que tentar ser cada vez melhores do que isso.

NÃO EXISTE UNANIMIDADE COMO NA ÉPOCA DE O PASQUIM PARA EXISTIR UM PRODUTO COMO AQUELE. ESTAMOS EM ANO DE ELEIÇÃO E ALGUMAS UNANIMIDADES SÃO REPETIDAS NOS DEBATES AQUI. DÁ PARA ARRISCAR POLITICAMENTE SOBRE CANDIDATOS COMO BOLSONARO OU OUTROS EXTREMOS? VOCÊ ACHA QUE, MESMO EM UM CENÁRIO COMO ESSE, AINDA É ARRISCADO PARA UM CHARGISTA TENTAR CRITICAR OU BRINCAR?

ADÃO – Acho que é ao contrário. Temos um prato cheio, pois estamos diante de uma situação em que talvez a Angélica [*Luciano Huck era cotado como um dos presidentiáveis, à época*] seja nossa próxima primeira-dama. Então, há uma coisa engraçada de cara.

CACO – Quando você chega e imagina que Luciano Huck possa ser a melhor solução, as coisas estão bem feias mesmo. Antes de tirar a Dilma, sempre falei que era melhor deixar o governo dela se arruinar sozinho e deixar o Aécio entrar. E eles fizeram essa “cagada” toda e agora estamos nessa.



ADÃO ITURRUSGARAI
JANEIRO 2018



JEAN GALVÃO ■■■
JANEIRO 2018 ■■■



CACO GALHARDO

JANEIRO 2018



“PRECISAMOS OLHAR SEGURANÇA E JUSTIÇA COMO BENS PÚBLICOS.”

ENTREVISTA ■■■■■
DENIS RUSSO ■■■■■

DIRETORA-EXECUTIVA E
COFUNDADORA DO INSTITUTO
IGARAPÉ, INSTITUIÇÃO DEDICADA
À INTEGRAÇÃO DAS AGENDAS
DE SEGURANÇA, JUSTIÇA E
DESENVOLVIMENTO, **ILONA SZABÓ**
DEDICA-SE A ESSE ASSUNTO HÁ 15
ANOS. EM TEMPOS DE ESCALADA
DA VIOLÊNCIA, ELA DEFENDE,
ENTRE OUTRAS INICIATIVAS,
ABORDAGENS DE INTELIGÊNCIA
E PREVENÇÃO PARA COMBATER A
CRIMINALIDADE. E, COMO UMA DAS
IDEALIZADORAS DO MOVIMENTO
AGORA!, RESSALTA A NECESSIDADE
DE RENOVAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

ESTAMOS VENDENDO O TEMA DA SEGURANÇA PÚBLICA SE MOVER PARA O CENTRO DO DEBATE NO BRASIL. ISSO É UMA NOTÍCIA BOA OU RUIM?

É uma notícia boa, mas traz desafios, porque a gente está em uma época polarizada em que muitos se colocam em um posicionamento de ser contra ou a favor. A primeira mensagem que eu quero deixar é que não tem lado. Segurança pública é um bem público, a gente só vai estar seguro se todos estiverem seguros. A gente tem uma grande oportunidade, que é poder pautar um debate baseado no que funciona, em fatos, evidências, experiências bem-sucedidas, tanto nacionais quanto internacionais, e poder conversar com a população, contar um pouco a história. Tem muita coisa que é mito, a gente tenta trazer os fatos e colocar esse tema na nobreza de outros direitos sociais. Se a gente for pensar em saúde, educação, segurança pública, precisa ter esse status. Sem segurança, não há desenvolvimento. Nesse sentido, é até mais importante pensar em proteção da vida para poder prover educação de qualidade, saúde de qualidade aos lugares onde a gente hoje não consegue entrar.

HÁ UMA SENSAÇÃO GENERALIZADA DE DESCALABRO, DE PERDA DE CONTROLE, DE QUE A GENTE ESTÁ EM UM MOMENTO DE CAOS NA SEGURANÇA PÚBLICA. A CIDADE DO RIO DE JANEIRO É UM EXEMPLO DRAMÁTICO DISSO. A GENTE PERDEU O RUMO NA SEGURANÇA PÚBLICA?

A gente nunca teve. Historicamente, na década de 1990, a gente teve a pior crise, os piores indicadores. Sou de Nova Friburgo, do interior [*do Estado do Rio de Janeiro*]. Eu cresci sem medo. Quando me mudei para o Rio de Janeiro, deparei-me com aquela situação de desigualdade tão visível. A maior parte dos meus amigos, dos colegas de trabalho, nunca tinha pisado em uma favela, e aquilo mudou a minha trajetória. Eu trabalhava em banco de investimentos, tive que me confrontar e dizer: “Não, onde é que eu vou botar minha energia?”. O incômodo muito grande que é a desigualdade junto com essa questão de você não poder ir a um lugar que está a 100 metros da sua casa. A gente mora no pé do morro, e no morro você não sobe. A segurança pública tem que ser pensada com base no nosso lócus de convivência. Todos

nós queremos viver em cidades mais seguras. A gente quer conviver, viver em paz. E como a gente chega lá? Um caminho vai nos levar para um mundo de muros muito mais altos, carro blindado, porte de armas para quem pode comprar, segurança privada. E o outro, em que acredito, porque vi acontecer, é um caminho no qual minha filha brinca na praça sem ter medo de ela estar fazendo esse trajeto. Quero andar nas ruas de dia, à noite, sem sentir medo. Onde a gente vai entender, porque segurança e justiça são bens públicos. E disso a gente não pode abrir mão.

O TEMA DA SEGURANÇA PÚBLICA É MUITO CITADO POR POLÍTICOS DE DIREITA. ONDE ESTÁ A ESQUERDA NESSE DEBATE?

Recentemente, vi uma entrevista do prefeito de Medellín, cidade da Colômbia que conseguiu reduzir a taxa de homicídio em 90% e manter [*esse índice*] ao longo de diferentes gestões, de diferentes partidos. Ele diz que não é assunto nem de direita nem de esquerda, “é um direito do cidadão, e eu não tenho o direito de desfazer políticas públicas bem-sucedidas do gestor anterior”. Acho que tem três premissas para a segurança pública no Brasil. A primeira é entender o que eu falei: é um bem público. A segunda é que nós precisamos de uma agenda clara baseada em evidências, dados, monitoramento e avaliação com metas, indicadores e muito apoio da sociedade para que isso siga no trilho. O terceiro ponto é a continuidade. Onde a gente viu a virada de jogo – seja em Nova York, que tinha lugares tão ou mais perigosos do que o Rio de Janeiro, seja em Medellín, Bogotá, Cáli, Miami –, teve envolvimento da sociedade e de todos os setores. A gente acha que segurança pública é polícia. É muito mais. Tinha toda a sociedade, academia, líderes sociais, empresariado, estava todo mundo junto, igrejas, todos.

O QUE O BRASIL PRECISA APRENDER SOBRE SISTEMA DE SEGURANÇA PÚBLICA?

No Brasil, o que a gente chama de “segurança pública” e “justiça criminal” é um sistema que tem gover-

nança absolutamente falha, porque ele não tem um chefe. Ele começa com a prevenção. Tem prevenção primária, secundária, terciária. São diferentes níveis de tratar como previne, como interrompe o fluxo, como trabalha desde a universalidade de políticas sociais aos atores em áreas de risco e às pessoas que já passaram pelo sistema de justiça criminal. Aí vêm as polícias. A gente, geralmente, bota tudo na conta delas, acha que são responsáveis por resolver o problema todo, e não vão. Temos o Ministério Público, a Defensoria Pública, as varas criminais e o sistema penitenciário. Tem atribuições, e essa agenda que é fundamental para o nível municipal, nível estadual, nível federal e para os três Poderes. Há 15 anos estou olhando para esse tema. A gente já sabe quais são as propostas. É dever nosso dialogar, escutar a população, conectar com os sentimentos e também trazer as informações, justamente porque tem muito mito nesse debate. Então, é um dever dos especialistas, das pessoas que estudam e dos gestores aproveitar esse momento para fazer o diálogo. Mas não tem que inventar a roda. A boa notícia é que a gente sabe quais são essas políticas públicas.

TUDO MUNDO QUER VIVER EM UM PAÍS MAIS SEGURO, NÃO IMPORTA O POSICIONAMENTO POLÍTICO OU A CLASSE SOCIAL. QUAL É A FÓRMULA?

Tem solução, sim. Dá para começar a melhorar já, mas a gente vai ter que trabalhar no longo prazo. Foram décadas de negligência. E você pode colocar aí Executivo, Legislativo, Judiciário. Na agenda municipal, tem exemplos hoje muito bacanas. As prefeitas de Pelotas, Paula Mascarenhas, e de Caruaru, Raquel Lyra, estão empreendendo no âmbito municipal com um ótimo plano, assumindo dificuldades e o que o município pode fazer. A gente começa por aí, falando em prevenção. O município precisa focalizar as ações de desenvolvimentos social e econômico nos grupos, áreas e comportamentos mais vulneráveis à violência. Olhar para evasão escolar, olhar distorção, idade, série, 75% da nossa população carcerária não chegaram ao ensino médio. Então, a gente sabe onde está perdendo. Hoje, a gente sabe que

o melhor investimento em prevenção da violência é na primeira infância. Se você tiver traumas, se foi exposto a grandes violências naquele momento, pode, sim, desenvolver comportamentos mais violentos e achar que é um *modus operandi* da vida adulta. Há impactos neurológicos, não só físicos, mas emocionais.

O QUE PODE SER FEITO NESSA INSTÂNCIA?

O prefeito pode cruzar dados – da saúde, da educação, da assistência social, do urbanismo – para detectar quais são os núcleos mais vulneráveis de famílias. Tem uma mãe que é solteira, que está com dependência química, que tem um filho evadido da escola, outro bebê que está desnutrido, quer dizer, quais são as políticas sociais que precisam chegar a nesse núcleo familiar para que este não tenha como opção a falta de opção, não é?! Acho que o papel da escola nessa prevenção é disputar cada jovem. A escola hoje expulsa o jovem “problema”. E o jovem “problema”, em geral, tem liderança, tem proatividade, às vezes, pode ser o provocador, mas precisa trabalhar isso para o bem.

DE QUE FORMA?

Tem muitas metodologias para os professores usarem, mas também para os jovens entenderem como aproveitar a energia que têm para questões produtivas. A gente está desenvolvendo, com a Prefeitura de Paraty, o Observatório de Prevenção de Violências, principalmente, para dar esse instrumento para o prefeito, que é um painel de controle para saber aonde ele não pode deixar de chegar. Às vezes, você ajuda um irmão, mas esquece de quatro outros, e aí a mãe não dá conta, sabe?! Como é que a gente apoia essa mãe? Além disso, a prefeitura enxerga muito o papel das guardas municipais. É importante também modernizar, conectar com a população, ver como a guarda pode compor com a polícia em patrulhamento de áreas turísticas, de manchas criminais, enfim, tem toda uma agenda também de ordem pública que é muito importante. No capítulo “polícia”, a gente tem um dever de casa grande para fazer.

**QUAL SERIA ESSE DEVER?**

Nesse capítulo, a gente não democratizou. Tem um modelo de polícia que foi o possível em um pacto democrático, na época da Constituição. Uma polícia militarizada, que tem um treinamento de combate ao inimigo. Não é uma polícia cidadã. A gente tem no Brasil um modelo partido de Polícia Militar e de Polícia Civil. Na maioria absoluta dos lugares do mundo, a polícia tem o ciclo completo, como a gente chama, faz tanto o patrulhamento nas ruas quanto a investigação. Então, tem chão para percorrer nesse sentido. Tem propostas iniciais, que é a iniciativa “número um” do mundo de redução de crime quando você olha do lado policial. É policiamento orientado para o problema. Policiamento de manchas criminais. Como você usa dados de tecnologia da informação para dissuadir, para prevenir o crime? Pouquíssimas cidades brasileiras, capitais, têm esse tipo de instrumento. Isso está muito acessível, custa muito barato. É você treinar seus agentes criminais para colocar o policial no lugar certo, na hora certa. No Rio de Janeiro, o Instituto Igarapé conseguiu formalizar uma coalizão, desde 2015, de lideranças empresariais, profissionais liberais locais para apoiar a Secretaria de Segurança Pública nessa doação de um sistema de análise criminal. Justamente para o Estado do Rio poder fazer policiamento de manchas criminais. Foi implementado em um ano de crise com grande sucesso, com grande empoderamento da polícia.

ESSE SISTEMA ESTÁ EM OPERAÇÃO?

Está totalmente implementado desde o fim do ano passado. Os policiais e todos os analistas criminais do Estado foram treinados. Na verdade, o que gostaríamos de deixar para o próximo governador é o painel de controle para ele poder saber se o planejamento que esse sistema permite está sendo executado e ver, em tempo real, se os recursos humanos e físicos disponíveis estão alocados de acordo com os problemas. Porque aí você vai ter como dizer se funcionou ou não. Em todos os lugares do mundo onde foi implementado, funcionou, não acho que seria di-

ferente no Rio de Janeiro. Em São Paulo, o Infocrim é um sistema que já faz isso há bastante tempo, e, certamente, a cidade está bem melhor do que o Rio quanto à segurança.

E COM RELAÇÃO AOS RECURSOS HUMANOS?

O Ministério Público precisa fazer um trabalho muito maior de fiscalização da atividade policial. O agente da lei não pode descumpri-la. Nós temos excelentes policiais, mas também temos policiais que usam excessivamente a força. Isso é inaceitável, porque, se ele é o agente da lei, é o primeiro a ter que cumpri-la. Quando a sociedade joga pela máxima do “bandido bom é bandido morto”, quem está no fogo cruzado? O policial está no fogo cruzado, o bandido está no fogo cruzado e nós estamos no fogo cruzado. Todo mundo perde. Essa é a lógica da insegurança pública. Mesmo nos lugares mais violentos do mundo, hoje, mesmo em uma guerra, as ações mais eficientes são de contra-insurgência: você infiltra, vai certo. Não faz repressão generalizada. Enfim, o Ministério Público pode fazer um papel muito mais ativo na fiscalização. A Defensoria tem que ser fortalecida. Hoje, temos 40% de presos provisórios, somos o terceiro País com maior população carcerária do mundo: 726 mil presos. A gente tem 40% dessas pessoas esperando julgamento. Tem um déficit de defensores. Pessoas pobres não têm direito a defesa, não têm como pagar. Muitas vezes, essas pessoas que estão lá provisoriamente serão absolvidas. O crime organizado nasceu nas cadeias, seja PCC, seja CV, seja tudo o que a gente está vendo. É de lá que eles comandam. De quem é a responsabilidade? É do Estado. É uma falha, uma negligência. Hoje, tem toda uma tecnologia que bloqueia celular, detector de metal. Não é prioridade deles, não é por falta de recurso. Obviamente, em relação à Justiça, a gente também não tem proporcionalidade. O importante não é o tamanho da pena, é a certeza dela. E pena de privação de liberdade é o último recurso em qualquer lugar do mundo. É caro, é ineficiente. Então, de fato, a prisão é para pessoas perigosas. Você tem várias outras maneiras alternativas de punir, mas com penas gradati-

vas, o que a gente chama de “proporcionalidade”. No Brasil, a gente acha que tudo se resolve na prisão. O fim dela é diminuir a criminalidade, é dar uma chance para aquela pessoa se inserir. Como é que você acha que elas voltam [para a sociedade]?

COMO ELAS VOLTAM?

Quebradas emocionalmente, mentalmente, ou recrutadas [pelo crime organizado], porque não vão ter emprego. No Rio, nem 2% dos presos trabalham. Como disse, 75% não chegaram ao ensino médio. Não têm estudo, não têm trabalho. Somos o País que mais mata no mundo: 61 mil homicídios em 2016. Nem 10% estão presos por homicídio. No último levantamento, bem antigo, nem 8% dos homicídios eram esclarecidos.

NOVENTA POR CENTO DOS HOMICÍDIAS CONTINUAM SOLTOS...

Qual é a agenda? Primeiro lugar, é definir esse pacto federativo: qual é o papel do município, do Estado, do governo federal e dos Poderes do Estado. Porque não adianta o Congresso ficar jogando contra, querendo medidas de segurança, liberar o porte de arma. A maioria esmagadora das pesquisas mundo afora diz: mais arma em circulação, mais violência. Um cidadão de bem, um belo dia, pode ter um lapso.

AS PESSOAS VÃO FICAR COM RAIVA, E O CLIMA ESTÁ PROPÍCIO...

Crimes passionais, raiva, em uma sociedade polarizada. Novamente, o Congresso tem um papel muito importante, e o Judiciário também. Não é só o Executivo. Rediscutir como essas pessoas são responsabilizadas, as instituições, os agentes. Um segundo ponto: priorizar os crimes violentos. Precisamos ter foco na redução de homicídios. Se a gente não consegue ter o direito à vida, e os outros? E as outras violências? Os outros problemas ficam pequenos perto desse. Acho que a partir de resignificar, revalorizar a vida, o custo da vida, a gente vai conseguir lidar com o mito do brasileiro cordial. Nós não somos cordiais. Nós

somos um país extremamente violento. No trânsito, nas nossas casas, na violência doméstica, nos abusos infantil, físico e sexual. E, obviamente, a expressão máxima disso está nos homicídios, mas há violências imensas, minorias, violências com o grupo LGBT, tem para todos os grupos. Agora, homicídio não tem volta. E o que a gente faz com isso? Políticas de prevenção, como investir em investigação. A gente não investiga. Prende em flagrante.

QUASE TODO MUNDO QUE ESTÁ NA CADEIA HOJE FOI PRESO EM FLAGRANTE?

Foi preso em flagrante. Então, investigação. Não tem mistério. Tem cartilha prontinha mundo afora, aqui, precisamos investir em perícia e investigação. E numa política de regulação responsável de armas. Não a proibição, você pode possuir na sua casa, assumir essa tutela. E faça bom uso – de preferência, não use. Agora, portar infringe a nossa liberdade também, porque aumenta o risco coletivo.

VOCÊ TAMBÉM DEFENDE UMA REFORMA DO SISTEMA PENITENCIÁRIO, NÃO É?!

Está muito sucateado. Tem 358 mil vagas faltando, milhares de mandados de prisão em aberto. Entre as mulheres que estão presas, 62% estão lá por delitos relacionados a drogas. Tem mulher violenta? Tem, mas a maioria não é violenta. A maioria (64%) das mulheres que está lá tem pelo menos um filho. O que está acontecendo com essas famílias? Onde estão essas crianças? Alguém já foi a algum abrigo para ver o que é abrigo de criança de mãe presidiária? Em geral, quando a mãe está presa, o pai já está preso ou não existe pai. Enfim, tem que ter uma conversa séria de como a gente para de perpetuar um ciclo de exclusão e violência. Estamos todos pagando essa conta.

MUITO DO QUE VOCÊ FALA SÃO MUDANÇAS SISTÊMICAS NO LONGO PRAZO PARA AS QUAIS PERCEBO UMA IMPACIÊNCIA NO DEBATE PÚBLICO.

Esse policiamento orientado para problema é imediato, custa muito barato colocar, todos os Estados



brasileiros podem fazer isso honestamente no curtíssimo prazo. Dá resultado, no mundo inteiro deu. Do lado da prevenção, evasão escolar é isso: se o menino faltou cinco vezes, se a menina faltou, cadê o Conselho Tutelar? Já foi na casa dele? O que está acontecendo? Isso muda do dia para a noite, você está salvando a vida do dia para a noite. Essa medida é imediata, como é também, por exemplo, você olhar para esses núcleos familiares. Há dado deles que a gente não cruza. Se você se organiza em uma prefeitura, em três meses detecta onde tem que fazer aquele reforço. E, do dia para a noite, isso traz impacto para os números da criminalidade, sim. Quem fez, teve. Também em países em desenvolvimento.

VOCÊ É UMA DAS CRIADORAS DO MOVIMENTO AGORA!, POR RENOVAÇÃO POLÍTICA, O QUE TEM A VER UMA COISA COM A OUTRA?

Nunca imaginei que as pautas ficariam tão casadas na renovação política e segurança pública. Tem tudo a ver, porque a gente está olhando, na verdade, uma visão de um país. Quando a gente pensa em segurança pública, essa visão está muito evidente. A gente está tentando isso há muito tempo. Por exemplo, essa mistura de Exército, segurança nacional, defesa com segurança pública. O Exército é uma instituição que tem planejamento no longo prazo. Está ali. Para a segurança pública, nós não temos. A gente teve, desde a democratização, três planos pouco financiados e que tiveram continuidade zero. Então, nunca tivemos de fato uma política nacional.

E AÍ NÃO DÁ PARA COLOCAR A CULPA NO PT, NO PSDB NEM NO MDB. TODO MUNDO COMPARTILHA ESSA CULPA.

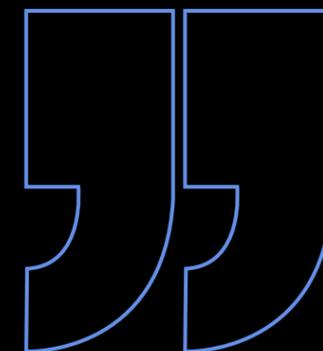
Todo mundo junto. Na democratização, esse foi um tema pouco debatido, talvez pelo trauma. A gente tem a chance, agora, de colocá-lo de uma forma diferente. Dá para fazer coisa hoje? Dá. Mas se a gente não tiver essa visão de longo prazo, vai voltar ao mesmo lugar. E se a sociedade não se envolver, as políticas não terão continuidade. Não dá para disso-

ciar, as pautas são essas. E no caso do movimento Agora!, é uma das dez prioridades. Estou há 15 anos trabalhando com segurança pública, mas o Brasil precisava de muito mais. Interseção dos temas. Eu via na prática as questões de saúde; educação; planejamento urbano; assistência social, que estavam absolutamente direcionadas a mim; desemprego; modelo de Estado; e acesso ao serviço e falei: “Bom, temos um problema. Para resolvê-lo, vou ter que fazer várias outras coisas junto”. E no momento em que o Brasil se escancarou, o que a gente já sabia ficou muito evidente. Quer dizer, o sistema estava funcionando para se retroalimentar, para manter interesses próprios e privilégios. O Agora! vem em um momento de necessidade, de se ver como protagonista. É uma nova geração que se junta para organizar um movimento cívico. Estamos assinando compromisso com dois partidos, o PPS e a Rede, justamente para permitir que os membros do Agora! possam entrar enquanto candidatos com a agenda do movimento. A gente tem uma independência de levar uma agenda, mas, ao mesmo tempo, a possibilidade de influenciar a agenda do partido e as práticas democráticas desses partidos. É uma inovação, vamos ver no que vai dar. Essa renovação, acho, também é geracional, porque, hoje, a representação do poder está em uma geração que precisa abrir espaço para outra. Ela cumpriu um papel, deixou um legado, mas cometeu muitos erros também. E o conhecimento que a gente tem hoje em lideranças novas, em todas as áreas da sociedade, precisa ir para o governo. O governo tem que se modernizar. Tem que chegar mais perto dos cidadãos, tem que resolver o problema das pessoas. Dá para fazer, não é simples. Arregaçar as mangas, sentar junto, falar com gente diferente, mas dá para fazer.

COMO VOCÊ ACHA QUE VAI SE INFILTRAR NO SISTEMA? VAI SER CANDIDATA? VAI ENTRAR NO PARTIDO?

Foi uma grande reflexão, todos os membros do Agora! passaram por ela. Neste momento, como estou em duas agendas-chave – segurança pública e renovação

Quando a sociedade joga pela máxima do ‘bandido bom é bandido morto’, quem está no fogo cruzado? O policial, o bandido, nós. Todo mundo perde. Essa é a lógica da insegurança pública.



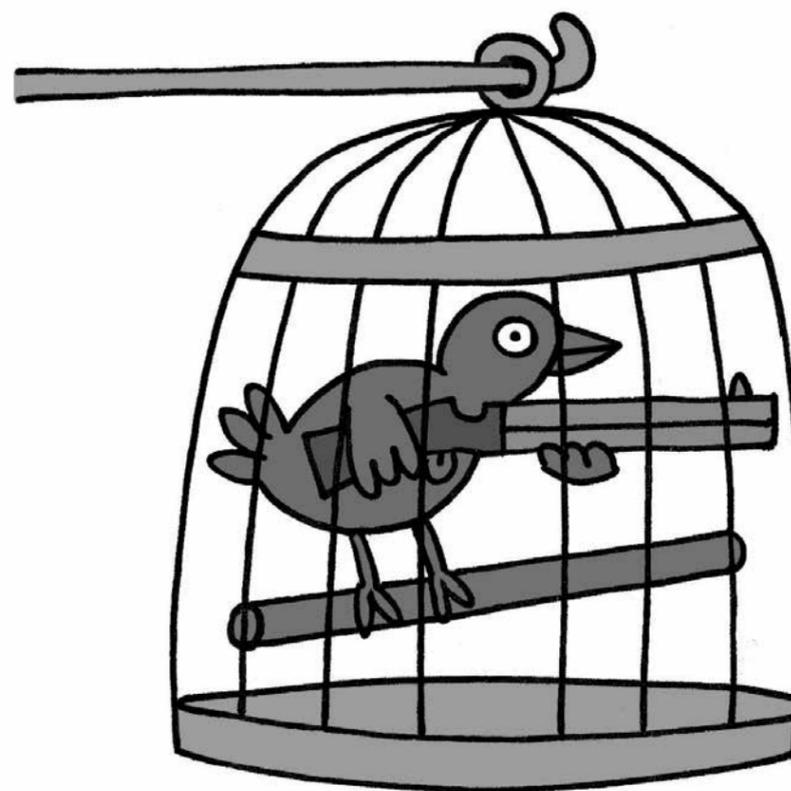
política –, achei que não dava para abrir mão dos espaços que conquistei para entrar na política partidária. Estarei envolvida na causa e na inovação política, quero ajudar meus amigos que querem se candidatar. Mas vou ficar no meu chapéu atual, que é duplo.

DE QUALQUER MANEIRA, VOCÊ TEM UM COMPROMISSO QUE ASSUMIU COM O MOVIMENTO QUE AJUDOU A CRIAR.

No Agora!, a gente olha um para a cara do outro, e diz: “Caramba, abriu um mundo, cada pessoa trouxe um mundo novo. Como não dá para fazer nada?”. Não dá para fazer nada sozinho. Então, você precisa do coletivo, a mudança tem que ser coletiva, ninguém vai salvar ninguém. Vai ter que ter muita gente boa fazendo junto. O Agora! está num ecossistema muito bacana, com muitos outros movimentos florescendo, acontecendo, muita gente se engajando. Essa novidade tem o desafio de vencer o medo do novo. Então, eu faço esse apelo, vamos tomar o risco, porque o que está aí, a gente já sabe, é muito ruim. E a gente vai começar a mostrar nossa agenda a partir de abril, obviamente aberta à discussão. A agenda é para domínio público. Nossos membros que deverão ser candidatos têm a obrigação de seguir a agenda. Mas qualquer candidato que queira, pode pegar uma parte. A gente está chamando de “carta-mandato”. Então, leve nossa carta-mandato com as nossas propostas, metas e indicadores para a área que quiser. Nós vamos estar sempre atualizando, trazendo conhecimento. O Agora! nunca vai deixar de ter um pé na sociedade, porque foi aí que nasceu, mesmo que ele ganhe corpo no sistema partidário.



ADÃO ITURRUSGARAI ■■■
FEVEREIRO 2018 ■■■



ADÃO
(d'après Glauco)

O QUE SOMOS LÁ FORA

ENTREVISTA ■■■■■
JAIME SPITZCOVSKY ■■■■

“O BRASIL É UM PAÍS QUE PROFESSA A INTEGRAÇÃO E CULTIVA O ISOLACIONISMO.” A AFIRMAÇÃO É DO **DIPLOMATA MARCOS DE AZAMBUJA**, PARA QUEM O PAÍS ACOMPANHA AS TENDÊNCIAS GLOBAIS COM CERTO ATRASO. AO AVALIAR A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA, ELE OPINA QUE HISTORICAMENTE NÃO DEMOS A DEVIDA IMPORTÂNCIA À INSERÇÃO NO CENÁRIO MUNDIAL. AZAMBUJA ACREDITA QUE NOSSOS PROBLEMAS INTERNOS SERÃO RESOLVIDOS POR MEIO DE UMA AÇÃO DESCENTRALIZADA. E QUESTIONADO SOBRE A EBULIÇÃO SOCIOPOLÍTICA DOS ÚLTIMOS ANOS, PONDERA QUE “SEMPRE QUE HÁ UM SURTO DE DESENVOLVIMENTO, ELE COSTUMA VIR ACOMPANHADO DE IMENSA CORRUPÇÃO”.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

QUAL É O PAPEL DO BRASIL NO SÉCULO 21, UM PERÍODO HISTÓRICO DE MUDANÇAS, COM A ASCENSÃO METEÓRICA DA CHINA?

Um papel crescente. O Brasil é uma síntese. Se o País não der certo, o mundo não vai dar certo. Não como pretensão, mas porque o Brasil é um microcosmo. O Brasil é uma síntese de raças, de culturas, de situações, de espaços. Portanto, é importante para o mundo que dê certo. Se nós não dermos certo, as condições para o mundo ficam prejudicadas, então, o Brasil tem um papel crescente. Há agora uma tendência de achar que o Brasil era um País que se julgava inferior ao que era; um país vira-lata. A expressão ganhou certo trânsito, mas o Brasil tem de jogar dentro de suas possibilidades. Nem excesso de protagonismo, nem excesso de modéstia. O Brasil está chegando lá: quase uma grande potência, mas ainda só uma potência regional com projeções mundiais.

A DISCUSSÃO SOBRE A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA FICOU POLARIZADA NOS ÚLTIMOS TEMPOS. NA SUA VISÃO, COMO SE SITUA HOJE A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA?

O Brasil já é uma grande potência agropecuária. Em matéria de commodities, o Brasil é também uma grande potência. Em matéria de projeções territorial, demográfica e de presença, o Brasil já é maior. E em termos de ciência e tecnologia, é um País intermediário. Então, o Brasil é um país de difícil conceituação. Cada vez que eu começo a definir o Brasil de uma maneira, o que eu não defini começa a aparecer. O Brasil tem uma capacidade de ser simultaneamente muitas coisas. Eu acho que durante o período Lula (e começou um pouco no período do Fernando Henrique), o Brasil foi protagonista, mas teve um protagonismo sensato. O que o País não pode é ter um protagonismo teatral que vai além do seu real poder, porque se engana e engana os outros. Em outras palavras, um país não pode escolher ser alguém do que ele é, mas não deve ser além do que ele pode.

AS ELITES ECONÔMICAS E POLÍTICAS DIRIGENTES BRASILEIRAS DÃO A DEVIDA IMPORTÂNCIA À POLÍTICA EXTERNA E À INSERÇÃO DO PAÍS NO CENÁRIO GLOBAL?

Não. Isso é até natural, porque o Brasil tem uma geografia e uma história tão serenas. O Brasil é um remanso estratégico, é um lugar em que pouca coisa acontece em termos de repercussão mundial. Nós estamos fora dos grandes eixos de tensão, não estamos na linha dos grandes conflitos. Historicamente, o Brasil não tem vizinhos que o guiassem nem está em nenhuma daquelas linhas de divisão de poder ideológico ou militar. Por isso a política externa tem um interesse acessório, mais de curiosidade do que de preocupação. Às vezes até com um pouco de condescendência, nós achamos que o resto do mundo tem encrencas que nós não temos. Brasileiros geralmente têm essa sensação de que a história e a geografia mais confortáveis promoveram menos desafios, menos oportunidades, mas também menos conflitos. De modo que nós não temos uma guerra com o vizinho há mais de cento e poucos anos; na nossa lembrança, o conflito é uma coisa remota.

EM PLENA GLOBALIZAÇÃO, O BRASIL PODE SE DAR O LUXO DE TER A POLÍTICA EXTERNA COMO INTERESSE SECUNDÁRIO?

Não, mas o País consegue manter a ilusão da sua autonomia. O Brasil tem uma tendência a achar que não está integrado no mundo, que conflito é sempre lá e nós somos uma ilha de paz protegida. Não se inscreve nas grandes cadeias mundiais de produção e de comercialização. O preço que o Brasil paga pela suposta paz e tranquilidade é uma certa irrelevância nos grandes processos internacionais.

O BRASIL ESTÁ PREPARADO PARA PARTICIPAR DESSAS TRANSFORMAÇÕES QUE ESTÃO ACONTECENDO EM RELAÇÃO AO PODER E DESENVOLVIMENTOS POLÍTICO E ECONÔMICO?

Olha, o Brasil é um pouquinho retardatário, chega um pouco atrasado nas coisas. O Brasil tem uma tendência a “perder o bonde”, demora muito em acertar. A história



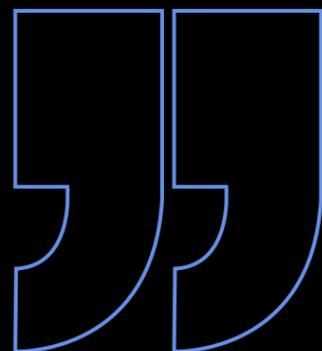
do Brasil não tem muitos erros, porque a história do País tem a demora no acerto. Eu estou convencido que o Brasil vai se arrumar não por uma definição central de um governo, mas por acertos setoriais. Quer dizer, pouco a pouco, o Brasil começa a dar certo em um município que resolve bem a educação, no outro que resolve melhor a saúde, outro que resolve mais a produção de alimentos. E o Brasil vai ser uma grande tapeçaria que vai se resolver. O Brasil não é um País pela sua complexidade que possa ser governado de uma cidade. Eu estou aqui, em São Paulo, não estou em Brasília, não estou no Rio de Janeiro, quer dizer, sempre que eu estou no Brasil eu estou no lugar errado, porque há duzentos outros lugares que

são polos naturais de crescimento. Então, o Brasil tem de aceitar isso. Não há uma fórmula única, centralizadora. O que vai haver em um certo momento é um somatório de acertos que vão produzir o que nós tanto esperamos, um Brasil que finalmente chegue lá.

O SENHOR TESTEMUNHOU O NASCIMENTO DO MERCOSUL, EM 1991, QUANDO ERA EMBAIXADOR EM BUENOS AIRES. QUAL É A SUA AVALIAÇÃO DESTES E DE OUTROS BLOCOS DE LIVRE-MERCADO?

O Mercosul deu certo no que não se esperava. Deu certo como um processo de integração político-democrático,

Um país não pode escolher ser aquém do que ele é, mas não deve ser além do que ele pode.



fortaleceu as democracias, o entendimento, a amizade, e não deu muito certo como uma zona de economia integrada. Porque os países queriam uma retórica da integração econômica, mas estávamos todos casados com a ideia do nacionalismo econômico. Essa diferença entre o discurso e o comportamento é muito frequente no Brasil. É um país que professa a integração e cultiva o isolacionismo.

NA ALIANÇA DO PACÍFICO, UM BLOCO INICIADO EM 2012 UNINDO MÉXICO, CHILE, COLÔMBIA E PERU, ESSE PROCESSO AVANÇOU MAIS DO QUE O MERCOSUL NOS ÚLTIMOS ANOS. É PARA SE OLHAR COM INVEJA ESSA ALIANÇA?

Eu acho que sim. O Pacífico está dando mais certo que o Atlântico Sul, e nós precisamos chegar lá. O Brasil tem que desenvolver estradas, ferrovias, acessos portuários, tem que fazer parte. Estamos muito perto do Pacífico; no Acre, a distância é de 250 quilômetros, o que em termos geopolíticos não é nada.

AO ACEITAR A ADESÃO DA VENEZUELA, O MERCOSUL COMETEU UM ERRO?

A Venezuela é um sócio desejável. É um grande país. Mas não estava totalmente harmonizada com os objetivos do Mercosul. Uma democracia fragilizada, imperfeita naquele momento, que hoje se agravou mais ainda. A Venezuela não deveria ter sido um membro pleno, então, e isso é um outro pecado da América do Sul, uma retórica populista, integracionista, associativa. Neste caso, com a Venezuela, houve um erro de antecipação. E o problema da Venezuela para nós é que o Brasil é um vizinho distante, embora seja uma expressão que pareça paradoxal. Quem se importa com a Venezuela imediatamente é a Colômbia, o Peru, o Equador. Esses são os países que têm com a Venezuela uma história compartilhada, uma grande integração política, afinidade de todo o tipo e a própria ideia bolivariana. O Brasil é um vizinho distante. Nós temos com a Venezuela uma relação tangencial. Portanto, eu acho que a Venezuela entrou um pou-

co cedo demais no Mercosul, e, ao entrar, em vez de fortalecer o sistema, tornou-o um pouquinho mais frágil, pouco mais contraditório.

QUAL É A SUA PERCEPÇÃO SOBRE O BRICS?

Olha, primeiro, é uma aliteração feliz. A palavra “Brics” deu certo por causa da combinação das letras, é um grupo prestigioso. Estar com a Rússia, com a Índia, com a China e com a África do Sul, é um clube bom. É um clube de “cachorro grande”. Eu digo sempre que o Brics é o único clube que eu conheço em que tamanho é documento. Não há pequenos ali. Mas o Brics não tem uma afinidade real entre China, Índia, Brasil, Rússia; não há agendas naturalmente próximas. Nós temos de desenhar uma aproximação. Eu creio que seja um caminho possível. Eu não arriscaria uma aposta excessiva, mas eu não sairia nunca do Brics. Eu creio que o Brics nos dá estatua, dá-nos prestígio, coloca-nos naquele círculo de países que quase são membros plenos do diretório do poder. Do Brics, China e Rússia já são. Índia, Brasil e África do Sul são aspirantes a isso. Portanto, eu acho que o Brics tem esse mérito. Agora, achar que ele possa ser um instrumento eficaz de ação política em muitas frentes, não acho. Entre nós, há mais diferenças do que afinidades.

O SENHOR AVALIA QUE NÓS TEMOS NO BRASIL UM NÍVEL DE DEBATE COM CONHECIMENTO ADEQUADO OU SUFICIENTE SOBRE A CHINA (O PAÍS É O NOSSO MAIOR PARCEIRO COMERCIAL DESDE 2009)?

Eu não quero ser repetitivo. É que o Brasil é introspectivo. O Brasil olha, sobretudo, para seu próprio umbigo. O Brasil não tem a ideia de que ele é parte necessária do mundo. O problema em relação à China é que o conhecimento brasileiro sobre ela é modesto. Academicamente, eu acho que o número de teses escritas sobre a China é muito pequeno. O mundo para o Brasil continua a ser uma preocupação acessória ou marginal, como se ele tivesse ainda aquela ideia da sua centralidade. Contando uma coisa para você,



que entende tanto de China, quem se considera um império do meio? No fundo, é o Brasil. Ele acha que é o centro do mundo. E que o resto se ajusta um pouco a nós. Primeiro porque nós não temos o temor, nem a preocupação que é o que tem sido o motor das indagações intelectual, acadêmica, científica.

NÃO É UM PARADOXO QUE O BRASIL, QUE O SENHOR DESCREVE COMO UM OÁSIS DE CALMIA NO CENÁRIO INTERNACIONAL ESTEJA VIVENDO EM PLENA EBULIÇÃO POLÍTICA?

É uma contradição real. O Brasil é um país retardatário que, quando chega a fazer certas coisas, o mundo já deixou aquela etapa. Historicamente, desenvolvimento e corrupção são quase sinônimos; sempre que há um surto de desenvolvimento, ele costuma vir acompanhado de imensa corrupção. Nos Estados Unidos dos séculos 19 e 20, na Inglaterra do século 18, a história do desenvolvimento é a história de ações predatórias para fora e corrompidas para dentro, mais ou menos. Mas o Brasil vive isso em um momento que a sociedade internacional não tolera mais esse comportamento. É uma situação de difícil acomodação: como corrigir pecados graves, éticos, uma democracia cheia de fragilidades, ao mesmo tempo em que se promove um crescimento acelerado?

QUAL O IMPACTO DOS ESCÂNDALOS DE CORRUPÇÃO E DAS MUDANÇAS QUE ACONTECEM NO PAÍS EM RELAÇÃO À IMAGEM DO BRASIL LÁ FORA?

Há um aspecto negativo absoluto que é a ideia de uma sociedade incapaz de se gerenciar bem, de se policiar e de se autocontrolar. Por outro lado, há outro aspecto que redime o primeiro, que é a ideia de uma sociedade capaz de fazer uma limpeza, uma correção de rumos, sem sacrificar suas instituições e dentro de um jogo formalmente democrático. O que tem se destacado pelo mundo afora é que o Brasil não está se corrigindo porque o mundo cobra isso dele, mas porque ele mesmo não aceita mais o tipo de sociedade que ele era. O que nós estamos fazendo

não é fácil, não há muitas sociedades que se autocorrigiram em processos de normalidade institucional.

NA SUA OPINIÃO, ATÉ ONDE CHEGARÁ ESSA ONDA NACIONALISTA NA EUROPA E QUAIS AS SUAS REPERCUSSÕES NO BRASIL?

A união europeia é uma das grandes construções políticas e econômicas da história não só de agora, mas de qualquer tempo. Há 60 anos estamos vivendo um dos ciclos mais duradouros de paz e riqueza da história da humanidade – senão o maior. Mas há problemas, por exemplo, os dois países europeus que ela não reconhece como sócios, a Turquia e a Rússia. Há ainda o problema da imigração, que deixou de ser um fato ocasional para ser um movimento imenso de pessoas fugindo de situações intoleráveis. Então, o que há na Europa hoje é o medo de uma sociedade desaparecer na sua própria imagem, não ser mais ela mesma. Na minha experiência, a imigração é bem-vinda até o ponto em que pode ser absorvida. Depois de um certo volume, ela ameaça a identidade de quem recebe os imigrantes. Em princípio, os movimentos migratórios que o Brasil recebeu foram desejados e nenhum deles teve um efeito demográfico tão decisivo. O Brasil nunca recebeu um grande número de não cristãos, por exemplo. Nós temos uma grande massa sírio-libanesa, mas não islâmica.

BENETT + SHEL SILVERSTEIN
MARÇO 2018

A PARTE QUE FALTA



BENETT
+
SHEL SILVERSTEIN

REPRESENTATIVIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

ENTREVISTA ■■■■■
ANDRÉ ROCHA ■■■■■

CONSTRUIR POLÍTICAS REPRESENTATIVAS NO CONGRESSO PARA ALÉM DOS MOVIMENTOS DE RENOVAÇÃO NA INTERNET. ESSE É UM DOS TEMAS DEBATIDOS PELO **PROFESSOR DE ESTUDOS BRASILEIROS DO KING'S COLLEGE LONDON, VINICIUS MARIANO DE CARVALHO**, EM ENTREVISTA REALIZADA NO BRAZIL INSTITUTE, CENTRO DE PESQUISA LOCALIZADO EM LONDRES, NA INGLATERRA. ELE DISCORRE TAMBÉM SOBRE A CRISE DA SEGURANÇA PÚBLICA, A POLARIZAÇÃO NO MUNDO DEMOCRÁTICO E OPINA SOBRE A FORMAÇÃO POLÍTICA DO CIDADÃO.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

O BRASIL CARECE DE UM PLANO DE LONGO PRAZO EM ÁREAS ESTRATÉGICAS, COMO SAÚDE E SEGURANÇA PÚBLICA. QUANDO E COMO VAMOS PROPOR UMA TRANSFORMAÇÃO PARA O PAÍS?

Essa é uma pergunta difícil, de um milhão de dólares. Para tentar trazer alguma resposta, com alguma serenidade e referencialidade, as duas estão relacionadas a um pacto em torno de um *ethos* [conjunto de valores que formam o caráter] social. O que nós construímos enquanto nação é o que vai direcionar o que vamos fazer nessas duas áreas. E, principalmente, perceber que essas duas áreas vão caminhar juntas, e junto delas, promoção do trabalho, compreensão e entendimento do que quer dizer meio ambiente. Desde a Constituição de 1988, quando foi talvez a primeira vez que fizemos um ajuste no dispositivo nacional ao fim do regime militar, essas questões vieram à tona, e, lamentavelmente, não respondemos com a Constituição e a partir dela. Então, muitos dos problemas que enfrentamos hoje dizem respeito a esse processo de reflexão iniciado na Constituição de 1988, mas não continuado. Passamos por algumas rupturas ou falta de continuidade e essas questões acabaram se tornando uma série de artificios para cobrir problemas. Tudo tem a ver com o *ethos* nacional, o que pensamos como Brasil enquanto Estado e o que é preciso de comprometimento dos cidadãos e dos representantes desses cidadãos para tornar esse sonho realidade.

NÓS VIVEMOS EM UM SISTEMA NOMEADO DE “PRESIDENCIALISMO DE COALIZÃO”, TERMO CUNHADO PELO CIENTISTA POLÍTICO SÉRGIO ABRANCHES. VOCÊ ACREDITA EM UMA ALTERNATIVA DO PRESIDENTE ELEITO PARA NÃO FICAR REFÉM DO CONGRESSO?

Acho que a problemática não está no presidente eleito ficar refém do Congresso, está em quem nós elegemos para o Congresso. A nossa preocupação está sempre com o Executivo, inclusive as discussões na imprensa estão sempre voltadas para quem será o candidato de tal grupo à Presidência, mas nós não discutimos nossa representatividade parlamentar. Aqui reside um contratempo. Não há problema que o presidente faça coalisões para governar, a ques-

tão é com quem elas serão feitas. Se nós não pensamos quem são os representantes diretos do Senado e da Câmara, vamos ficar reféns de grupos que estão defendendo interesses próprios, e não da Nação. Isso ocorre, pois viemos dessa tradição de votar no “salvador da pátria”, no homem que vai resolver os problemas. Enfim, a maturidade necessária, que é urgente no Brasil, hoje, é que eleitores compreendam que não se vota em um presidente, vota-se em uma série de outros atores fundamentais para que haja representatividade democrática e justa.

VIMOS O SURGIMENTO DE VÁRIOS MOVIMENTOS POLÍTICOS DE RENOVAÇÃO. É POSSÍVEL VER MUDANÇAS NOS QUADROS PARTIDÁRIOS OU PRECISAMOS, POR EXEMPLO, PARTIR PARA CANDIDATURAS INDEPENDENTES?

Isso é sempre muito polêmico. É importante lembrar a dimensão e a pluralidade do Brasil. Precisamos pensar na complexidade e entender que representatividade democrática se constrói de formas diferentes em cada uma das regiões do Brasil. A formação deve ocorrer no sentido das regiões para a Nação. Não sei se de fato movimentos que se manifestam muito puramente por meio de mídias sociais são capazes de trazer uma nova realidade social ou se são apenas grupos que representam uma virtualidade, e não uma realidade. É preciso que olhemos para o Brasil e pensemos em modelos de representatividade política que vão trazer para dentro das casas legislativas e administrativas pessoas que vão pensar nessa pluralidade nacional. Então, não sei se a saída está em candidaturas individuais. Nós demonizamos partidos políticos porque eles ajudaram a se demonizar, de certa forma. Portanto, ficamos com aquela impressão de que eles não nos representam, mas, sim, eles são as instituições representativas, mudar isso é mudar a maneira de fazer problemas, mas não resolvê-los de fato.

COMO EM UM PAÍS COM 60 MIL HOMICÍDIOS POR ANO [DADO DE 2017], A SEGURANÇA PÚBLICA AINDA NÃO É PRIORIDADE?

Talvez ela seja prioridade. A maneira de gerenciá-la é que não corresponde à dinâmica que a violência



adquiriu. Lamentavelmente, todas as vezes que falamos de segurança pública no Brasil, em 90% dos casos, a primeira coisa que as pessoas vão falar é sobre polícia: “Precisamos de mais polícia, que a polícia faça isso, aquilo”. Começamos a criar uma relação entre segurança e polícia e esquecemos de notar que polícia é um dos fatores de um espectro mais amplo chamado “segurança pública”. Não olhamos para esse espectro de segurança pública de forma ampla, por isso estamos constantemente tentando fazer remendos nesse tecido social fragmentado. Esse tecido social está com uma violência fora de controle. E não é uma violência que se reflete em homicídios, reflete-se na agressividade no trânsito, nas escolas, nos serviços de saúde, em todas as relações humanas do dia a dia. Então, se pensarmos que aspectos de segurança pública possam ser simplesmente resolvidos com ações robustas como o emprego das Forças Armadas, vamos atacar apenas os sintomas mais visíveis.

QUAL CRIME ORGANIZADO É PIOR PARA O BRASIL, O DO TRÁFICO DE DROGAS OU O DA CORRUPÇÃO?

Todas as vezes que precisamos incluir o quesito “crime organizado” como um fator que interfere nas decisões, significa que há um aspecto equivocados e estamos admitindo e os aceitando como atores da sociedade. Isso permite que eles ocupem um espaço social que não deveriam. Não há um pior ou melhor. Houve muito debate e crítica em torno da decisão nacional de que crimes cometidos durante ações de garantia da lei e da ordem das Forças Armadas seriam levados a um Tribunal Militar, e não à Justiça comum. Eu diria que o problema não está ali, está antes, em termos aceitado que as Forças Armadas fossem empregadas como agente de garantia da lei e da ordem. Ao abrir a porta para isso, é natural que os crimes vão para a Justiça Militar, eles são militares executando missões previstas na Constituição. Portanto, o absurdo não está em admitir que um crime cometido ali seja julgado na Justiça Militar. O absurdo está em admitir que eles irão às ruas.

O CIDADÃO BRASILEIRO TEM COMO CARACTERÍSTICA ESSA NECESSIDADE DE SER GUIADO PELO ESTADO?

Não sei se é só no Brasil que isso acontece. Pode ser que muitos países tenham comportamento semelhante. Passamos por um processo curioso, não aproveitamos o momento histórico da redemocratização e de reconfiguração da democracia para construir modelos mais eficientes e contundentes de participação popular, que se dá em várias esferas, no voto, em movimentos sociais, em proposição de agendas. O que me chama atenção é que conseguimos criar uma massa de protestos contra tudo e todos, mas pouca ação a partir disso. Há pouco envolvimento dos cidadãos sobre o que é votado nas casas legislativas, no seu próprio espaço comunitário. Queremos que seja resolvido, mas não queremos fazer nada para isso.

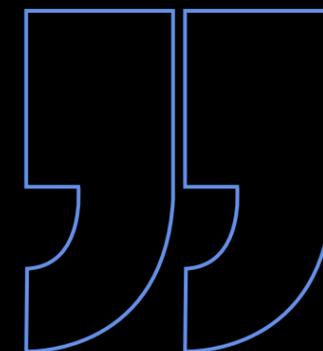
VIVEMOS UMA POLARIZAÇÃO NO BRASIL E TAMBÉM NA EUROPA, COMO NO BREXIT. COMO SAIR DESSA DUALIDADE?

Vivemos um momento global de extremismos. Esses extremismos nem sempre nos dão soluções e propostas, são muito passionais, radicais em suas proposições. Essas soluções convencem mais pela paixão do que pela razão. Não podemos esquecer, e isso é dever de todo professor, de insistir na necessidade do diálogo, de se colocar na posição de se questionar e de quem questiona o outro.

DIANTE DESSA EBULIÇÃO SOCIOPOLÍTICA, NA SUA VISÃO, QUAL É A NOSSA IDENTIDADE NACIONAL?

São identidades múltiplas. É o melhor momento para tentarmos evitar qualquer tipo de discurso globalizante ou aglutinante. Existem vários Brasis, existem várias identidades nesse território sócio-histórico chamado “Brasil”. É justamente na compreensão dessa pluralidade que vamos entender que é preciso que ela seja representada em parlamento e tenha voz e espaço de participação pública. A nossa identidade está na capacidade de nos reconhecermos plurais, com um traço definidor mais ligado à abertura do que ao fechamento, da inclusão, e não da exclusão.

Extremismos nem sempre nos dão soluções e propostas, são muito passionais



ADÃO ITURRUSGARAI
MARÇO 2018



TRAÇOS PATRIMONIALISTAS

ENTREVISTA ■■■■■
RENATO GALENO ■■■■

UM DOS MAIS DESTACADOS
PENSADORES BRASILEIROS DA
ATUALIDADE, **EDUARDO GIANNETTI**

ENTENDE QUE O ESTADO BRASILEIRO SOFRE DE DEFORMAÇÕES EM SEU MODELO DE FUNCIONAMENTO. PARA ELE, O SISTEMA DE ARRECADAÇÃO NACIONAL ESTÁ DEMASIADAMENTE CONCENTRADO EM BRASÍLIA. AO ANALISAR OS RESULTADOS ALCANÇADOS PELA CONSTITUIÇÃO ATÉ AQUI, O ESCRITOR DIZ QUE “ELA É MUITO DETALHISTA, E HÁ CERTA INGENUIDADE EM PENSAR QUE COLOCAR DIREITOS NO PAPEL SIGNIFICA QUE ELES ESTEJAM GARANTIDOS”. INDAGADO SOBRE AS ILUSÕES DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO, GIANNETTI CRITICA A MÉTRICA MONETÁRIA PARA SE MEDIR O SUCESSO DE UMA NAÇÃO.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

VOCÊ AFIRMA QUE “O BRASIL PRECISA DE MENOS E MAIS ESTADO AO MESMO TEMPO”. ONDE É PRECISO QUE EXISTA MAIS ESTADO E ONDE ELE PRECISA SER MENOS PRESENTE?

O Estado brasileiro está onde não deveria e não está onde deveria, por isso que é menos e mais. O Estado não precisa estar envolvido em atividades empresariais, não deve subsidiar grupos privados, nem proteger a economia, não deve dar pensões para funcionários públicos completamente desconectadas da realidade brasileira. O Estado brasileiro faz muita coisa que não deveria e não faz aquilo que seria de mais indispensável e que a Nação demanda: atender às necessidades básicas e elementares da cidadania, que são saneamento básico, ensino fundamental de qualidade, saúde pública digna para toda a população, um sistema de aposentadorias que seja universal e que dê o mínimo de dignidade para a população comum, e não esse sistema de castas muito extravagante que se criou no Brasil.

VOCÊ TAMBÉM COSTUMA DIZER QUE O PAÍS PRECISA DE MENOS BRASÍLIA E MAIS BRASIL...

A regra de ouro na economia deveria ser a seguinte: o dinheiro público deve ser gasto o mais perto possível de onde foi arrecadado. E nós não cumprimos essa regra, pois o País nunca se decide por um modelo de Estado. Ele vai para o pêndulo da centralização ou transita para o outro extremo da descentralização. Desde a nossa Independência, vemos o Brasil batendo nesse pêndulo. O Primeiro Reinado foi centralizador; a Regência, descentralizadora; o Segundo Reinado foi muito centralizador; e a República no Brasil foi feita em nome da descentralização, quando passou a se chamar “República Federativa”, o que é curioso porque é uma federação que foi decretada pelo governo central, não uma federação que surgiu. Talvez seja a única federação no mundo que surgiu por um ato do governo central, com a grande bandeira republicana da autonomia dos Estados. Dando continuidade, aí temos a República Velha descentralizada, depois, a Revolução de 1930, que centralizou violentamente no Estado Novo, em que Getúlio nomeava até o carteiro em Manaus. Tudo passava pelo governo central; veio a redemocratização e o

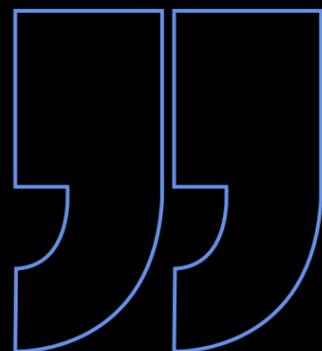
País novamente foi descentralizado. O regime militar centralizou radicalmente. Na redemocratização nos anos de 1980 e na nova Constituição de 1988, optou-se por um Estado Federativo. Em princípio, nenhum problema. Mas, em 1988, descentralizaram as atribuições do setor público, como educação, saúde, segurança, transportes e saneamento que passaram para os entes federativos (Estados e municípios), mas não descentralizaram a autoridade para tributar, que continuou altamente concentrada na União.

ISSO DIFICULTA A RELAÇÃO ENTRE ESTADOS, MUNICÍPIOS E A CAPITAL, NÃO É?

Temos um problema nas finanças públicas brasileiras: o dinheiro vai para Brasília para depois voltar aos Estados e municípios e eles passam a depender a todo o tempo de liberação de verba. Isso torna tudo muito dependente do governo central, e não é saudável. Em 80% ou mais dos municípios brasileiros praticamente nada se arrecada, eles vivem de mesada intraconstitucional ou do Fundo de Participação dos Estados. Isso é uma receita para a má utilização do dinheiro público, porque o cidadão não sabe o quanto está pagando, para onde está indo e como está voltando. Em um regime federativo para valer, só vão para o governo central dois tipos de recursos: aqueles que são para financiar atividades que só o governo central tem condições de fazer (segurança nas fronteiras, Banco Central, diplomacia e órgãos reguladores). Agora, o que não é dinheiro para financiar a atividade, que é só o que o governo central faz, e o que não é dinheiro de redistribuição inter-regional, não precisa e não deve ir para Brasília para voltar. Assim, você tira muito do butim que se disputa em Brasília. Isso vai trazer uma enorme melhoria na qualidade do gasto público no Brasil. Existe outro aspecto que é a cidadania. Nós precisamos ter no Brasil uma cidadania tributária, que consiste no cidadão saber o quanto paga da sua renda em impostos, para onde vai e como volta. Se descentralizar, isso é perfeitamente factível. O que não dá para continuar é termos um país onde 40% da renda nacional transitam



O Estado brasileiro faz muita coisa que não deveria e não faz aquilo que seria de mais indispensável e que a Nação demanda: atender às necessidades básicas e elementares da cidadania.



pelo setor público e não termos sequer metade dos domicílios com saneamento básico, alfabetização universalizada e um mínimo de saúde pública digna.

COMPLETAMOS 30 ANOS DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL E VEMOS PROBLEMAS ESTRUTURAIS GRAVES. ELA ENVELHECEU RÁPIDO DEMAIS?

A Constituição brasileira tem conquistas importantes, que devem ser preservadas, mas ela é muito detalhista, e há certa ingenuidade em pensar que colocar direitos no papel significa que eles estejam garantidos. Por exemplo, ela define quanto de gastos com irrigação obrigatoriamente devem ser feitos na Região Nordeste. Colocar isso na Constituição não tem o menor cabimento. A ideia que você vai resolver as coisas pondo no papel é muito duvidosa.

AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DESTE ANO [2018] SÃO A OPORTUNIDADE DE RENOVARMOS AS REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS OU CORREMOS O RISCO DE CAIRMOS EM UMA SOLUÇÃO EXTREMISTA, MOVIDA PELA FALÊNCIA DO MODELO PARTIDÁRIO?

Acredito que as duas possibilidades sejam possíveis. Considero a Lava Jato o mais importante acontecimento político da vida pública brasileira, ao lado da redemocratização nos anos de 1980 e da conquista da estabilidade monetária nos anos de 1990. Porque ela escancarou a deformação patrimonialista do Estado brasileiro, algo que nos acompanha desde nossa origem, que é a relação espúria entre o público e o privado, na qual quem está no poder só pensa em se perpetuar nele e, portanto, usa o Estado para seus próprios fins, como se a sociedade existisse para servi-lo e não o contrário. E grande parte do empresariado, que prefere buscar o crescimento dos seus negócios por meio de acesso privilegiado a esses governantes a fazer o que deveria no mercado, que é competir e fornecer bens. O encontro desses dois vetores é o Estado patrimonialista. Esse movimento da Lava Jato é irreversível, mas não suficiente para a superação dessa deformação patrimonialista, pois precisa de uma resposta da

sociedade civil sobre o que fará com essa revelação, que escancarou as entranhas do *modus operandi* da política. Sou otimista e acredito que, depois de tudo isso, a população está realmente querendo participar mais, porque percebeu que isso afetou sua condição de vida. Agora, eu temo que se isso não vier pela via democrática, dentro do sistema das eleições, pode acabar descambando para outro tipo de ruptura, como foram as revoluções Francesa e Americana. O Brasil, de certa maneira, ainda está no antigo regime. Instituições como o foro privilegiado, o sistema de castas da Previdência, a desigualdade abissal de oportunidades são coisas do antigo regime.

EM SEU LIVRO TRÓPICOS UTÓPICOS, VOCÊ LISTA TRÊS ILUSÕES DO HUMANO CIVILIZADO: A CIÊNCIA, A TECNOLOGIA E O PROCESSO CIVILIZATÓRIO. POR QUE SÃO ILUSÕES?

O Ocidente moderno nasce com a promessa de resposta a três grandes inquietações humanas: saber qual é o sentido das coisas, da vida humana e do universo, mas a ciência já mostrou não ser capaz de dar essa resposta, porque essa questão de sentido humano é uma coisa que, já de partida, a ciência não pressupõe, não existe método para observar um destino sem regras definidas. A tecnologia também foi o grande sonho de assegurar a natureza pelo ser humano, para submeter o mundo natural às vontades humanas. Isso funciona em grande medida. Está aí a medicina e a longevidade, mas, por outro lado, gerou uma ameaça de descontrole do mundo natural que hoje é tremenda, com a mudança climática, o fim da biodiversidade etc. O terceiro ponto ilusório do mundo moderno, civilizado, europeu, iluminista, era que, com o progresso da civilização e o avanço material, nós teríamos vidas mais dignas, felizes e plenas, porém, não há nenhuma evidência de que esses progressos econômico, tecnológico e científico nos últimos três séculos tenham aumentado o padrão de felicidade e realização das pessoas. Muito pelo contrário, existem indicadores muito fortes de que as pessoas estão descontentes com a vida, buscam alternativas e querem encontrar outra maneira de viver.

EM SUAS OBRAS, FICA CLARA A PREOCUPAÇÃO COM BENS NÃO MENSURÁVEIS, COMO A NATUREZA. MAS, EM GERAL, ASSOCIA-SE O SUCESSO ECONÔMICO À SAÍDA PARA OS PROBLEMAS DA SOCIEDADE...

Essa ideia de que você mede o sucesso de uma nação pela métrica monetária é um equívoco monstruoso. Se estiver em um país ou comunidade que tenha água potável de graça, isso é como o ar que estamos respirando. Isso não entra no sistema de preços e não entra no PIB. Se polui todas as fontes de água potável, você passa a ter que trabalhar mais um pouco para comprar água, que foi purificada, engarrafada e distribuída, e tudo isso vai fazer o PIB aumentar. Ou seja, você empobreceu, piorou a vida e o PIB aumentou. O Brasil acaba se tornando uma alternativa a essa falência múltipla do projeto ocidental, porque temos um mundo natural preservado e uma psicologia profunda que não está tão aviltada por esse processo civilizatório altamente exigente, que é o padrão da máxima competitividade. Então, por acidentes e caminhos tortuosos, muitas vezes cruéis, o Brasil preservou, tanto fora como dentro, coisas extremamente valiosas que hoje faltam no mundo: um mundo natural mantido e uma exuberância subjetiva, certa espontaneidade, uma força dos afetos, uma vitalidade iorubá filtrada por uma ternura portuguesa. O modo como a sociedade brasileira se fundiu entre índios, europeus e orientais é o que nos diferencia e o que nos promete uma originalidade. A maturidade de uma cultura é a tranquilidade de ser o que se é.



ADÃO ITURRUSGARAI

ABRIL 2018

Clássico do terror brasileiro:

O ESTADO ENGESSADO



A SOCIEDADE INCLUSIVA E ACESSÍVEL

ENTREVISTA ■■■■■
LEANDRO BEGUOCI ■■

O JORNALISTA E COLUNISTA DA **FOLHA DE S. PAULO, JAIRO MARQUES**, FALA SOBRE A SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL, A ESTRUTURA DE ACESSIBILIDADE DAS CIDADES BRASILEIRAS E O ENSINO PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA, ALÉM DOS PRINCIPAIS AVANÇOS E DESAFIOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DO SETOR. ELE, QUE É CADEIRANTE, TAMBÉM ANALISA OS IMPACTOS DAS LEIS DE INCLUSÃO E COMENTA SOBRE O SURGIMENTO DE UMA NOVA NARRATIVA SOBRE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

QUERIA QUE VOCÊ CONTASSE COMO FORAM SUAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAL E PESSOAL...

Muito a contragosto, sou um desses cases de uma pessoa muito pobre que conseguiu galgar alguns níveis sociais. Nasci em Três Lagoas (MS), num bairro muito pobre, filho de funcionária pública. Cresci nessa cidade, mas tive a oportunidade de ser uma criança e viver a minha infância de uma maneira bastante intensa. As questões que envolvem a deficiência não apareciam muito flagrantemente. Elas começaram a aparecer mais na juventude, que é quando você precisa dar voos maiores do que o seu quintal. Tenho uma mãe muito batalhadora, que me levava para todo canto, então, a infância foi bacana, embora o fim dela e o início da adolescência foram períodos nos quais tive que me consertar. Toda pessoa que tem deficiência passa por períodos de reabilitação, que são bastante dramáticos, tratamentos e tudo o mais. Logo passei no vestibular e mudei de Três Lagoas com a cadeira e com a coragem. Minha família ficou, e eu fui morar na capital num tempo que acessibilidade era um palavrão, inclusão era outra coisa absurda. Eu me perguntava qual era o outro caminho que tinha a seguir além de enfrentar as coisas. Então, fui fazer faculdade, formei-me em Jornalismo e trabalhei um tempo depois de formado, com muita dificuldade. As redações tinham a tradição de ser no segundo andar de prédios com escada, sem elevador, que era um luxo. Comecei a pensar que eu tinha que ir mais além, tentar ir para São Paulo, embora fosse algo extremamente absurdo dentro da minha situação. E fui. Inscrevi-me para ser trainee do jornal *Folha de S.Paulo*. Fui passando nas provas e, num belo dia, eu estava em São Paulo. Morava num daqueles antigos hotéis onde era possível morar com o salário inicial. Mas foi um momento muito feliz, de muita ruptura e muito fortalecimento das minhas convicções.

LENDO SEUS TEXTOS, UMA DAS COISAS QUE SE DESTACA É QUE VOCÊ CONSEGUIU VIR PARA SÃO PAULO POR TER A CADEIRA.

A cadeira é o que me faz ir para frente. E São Paulo, naquele momento, embora fosse uma cidade que maltratasse muito as pessoas, para mim, ela oferecia con-

dições que eram inéditas, por exemplo, conseguir me deslocar entre os bairros de metrô, conseguir trafegar pela Avenida Paulista.

POR QUE NÃO EXISTE ESSA INFRAESTRUTURA DE CALÇADAS, POR EXEMPLO, NO RESTO DO PAÍS? AS PESSOAS, ÀS VEZES QUANDO PENSAM EM INCLUSÃO, PENSAM EM ALGO MUITO GRANDE E ESQUECEM O BÁSICO.

A calçada vai determinar o nível de óleo de peroba que você vai passar na sua cara para enfrentar o mundo. Porque se a calçada em frente à sua casa for muito esburacada, você terá que ter uma disposição muito grande para sair.

ERA ASSIM EM TRÊS LAGOAS?

Era pior, porque não havia calçadas. Eram ruas de areia.

ESSA FORÇA DE VONTADE INICIAL PARECE O PONTO MAIS FORTE NA SUA TRAJETÓRIA...

Eu abomino a história de “coitadismo” e tal. Mas eu saía de casa com muito esforço porque a cadeira se enterava e eu tinha que fazer esforço físico mesmo. É claro, para ir à escola, minha mãe me levava, contava com ajuda dos amigos. Mas, em muitos momentos, era eu e a força para vencer. Mas, é como eu disse: não via outra opção; a outra opção era ficar dentro de casa. E essa opção não era agradável a mim, então eu encarava mesmo.

NOS SEUS TEXTOS, VOCÊ VAI DA CALÇADA PARA A POLÍTICA PÚBLICA. SE VOCÊ TIVESSE QUE ELEGER DUAS POLÍTICAS PÚBLICAS PRIORITÁRIAS, HOJE, QUAIS SERIAM?

Certamente, seria um intenso trabalho de preparação das escolas para inclusão e preparação da sociedade para entender que lugar da criança, com qualquer deficiência, é na escola regular. Com muita facilidade, esse argumento, de que essa criança deve estudar numa escola regular, fica flácido. Nós costumamos ceder demais por causa de um. As situações individuais não precisam ser descartadas, evidentemente, mas a

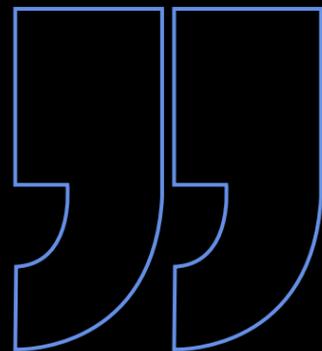


situação individual não pode determinar o que é coletivo. Para mim, a educação inclusiva que toda criança, com qualquer tipo de deficiência, deve ter é estar junto às demais. Isso é um ponto inquestionável. Mas precisamos trabalhar melhor isso na sociedade. As pessoas perguntam muito: “Mas como é essa escola?”. Não existe nenhum manual para fazer escola inclusiva, não está pronto. Para fazer, é preciso participações do pai, do professor, do diretor e da sociedade. E, convenhamos, não são tantas necessidades específicas assim. Precisamos entender primeiro que é uma criança.

EM CONVERSAS COM PROFESSORES QUE ESTÃO TENDO DESAFIOS PELA PRIMEIRA VEZ, ESCUTAMOS “COMO É QUE EU VOU INCLUIR?”...

Eu acrescentaria que as pessoas aprendem de formas diferentes. Eu não preciso saber tudo o que você sabe, ter o mesmo nível de matemática que você tem; eu tenho habilidades diferentes de você. Quando há uma criança com deficiência em sala de aula, a primeira preocupação é: “Será que ela está aprendendo como os outros?”. Tomara que não esteja aprendendo como os outros, tomara que esteja aprendendo da maneira

A educação inclusiva que toda criança, com qualquer tipo de deficiência, deve ter é estar junto às demais.



dela. Nós não somos um molde, uma forma, cada um tem o seu tempo de aprendizado, tem sua capacidade.

NOS ÚLTIMOS 20 ANOS, O QUE SURPREENDEU PELO AVANÇO E O QUE SURPREENDEU DE MANEIRA NEGATIVA?

Se olharmos, hoje, o nível de pessoas com deficiência no trabalho, embora seja ainda baixo, alguém do que prega a Lei de Cotas, surpreende-me às vezes o nível desses profissionais com deficiência com quem me deparo. Surpreende-me pessoas com Síndrome de Down conseguindo espaços na sociedade, empreendendo. Isso me agrada. Surpreende-me também essas pessoas formando famílias, eu olho para mim mesmo. Estamos falando de uma pessoa que mal conseguia sair de casa, que tem um trabalho, que constituiu uma família e se deu o direito reprodutivo, de ter filhos. Era impensável você se colocar como cidadão dessa maneira há alguns anos. Isso me deixa bastante feliz. O que ainda olho e fico cabisbaixo é, de fato, as relações humanas, a dificuldade que as pessoas têm em compreender o outro. Até hoje eu preciso explicar por que eu preciso de uma vaga reservada no estacionamento, por que se deve evitar usar um banheiro reservado a pessoa com deficiência, por que uma pessoa com deficiência precisa de uma rampa. É muito discurso há muito tempo para que as pessoas tenham dúvidas tão básicas. Se formos agora para um shopping, vamos ver um monte de gente usando vagas para pessoas com deficiência, sem a necessidade disso.

ISSO DEVE SER BEM DIFÍCIL ENCARAR. AVANÇAMOS EM ALGUNS ASPECTOS, CERTO? SE PEGARMOS O TRABALHO DE ALGUMAS PREFEITURAS, DE ALGUNS DEPUTADOS NO CONGRESSO...

Sim. Temos a Lei Brasileira de Inclusão, que, de alguma maneira, facilitou o próprio entendimento dos direitos da pessoa com deficiência. Então, está tudo reunido nela. Temos, sim, políticas públicas, o debate e a força da sociedade pressionando. Temos mais de um deputado com essa bandeira, mas ainda é pouco. Acho engraçado que as pessoas ainda questionam representatividade. Não acham

tão necessário ter uma pessoa com deficiência ocupando cargos, tendo cargo político. A representatividade é muito determinante. Quando eu me vejo em alguém, espelhado em alguém, ganho fôlego para lutar por mim mesmo.

VOCÊ ENCAROU UM DESAFIO QUE POUCOS ENCARAM, QUE É O DA NARRATIVA. VOCÊ DEVE TER CHOCADO MUITA GENTE QUANDO FEZ SEU BLOG, HÁ DEZ ANOS, AO MUDAR A NARRATIVA SOBRE DEFICIÊNCIA, PORQUE ELA DÁ UM ENQUADRAMENTO SOBRE COMO PENSAR NA QUESTÃO. FORAM PROVOCAÇÕES QUE AJUDARAM A MUDAR O ENTENDIMENTO, NÃO?!

Se você pegar os meus primeiros textos, já existia um nível avançado de provocação. O que me deu fôlego foram os leitores, que começaram a repercutir aquilo muito rapidamente. O estranhamento só vinha de pessoas sem deficiência, sem generalizar. As pessoas [com deficiência] diziam para mim: “A gente quer tirar essa roupa de coitado, quer contrapor o discurso que fazemos da gente”. A pessoa pode até chamar a outra de “portador de necessidades especiais”, que é um termo bastante em desuso, mas, nas costas, diz que é mais um “mal-acabado”. O que eu fiz foi trazer o “mal-acabado” para reflexão. Eu escrevi um texto sobre uma professora com Síndrome de Down. A questão não é endeusar essa professora, ela não é inquestionável. Agora, o que acho questionável é que, sem nenhum nível de conhecimento sobre ela, já começar a julgar. E é isso que as pessoas fazem. Eu costumo antecipar esses julgamentos, e isso fica provocativo.

SEU LIVRO MALACABADO – A HISTÓRIA DE UM JORNALISTA SOBRE RODAS (ED. TRÊS ESTRELAS) TAMBÉM CAUSOU IMPACTO, CORRETO?

Eu acho que eu paguei um preço por ter dado o título *Malacabado – A história de um jornalista sobre rodas*, porque é um convite. Algumas pessoas não entendem, é difícil. As pessoas pensaram: “O que esse cara está querendo dizer com isso?”. Mas, por outro lado, eu gosto de pagar esse preço. Quando as pessoas leem e dizem: “Eu entrei na sua brincadeira”. Achei que valeu a pena.

VOCÊ ACHA QUE CONSEGUIU MUDAR O ENTENDIMENTO SOBRE DEFICIÊNCIA?

Sim. Acho que era muito mais escrachado. Acho que precisamos evoluir na temática em algumas coisas.

SOBRE O QUE PRETENDE FALAR AGORA?

Tenho falado sobre cidadania de uma maneira mais ampla, até porque não sou jornalista com deficiência que escreve para pessoas com deficiência, sou um jornalista. Eu trabalhei dez anos sem tocar no assunto da pessoa com deficiência. Isso não é um demérito para mim. Hoje, falo sobre inclusão. O valor disso é menor do que deveria ser, mas faz parte do jogo.

NOS DEZ ANOS QUE NÃO FALOU SOBRE DEFICIÊNCIA, NÃO HAVIA ESPAÇO OU FOI UMA DECISÃO PROFISSIONAL?

Há uma mistura. Eu sentia que, se eu propusesse qualquer pauta relativa a esse universo, logo alguém diria que eu queria trabalhar em causa própria, fazer militância. Então, eu me segurava, embora tivesse contato tremendo com as realidades, e as pessoas me mandassem muita coisa e entrassem em contato comigo. Mas meus amigos diziam: “Cara, você precisa falar sobre essas questões”. Eram questões que me afligiam de alguma maneira. Ai, quando começou a explosão dos blogs, achei que ali eu me acomodava, que era um espaço voluntário, e a resposta foi muito positiva.

HÁ DEZ, 15 ANOS, SERIA DIFÍCIL TER UMA COLUNA COMO A SUA, ASSIM COMO COM ASSUNTOS DA PERIFERIA, DOS DIREITOS DAS MULHERES. VOCÊ É SÍMBOLO DESSA MUDANÇA NO JORNALISMO...

Acho que sim, mas em partes, o que garante a continuidade como blogueiro, colunista. É muito raro o colunista que continua fazendo reportagens, como é o meu caso. Porque eu me permito e permito que as pessoas façam a crítica aberta. A pessoa com deficiência também pode ser bandida, ser salafrária, pode ter posições contrárias às dos direitos humanos. O fato de eu transitar pelo bem e pelo mal me dá alguma credi-

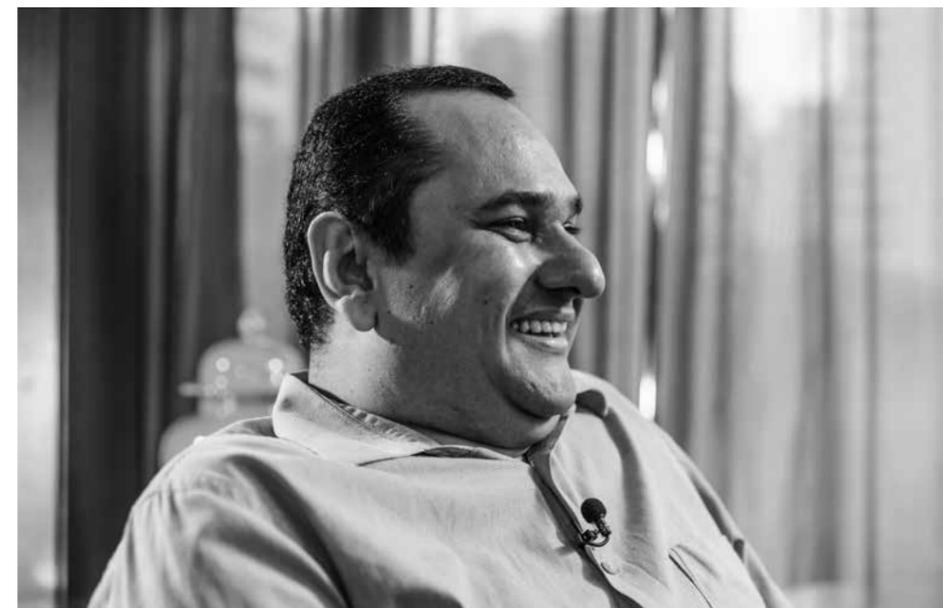
bilidade. Se eu tivesse uma militância aberta, embora eu não tenha nada contra alguém ser militante, não funcionaria bem.

DO QUE VOCÊ SENTE FALTA NA COBERTURA JORNALÍSTICA?

Eu sinto falta de que o assunto seja, de fato, pauta. O assunto “inclusão”, ou “acessibilidade”, não é uma pauta, ele aparece de tempos em tempos porque houve um caso extraordinário ou violência. Por exemplo, formação de pessoas com Síndrome de Down, como a sociedade vê isso. Caso contrário, ficamos somente no factual. Também me incomoda bastante a história da superação. Só o que nos interessa é a superação, é o cara que fez das tripas coração para atingir um objetivo. Para mim, isso não tem nada a ver com superação, com levar a vida. Qual é a outra opção que ele tinha?

QUE MUDANÇA EFETIVA GOSTARIA DE VER DENTRO DE DEZ ANOS NO BRASIL?

Pelo lado pessoal, a minha filha olhar para as coisas que eu escrevi e abraçá-las como legítimas e dizer: “Eu penso como você”, me daria alguma satisfação. Também me daria satisfação se ela me contestasse em todos os pontos. Meu objetivo é criar um ser pensante. Pessoalmente, eu gostaria de continuar contribuindo para mudança de pensamento. Fui recentemente para a Espanha, que é um país muito acessível. Eu dizia para os taxistas: “Como é bacana aqui, tudo acessível”. Eles respondiam: “Não, ainda estamos trabalhando bastante a cabeça para que a gente seja mais inclusivo na cabeça”. Eu achei maravilhoso ouvir aquilo de um motorista de táxi. Daqui a dez anos, gostaria de ouvir isso de um motorista de táxi no Brasil: “Avançamos bastante, mas precisamos avançar bastante na cabeça”.



CACO GALHARDO
ABRIL 2018



DEMOCRACIA NO COTIDIANO

MEDIAÇÃO ■■■■■
MARIA CRISTINA POLI ■■■

A TRAJETÓRIA DO SISTEMA DEMOCRÁTICO BRASILEIRO E A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA ALÉM DO VOTO SÃO OS TEMAS CENTRAIS DESTE DEBATE COM **DERSON MAIA**, SERVIDOR PÚBLICO FEDERAL E COPRESIDENTE DO FRENTE FAVELA BRASIL, E **MÔNICA SODRÉ**, CIENTISTA POLÍTICA E PROFESSORA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FESPSP. REALIZADO EM PARCERIA COM O COLÉGIO BANDEIRANTES, O BATE-PAPO ABORDA AINDA ASSUNTOS COMO REDES SOCIAIS, INTOLERÂNCIA, RACISMO E NOVAS FORMAS DE REPRESENTATIVIDADE. EMBORA DISCORDEM EM ALGUNS PONTOS, CONCORDAM QUE A DEMOCRACIA AINDA É A MELHOR ALTERNATIVA DE GOVERNO.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

MARIA CRISTINA POLI — O QUE É DEMOCRACIA?

MÔNICA SODRÉ — De maneira genérica, é um sistema de tomada de decisões no qual o voto de todos tem o mesmo valor. A democracia representativa permite que as pessoas escolham seus representantes de tempos em tempos por meio do voto.

DERSON MAIA — A democracia carrega valores essenciais como a preservação das liberdades individuais, que possibilita o exercício da cidadania. A ascensão de movimentos um pouco autoritários pode afetar a liberdade de expressão.

MÔNICA — A democracia precisa ser exercitada. O mundo está cada vez mais rápido, impaciente e conectado. Com a disseminação de notícias falsas, por vezes não sabemos no que acreditar. Precisamos inserir a democracia em um ambiente bem mais complexo do que aquele no qual ela foi concebida, até do ponto de vista da representação.

MAS VOCÊS ACHAM QUE A DEMOCRACIA AINDA É A MELHOR ALTERNATIVA DE GOVERNO?

MÔNICA — Sim! A despeito de precisar de ajustes, é certamente o melhor modelo. É o único no qual podemos nos expressar livremente, como Derson falou.

DERSON — Certamente. Temos visto movimentos de renovação, prova de que há sempre a possibilidade de tentar reparar lacunas que porventura estejam tornando a democracia frágil. A sociedade civil se organiza para cobrar transparência do governo. Isso possibilita o engajamento de grande número de pessoas, de modo que o poder não fica concentrado em determinadas figuras, e mais gente participa ativamente da política. As redes sociais ajudam a dar voz. O movimento do qual participo, o Frente Favela Brasil, desenvolveu fóruns que criam conexões entre comunidades de Recife (PE), do Complexo da Maré (RJ) e a Sol Nascente, cidade onde vivo, em Brasília, por exemplo. Chega a áreas que antes estavam limadas do debate.

E QUANDO VAMOS PARA A DEMOCRACIA RACIAL? TEMOS UMA RELAÇÃO MAIS HARMONIOSA ENTRE AS RAÇAS AQUI NO BRASIL, SE COMPARARMOS COM OS ESTADOS UNIDOS, POR EXEMPLO?

DERSON — Historicamente, a luta política do movimento negro no Brasil sempre esteve atuante e buscou emitir opinião, tanto que tivemos a imprensa negra no País. Mas os processos históricos no Brasil e nos Estados Unidos foram diferentes. Aqui, há o dito racismo velado, embora, às vezes, apareça brutalmente no vocabulário das pessoas. Nos Estados Unidos, há organizações que já trazem a marca racista. Mas a nossa sociedade ainda é muito violenta: a cada 23 minutos, morre um jovem negro no Brasil. Estou citando dados da Organização das Nações Unidas (ONU). Se somos um país pacífico, cordial e harmonioso, como temos uma massa de juventude interrompida, que não vai chegar aos 30 anos de idade? Eu digo sempre para a galera com quem converso nas escolas: sou um ponto fora da curva. Estou com 29 anos. Muitos colegas da minha época de ensino fundamental, negros, já não estão vivos.

COMO VOCÊ CONSEGUIU FICAR FORA DESSA ESTATÍSTICA?

DERSON — Então, sou de uma família negra um pouco mais privilegiada, de classe média. A minha conexão com as pautas das favelas foi por meio do trabalho do meu pai, de inserção tecnológica de jovens nas comunidades e na periferia. Aqueles que conseguem ascender um pouco socialmente acabam protegidos da violência massiva. Já os outros, que permanecem nos lugares carentes de oportunidades, não sobrevivem muito tempo. Não só pelo crime, mas também pela ação policial que respinga na juventude que está no lazer, ou voltando da escola, e é ceifada por essa política de guerra.

A MORTE DA VEREADORA [ASSASSINATO DE MARIELLE FRANCO, EM MARÇO DE 2018] É CLASSIFICADA POR ANALISTAS COMO UMA AFRONTA À DEMOCRACIA. VOCÊ COMPARTILHA DESSE PENSAMENTO?

MÔNICA — A mulher é um grupo sub-representado politicamente. A maioria do eleitorado brasileiro (mais



de 50%) é feminina. Mas, no Congresso Nacional, nós não somos nem 10%. Existe uma dificuldade na ascensão da mulher nos espaços de tomada de decisão, e a política é um deles. O que aconteceu no Rio de Janeiro foi lamentável por “n” razões. E respinga na nossa geração. Derson tem 29 anos, eu tenho 31. Nós circulamos por movimentos que estão procurando renovar as práticas da política. Temo que gente da nossa geração possa vir a ter pensamentos como: “Se fizeram isso com ela, que era a quinta vereadora mais votada do País, na segunda maior capital brasileira, o que vão fazer comigo?”. Isso me deixa muito preocupada. Parte do meu trabalho é discutir educação política com jovens. Que recado estamos dando para as futuras gerações?

O PERIGO É NÃO PODER FALAR O QUE SE PENSA? COMO NO PERÍODO DA DITADURA, QUE VOCÊ DESAPARECIA?

MÔNICA – Sim. É muito ruim do ponto de vista democrático. Talvez se ela tivesse uma rede de proteção, mais gente com ela, isso não tivesse acontecido. Neste momento, precisamos estar juntos.

HÁ CONDIÇÕES PARA SE CRIAR NOVOS PARTIDOS?

DERSON – Sou copresidente nacional do Frente Favela Brasil. Enfrentamos sérias dificuldades. Há implicações como tempo de TV, acesso ao fundo partidário, tudo vinculado ao número de parlamentares que a legenda tem. Mas vamos tentar disputar as eleições municipais de 2020 como partido.

UMA PESQUISA DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI) APONTOU QUE 70% DOS ENTREVISTADOS VOTAM, HOJE, EM CANDIDATOS QUE CONSIDERAM HONESTOS, MESMO SEM AFINIDADE IDEOLÓGICA. OU SEJA, NÃO SER CORRUPTO ESTÁ ACIMA DE TUDO. COMO VOCÊ VÊ ISSO?

MÔNICA – É a tendência por causa da desestabilização que a Lava Jato criou. Mas chamo a atenção para outro aspecto: o brasileiro não se lembra em

quem votou, pouquíssimos meses após a eleição. Sem memória, não faz o controle, não verifica quais promessas foram ou não cumpridas. Então, por mais que a população queira alguém honesto, temos que trabalhar o pós-eleição. O que vamos fazer com 513 deputados, 81 senadores? São 70 mil cargos eletivos a cada quatro anos. Precisamos ficar atentos aos mecanismos de checagem e avaliação. Várias instituições fazem um serviço interessante nesse sentido. O próprio portal da Câmara traz informações sobre a atuação dos deputados, a verba que eles têm à disposição. Alguns dados são de difícil interpretação para o cidadão menos acostumado com essa linguagem, mas acho importante valorizarmos a informação.

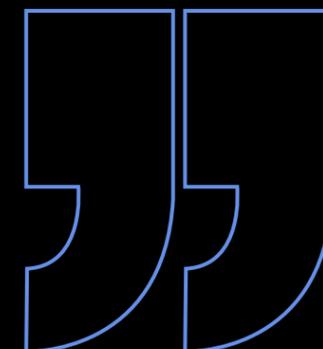
GOSTARIA DE FALAR SOBRE NOTÍCIAS FALSAS, AS FAKE NEWS. AS ELEIÇÕES AMERICANAS DERAM VISIBILIDADE AO ASSUNTO. E AQUI, AMEAÇAM A DEMOCRACIA?

MÔNICA – A política está atrelada ao cotidiano. Cada um de nós tem responsabilidade pela construção do mundo que queremos ver. Temos a possibilidade de compartilhar qualquer coisa com dois toques, na tela do celular. E, às vezes, fazemos isso sem checar. Se estiver em inglês então, já achamos que a notícia é verdadeira [risos]. Ou seja, a disseminação das notícias falsas não está só nas mãos de robôzinhos.

DERSON – Nós, de movimentos de renovação, temos obrigação de facilitar a vida de quem não tem acesso à informação de qualidade e contribuir pedagogicamente para que o eleitor não se deixe enganar pelas *fake news*. É muito difícil exigir da dona Maria, que acorda às 3h30 para chegar às 8h ao serviço, que ela pare lá um minuto e reflita: “Não, espera, não saiu na *Folha de S.Paulo*”. Há muita desigualdade no País. Se tenho mais possibilidade, é meu dever cívico ajudar. Isso também é fortalecer a democracia. Cito um exemplo pessoal: minha mãe, que não tem a mesma escolaridade que eu, sempre me pergunta: “Filho, isso aqui é verdade?”, porque ela não sabe onde buscar, e as notícias falsas sempre chegam mais rapidamente.

Passamos 16 anos na escola, e ninguém nos explica para o que serve um deputado e um senador, qual a diferença entre eles, por que um se elege pelo sistema proporcional e outro pelo majoritário.

MÔNICA SODRÉ



**COMO USAR A TECNOLOGIA PARA
CHECAR A VERACIDADE DE NOTÍCIAS?**

MÔNICA – Já temos ferramentas como um plugin do Google Chrome que funciona assim: quando você passa com o mouse sobre o nome de um político, em qualquer texto da internet, ele colore de roxo aqueles com algum tipo de pendência na Justiça e fornece três ou quatro linhas de informação. Há boas iniciativas nesse sentido. Temos um ranking da FGV que avalia a transparência dos partidos em relação à prestação de contas. A tecnologia pode ser aliada ou vilã. Um estudo do Twitter disponível na revista *Science* mostra que uma notícia falsa chega ao cidadão 1,5 mil vezes mais rapidamente do que uma verdadeira.

**E DE QUE MANEIRA PODEREMOS “CONSUMIR”
NOTÍCIAS DE MANEIRA SAUDÁVEL?**

DERSON – Eu busco ter sempre esperança. Mas os grupos que tiverem suas expectativas frustradas podem tentar barrar renovações.

MÔNICA – Com grupos de recortes distintos uns dos outros, a sociedade seguirá procurando alternativas, novos caminhos.

**QUAIS SEGMENTOS DA SOCIEDADE
CONSEGUEM SE ORGANIZAR MELHOR?**

DERSON – Há iniciativas positivas em todos os territórios e classes sociais. Não saberia aferir quem é mais engajado. Nas comunidades periféricas, meu chão, vejo crescer o número de pessoas que conseguem pensar a política de maneira macro para além da associação de moradores. Aumenta nesse meio o entendimento de que cada ato interfere no todo, no governo estadual, federal. Avançamos.

**VOCÊS ACHAM QUE FALTA INTERESSE DAS
PESSOAS EM ENTENDER COMO FUNCIONAM
AS INSTITUIÇÕES, AS ESFERAS DO PODER?**

MÔNICA – Sim, mas muitas coisas são feitas justamente para que as pessoas não entendam. Estamos num dos

países mais desiguais do mundo, e responsabilizar só o cidadão seria injusto. A política em geral é feita em uma linguagem muito hermética. Eu trabalho com educação política para jovens. Outro dia, lembrei em um encontro que passamos 16 anos na escola escutando sobre briófitas, pteridófitas, gimnospermas, angiospermas, e ninguém nos explica para que serve um deputado e um senador, qual a diferença entre eles, por que um se elege pelo sistema proporcional e outro, pelo majoritário. Como esperar que a pessoa vote conscientemente, que entenda uma notícia de jornal numa linguagem que não foi feita para ela? Óbvio que não é assim em todas as escolas. Estou falando de uma experiência particular minha, de quem estudei nos anos de 1990. Entrei na faculdade em 2006 e só lá fui descobrir muita coisa. No entanto, a atual geração tem algo que não tivemos: o mundo no bolso. O acesso à informação, imediato, constante, em qualquer lugar. Será interessante acompanhar a evolução disso.

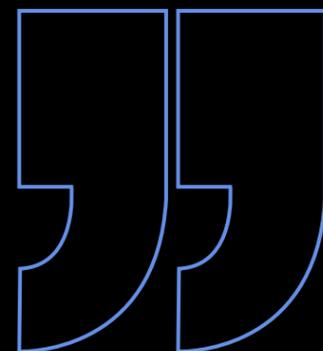
DERSON – Hoje em dia, alunos de primeira série já têm celular; crianças de três anos andam com seus tablets. Estão todos muito inteirados à tecnologia. Duas décadas atrás, não tínhamos essa facilidade. A sistematização na cabeça do jovem é muito mais rápida. Como movimentos políticos, temos aí a chance de aproveitar essa avidez para difundir o conhecimento sobre política, sobre como as instituições funcionam. Essa tarefa é nossa.

MÔNICA – Há a questão da velocidade. Como pesquisadora, me pergunto como a democracia vai lidar com isso. Ontem à noite, eu peguei um livro para ler antes de dormir: *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke. A obra traz uma troca de correspondências que durou cinco anos. Correspondências ao longo de cinco anos! Hoje, mandamos uma mensagem e, se a pessoa não responde em cinco minutos, dá divórcio [risos]. Como vamos compatibilizar essa ansiedade da sociedade, que exige mais participação (e está certa em exigir), com a política? Veja: se os políticos escutarem mais a sociedade, vão precisar de mais tempo para tomar decisões, porque mais gente participando significa mais gente para ser ouvida, mais pontos de discordância.



Como movimentos políticos, temos a chance de aproveitar essa avidez [do jovem] para difundir o conhecimento sobre política.

DERSON MAIA



O ELEITOR É DIGITAL E OS POLÍTICOS AINDA SÃO ANALÓGICOS [TODOS RIEM].

DERSON – Há um descompasso intergeracional aí.

QUAIS SÃO AS REFORMAS DESEJADAS PARA O BRASIL?

DERSON – Enquanto não tivermos um Congresso que represente de fato a vontade popular, as ações serão descoladas da necessidade da sociedade. Precisamos de uma reforma política profunda com a população ativa no processo de construção. Até aqui os representantes fizeram eles mesmos as regras do jogo, e dessa maneira seguem reforçando a autoproteção. O sistema partidário está falido.

MÔNICA – Vou me permitir discordar. Sou um pouco reticente em relação à Reforma Política. Assim como numa casa, é preciso conhecer o que se vai reformar para não correr o risco de derrubar a parede que sustenta a estrutura toda. Vejo pouco aprofundamento no debate sobre quais são as estruturas no sistema político, eleitoral ou partidário. Reconheço que a população não está representada hoje por “n” razões, mas tomo cuidado com o termo “Reforma Política”, porque acho que não é solução para todos os nossos problemas.

QUAL PAÍS QUEREMOS PARA DAQUI A DEZ ANOS?

MÔNICA – Queremos um país menos desigual. Enquanto tivermos tantos Brasis dentro do Brasil, fica difícil discutir outras reformas. Se eu tivesse que elencar a prioridade “número um” do nosso país, seria combater a desigualdade.

DERSON MAIA – Então nisso temos acordo! Acho que o Legislativo, o Executivo e o Judiciário possuem responsabilidades na questão. Para resolver as profundas desigualdades, é preciso transformar a estrutura engessada. Sem reforma, podem surgir ações pontuais, mas não será algo profundo. Temos que aproveitar as mobilizações surgidas para promover um engajamento cívico.

MÔNICA – Basicamente, quem hoje decide o jogo é quem tem o poder da caneta. Concordo que não

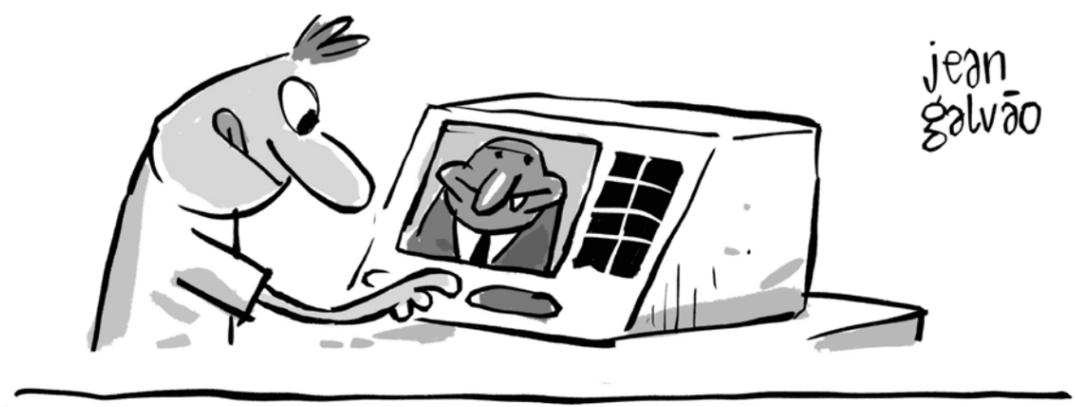
podemos perder a energia das ruas. Mas a jornada para a mudança é longa. Pode levar muitos anos... duas, três, quatro eleições.

VIVEREMOS ENTÃO OUTRO MODELO DE DEMOCRACIA?

DERSON – Sim, esse é o objetivo, depois de passar pelo processo de amadurecimento.

MÔNICA – Somos frutos da geração anterior que não teve a possibilidade de exercer seus direitos civis e políticos plenamente. O ano de 1964 foi ontem em termos históricos. Estamos aprendendo e esperamos não ter interrupção democrática nesse período para que a nova geração possa fazer melhor do que nós, incrementar e aprimorar a democracia.

JEAN GALVÃO ■■■
ABRIL 2018 ■■■



LUTA CONTRA A EXCLUSÃO

ENTREVISTA ■■■■■
LEANDRO BEGUOCI ■■■

REITOR DA FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES, **JOSÉ VICENTE** ROMPEU COM O DESTINO MISERÁVEL QUE A VIDA LHE RESERVARA. ROMPEU TAMBÉM AS BARREIRAS DO PRECONCEITO. ESTUDOU, CONSEGUIU ACESSAR O MERCADO DE TRABALHO E DECIDIU SER PROTAGONISTA DO PAPEL DO NEGRO NA SOCIEDADE. ADVOGADO, SOCIÓLOGO E CONHECIDA FIGURA DO MOVIMENTO AFRODESCENDENTE, ELE FALA SOBRE A DESIGUALDADE RACIAL NO BRASIL. VICENTE DEFENDE A POLÍTICA DE COTAS NA EDUCAÇÃO E NO MEIO CORPORATIVO E CONTA O QUE O INSPIROU A FUNDAR UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO VOLTADA À INCLUSÃO DOS ALUNOS NEGROS.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

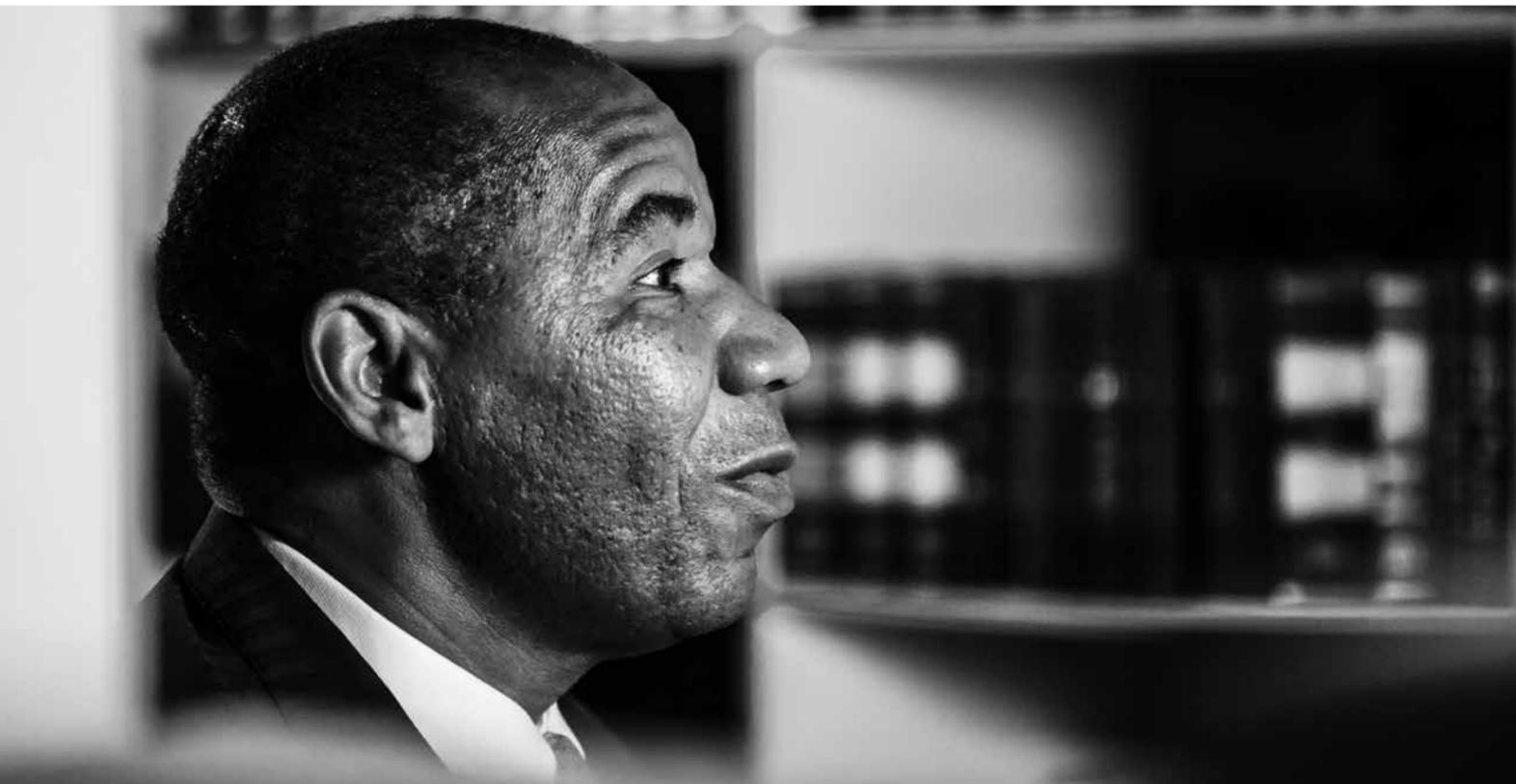
COMO FOI SUA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA?

Sou de Marília, localizada a 500 quilômetros de São Paulo, e, em uma cidade pequena, filho de mãe sem pai e muito pobre, só me restava trabalhar na lavoura, como boia-fria. Foi ali que eu cresci, e os limites estavam muito bem determinados: era dali para qualquer lugar próximo dali, não existia a possibilidade de se “pensar fora dessa caixinha”. Eis que, no meio do caminho, em algum momento, algo me disse que: “Você pode mais e precisa ir além”. A primeira coisa muito importante para essa virada foi a proximidade com meus vizinhos, que gostavam muito de poesia e música. Eu, por curiosidade, juntei-me a eles e pude ampliar o horizonte e perceber que o mundo não cabia em uma caixa de fósforos. Em um momento

de dificuldade financeira, surgiu um concurso público na Polícia Militar em Marília, no qual passei, porém, pouco antes do início do trabalho, recebi a informação que todas as vagas haviam sido transferidas para São Paulo. Fui a contragosto e de uma forma abrupta, mas essa foi minha chance de iniciar minha trajetória na cidade grande.

E A SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO MESMO NESSA REALIDADE DIFÍCIL?

Eu tinha como vizinha uma família que gostava de ler fotonovelas e me davam as revistas, que me fizeram adquirir um gosto muito intenso pela leitura. Então, crédito minha educação às pessoas que me cercavam



e me proporcionaram o contato com os livros, que era algo inatingível para um menino pobre daquela época.

QUANDO O SENHOR SE DEU CONTA DAS DIFICULDADES DO NEGRO NO BRASIL?

Quando cheguei a São Paulo, consegui passar no vestibular para o curso de Direito em uma faculdade de Guarulhos. E foi ali que pude me deparar com circunstâncias que ainda não tinha vivido na minha trajetória e me descobri como um jovem negro. Sempre gostei muito de debates de ideias, e surgiu uma oportunidade de integrar a chapa do diretório acadêmico da universidade. No momento da minha inscrição, ouvi de algumas pessoas: “Não podemos ter um negro como vice-presidente do nosso diretório”. Então, questionei: “Por que não?”. A justificativa era que isso iria desqualificar o diretório e o trabalho que precisava ser feito. Quando voltei para casa, pude perceber que o preconceito existe e precisa ser combatido. Depois disso, parei para pensar e me lembrei de outros episódios que passei, mas que não soube identificar como racismo.

COMO TEVE A IDEIA DE CRIAR A FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES?

A ideia central era ter um espaço onde podíamos não só recepcionar as pessoas, mas adverti-las dessas máquinas de moer gente que são o racismo e o preconceito, tão presentes no mundo, porém, muito definitivos no Brasil. E se a gente não ensinar as pessoas a identificar e a se armarem para combater isso, serão vítimas como eu, que terão seus espaços limitados e poucas possibilidades de fazer um bom combate. A ideia era empoderá-las para lutar contra tudo isso. No início me chamaram de louco e diziam que seria uma iniciativa quase impossível de ser levada adiante. Também tive dúvidas se seria possível colocar de pé essa ideia no Brasil daquela época.

O SENHOR SE INSPIROU EM ALGUMA OUTRA INICIATIVA?

As Diretas Já tiveram uma participação, ainda que limitada, mas significativa de muitos negros que também

tinham as suas bandeiras e reivindicações, sendo uma delas justamente a inclusão do negro nos vários ambientes sociais. E o tema “educação” era o que estava mais presente, o que me despertou o interesse de estudar sobre essa temática no Brasil, e em outras localidades, no que diz respeito ao negro. Acabei descobrindo a trajetória do negro americano e fiquei encantado, porque mesmo vivendo em uma sociedade racista, eles tinham universidades para o branco e para o negro, assim como igrejas e terras demarcadas conforme a cor da pele. Até hoje eles têm 150 universidades negras e cerca da metade delas é pública. Isso me fascinou, primeiro com a posição do Estado de disponibilizar uma universidade com essa característica para a realidade norte-americana e também de ver na parede dessas universidades os formandos do ano de 1800, o que é extraordinário. Então, quando pensei em criar uma universidade negra no Brasil, já tinha o embrião das universidades norte-americanas.

AQUI TAMBÉM EXISTIRAM AÇÕES IMPORTANTES, POR EXEMPLO, NO FIM DO SÉCULO 19, COM OS IRMÃOS REBOUÇAS, JOSÉ DO PATROCÍNIO E TEODORO SAMPAIO.

Tudo isso me fortaleceu e me estimulou, porque quando você vai buscar a atuação dos negros dessa época, entre antes da abolição e pós-abolição – foi uma luta fantástica, e o protagonismo, fundamental, como podemos traduzi-los na figura de Luiz Gama, por exemplo. E também, a partir daí, podemos ver uma participação muito mais visível do negro na mídia, nos jornais da época, que eram espaços onde poucos podiam participar. Os negros criaram jornais de toda a natureza, fizeram debates, reivindicações, encaminhamentos políticos, e muitos deles tiveram muito sucesso. Esses antecessores nos inspiraram muito, pois os movimentos estavam baseados em dois parâmetros: a liberdade e o conhecimento (a educação). E para garantir a liberdade, eles tinham plena certeza de que o negro deveria ter acesso à educação para ser ouvido. Essa trajetória que se iniciou antes da abolição teve um impacto muito forte em 1930, quando o negro escolheu a bandeira da educação como reivindicação e condição para participar da Revolução Consti-

tucionalista. E também na Frente Negra Brasileira, que atuava na parte interna, no Brasil, com discussões e ferramentas de inclusão social, criando a primeira escola negra brasileira, a Escola Frente Negrina, que formou pessoas, com o embrião simbólico que poderia ser, lá na frente, concepção da Faculdade Zumbi dos Palmares.

QUAL A SUA AVALIAÇÃO DO PROTAGONISMO NEGRO NOS DIAS ATUAIS?

O movimento negro foi, e continua sendo, uma luta de heróis, guerreiros e sobreviventes, que por muitas vezes é solitário, contra tudo e contra todos. Primeiro, há esse posicionamento da sociedade brasileira em dizer que não existe racismo, ou, se ele existe, é um racismo tão diminuto e fragmentado que não produz malefício nenhum. Segundo, por ser uma luta desigual: o negro sem ferramentas, sem material e sem recursos, quer fazer mudanças política e cultural. Então, criar o movimento antes da abolição, mantê-lo e ter chegado até aqui já é um esforço sobre-humano. O negro sobreviveu a um verdadeiro holocausto, durante a escravidão e após, e conseguiu não só sobreviver como trouxe aliados, que ajudaram na construção ideológica e permitiram “furar” o núcleo duro dessas pessoas que não compreendem a intervenção do racismo na sociedade. Então, se olharmos a trajetória brasileira, saímos da reivindicação das escolas, com Luiz Gama, chegamos às cotas de 10% para negros nas universidades, que era o que se pedia nas Diretas Já e na Constituinte, e conquistamos agora a cota de 100%, pois a lei que foi criada considera a representação demográfica local, de modo que, na Bahia, a representação local é de 80% de negros – então, a Universidade Federal da Bahia (UFBA), por exemplo, teria 80% de negros como cota. Hoje, temos também 20% de cotas para negros no Judiciário, não para funcionários, mas para juízes. Nem os negros em seus melhores sonhos poderiam imaginar isso. Em contrapartida, ao passo que a gente consegue as mudanças culturais, legais e legislativas, ainda não conquistamos a representação política, seja esquerda, seja direita, seja centro. Temos meia dúzia de deputados negros, dois senadores, enquanto os negros são 54% da população brasileira. Ou seja, entre a direita, a esquerda e o

centro, nós continuamos negros, porque nenhuma delas trata de uma forma verdadeira, profunda e com seriedade a questão do negro no Brasil.

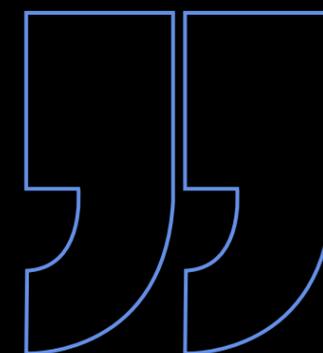
ESSE PANORAMA DE DESIGUALDADE ENTRE NEGROS E BRANCOS NO ESTADO TAMBÉM APARECE NAS EMPRESAS. COMO OS NEGROS PODEM TER ACESSO AO MERCADO DE TRABALHO E ÀS BOAS POSIÇÕES?

O ambiente corporativo é uma extensão da sociedade, e, nele, o negro sofre com mais intensidade, pois padece desse olhar de igualdade. Chegamos ao absurdo de empresas com até 3 mil funcionários não ter negro de “A” a “Z”. Que nome você pode dar a isso senão um novo apartheid? Mas um apartheid pior do que o caso sul-africano, porque essa segregação existe e é autoalimentada pela sociedade, que se recusa a discuti-la e combatê-la. Se quisermos ter um Estado democrático de direito, temos que desmontar esse “monstrengo” que está posto e se manifestar com mais intensidade também no ambiente corporativo. Assim como fizemos no Legislativo, onde bem ou mal já temos uma parcela de negros nos representando, precisamos criar cotas nas empresas, pois, gostem ou não, é uma ferramenta para fazer esse tipo de preconceito começar a diminuir – em princípio, de maneira compulsória, mas, depois, de maneira natural.

POLÍTICAS PÚBLICAS PODERIAM AJUDAR A MUDAR ESSE CENÁRIO?

Precisamos de cotas afirmativas para os negros garantirem a esperança, o entusiasmo e a crença na possibilidade de construir uma vida diferente. Isso se faz nos jovens. Se conseguíssemos que 20% dos jovens trainees, estagiários e aprendizes contratados pelo mercado fossem de jovens negros, diminuiríamos em um grau extraordinário a letalidade desses jovens, antes deixados de fora. Garantiríamos a sobrevivência deles e de suas famílias e criaríamos condições para que estejam preparados para disputar em igualdade as oportunidades que se colocam no mercado. Essas cotas seriam o início do longo processo de desmonte do racismo e da discriminação contra os negros no Brasil.

Temos meia dúzia
de deputados
negros, dois
senadores,
enquanto os
negros são 54%
da população
brasileira.



CACO GALHARDO
MAIO 2018



PARALELOS ENTRE 1888 E 2013

ENTREVISTA 
LEANDRO BEGUOCI 

AUTORA DE OBRAS COMO *IDEIAS EM MOVIMENTO: A GERAÇÃO DE 1870 NA CRISE DO BRASIL-IMPÉRIO E FLORES, VOTOS E BALAS: O MOVIMENTO ABOLICIONISTA BRASILEIRO (1868-88)*, **ANGELA ALONSO**

ANALISA O PRIMEIRO MOVIMENTO SOCIAL DE ÂMBITO NACIONAL DA HISTÓRIA BRASILEIRA – O ABOLICIONISMO –, E FAZ COMPARAÇÕES COM AS TURBULÊNCIAS POLÍTICA E SOCIAL QUE O PAÍS VIVE DESDE AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

COMO VOCÊ DESENVOLVEU A TESE DE SEU DOUTORADO SOBRE A GERAÇÃO DE INTELLECTUAIS BRASILEIROS DE 1870?

Essa minha tese está num contexto de um grande debate, que fazia muito sucesso na época, com base na tese de Roberto Schwarz, autor do livro *As ideias fora do lugar*. Do deslocamento do liberalismo, que viria de fora do País, e da escravidão, que era base da sociedade nacional. Então, tinha um debate armado, e minha tese é parte desse debate. Eu adotei um ângulo diferente de Roberto Schwarz, que ia à análise interna das obras; eu fui olhar a dinâmica política da sociedade brasileira, tentando entender quem eram as pessoas que usavam as ideias estrangeiras. Percebi, ao fazer o estudo, que não havia uma distinção entre campo intelectual e campo político. Não tinha uma vida intelectual autônoma no século 19. Todos que escreviam livros estavam passando no debate público. A partir daí, fiz uma análise acompanhando a trajetória de 130 membros dessa geração, analisei 200 livros publicados.

O QUE MUDOU NO CONTEXTO PARA SUAS NOVAS PESQUISAS? VOCÊ TEM EXPLORADO MUITO AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013. COMO É QUE ISSO SE LIGA À SUA TRAJETÓRIA?

Tem um trabalho no meio do caminho sobre a abolição da escravidão. Quando eu acabei o primeiro livro, fui convidada para fazer um perfil de Joaquim Nabuco, que foi um dos membros da geração de 1870, e acabei escrevendo uma biografia dele. No caminho da pesquisa, fui percebendo que havia muito menos coisas sistemáticas sobre a abolição do que eu imaginava. Considerando que a escravidão tinha toda essa importância no ambiente intelectual, imaginava que a abolição também tivesse. Mas, quando comecei a olhar, percebi que a dimensão política da abolição propriamente era muito menos explorada. A bibliografia passou um pouco do interesse por essa contradição, entre escravidão e capitalismo, para outra na qual o protagonismo dos escravos passou a ser enfatizado. A dimensão propriamente de mobilização política ficou meio que na sombra. Então

comecei esse livro sobre o movimento da abolição da escravidão querendo entender um fenômeno que eu tinha visto enquanto escrevia a biografia de Nabuco. O que eu não sabia é que ele era tão grande, extenso e articulado como percebi ao longo de seis anos de pesquisa. Daí, realmente migrei para a literatura de movimentos sociais, e isso me levou a falar de junho.

O QUE ACONTECE COM O MOVIMENTO ABOLICIONISTA DEPOIS DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA?

Primeiro, uma parte que foi persuadir as pessoas de que existiu um movimento pelo fim da escravidão. Na verdade, o movimento abolicionista foi um movimento porque ele envolveu muita gente. Chegou uma hora que eu parei de recolher nomes, mas está na casa do milhar. Foi nacional, durou duas décadas e teve várias lideranças, sendo que três delas eram negros: Luiz Gama, José do Patrocínio e, o mais importante de todos, o grande articulador da campanha, André Rebouças. Essas são figuras que ficaram muito pouco enfatizadas pela historiografia, pelos livros escolares, pelo debate público. São figuras que não aparecem no imaginário nacional. Quando se fala da abolição, fala-se mais dos grandes nomes, como Nabuco, a princesa Isabel, que tem protagonismo relativo. Nabuco foi líder parlamentar, grande orador e tal. Mas a princesa Isabel não. Ela foi premiada pelas circunstâncias. Ela assinou uma lei que ela não promoveu. Então, quando se fala do pós-abolição, pensa-se muito nessas duas figuras. O que aconteceu com Nabuco e com a princesa Isabel. E, na verdade, tem um monte de gente que estava ali. Então, o que aconteceu de imediato após a abolição teve a ver inclusive com o jeito que a abolição acabou sendo aprovada. O movimento abolicionista pressionou muito: primeiro, com eventos; comícios; eventos de persuasão da opinião pública; uma fase que eu chamo de “flores”, porque eles jogavam flores nos oradores, nos escravos libertos, e depois eles fizeram uma grande ofensiva de libertação de territórios, como eles chamavam, em que eles compraram liber-

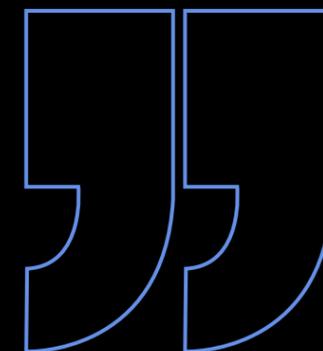


dade e pressionaram. Subiu um governo favorável à abolição, e o movimento se aliou ao governo, foi o momento dos votos. E gerou uma grande reação escravista, que aconteceu tanto na sociedade quanto nas instituições, e esse governo e o movimento perderam, restando um governo repressivo e escravista. O Estado ainda teve a possibilidade de reprimir. No fim de 1887, o Exército, que já estava em brigas com a Coroa por outras razões, declarou que não caçaria mais escravos fugidos. Naquele momento, o Império perdeu a capacidade de sustentar a escravidão, e o País ficou dividido entre abolicionistas; aconteceram vários episódios violentos, inclusive assassinatos, gerando uma negociação. A abolição não saiu, nem a do programa do movimento abolicionista – que tinha esses dois itens que não foram contemplados –, nem como concediam os proprietários de escravos e o movimento escravista, que era com indenização financeira aos ex-proprietários. Então, foi uma abolição que não deixou ninguém feliz. Nenhum dos lados em disputa esteve completamente contemplado pelo resultado. Logo depois, os abolicionistas se dividiram em dois campos: os que achavam que aquilo era pouco e que não valia a pena continuar apoiando a Monarquia (porque ela tinha resistido quatro séculos à escravidão, 20 anos ao movimento abolicionista) e foram, em massa, fazer o movimento republicano. E uma parte do movimento abolicionista, da qual Nabuco foi membro, aliou-se à Coroa na expectativa de que o Terceiro Reinado, o reinado de Isabel, fosse mais reformista do que fora o do pai dela. Mas essa esperança também foi em vão, porque os escravistas se articularam o tempo todo para resistir e, logo depois, se articularam para pedir a indenização aos proprietários de escravos. O movimento teve nome, chamava-se “Indenizismo”. Então, o ano subsequente da abolição até o golpe republicano foi um ano de conflito entre essas forças que ainda estavam disputando o *day after* da abolição. Então, o movimento abolicionista acabou por duas razões. Primeiro, porque a abolição foi feita. Não fazia sentido o movimento continuar existindo. E, dividido, ele não teve força para enfrentar o outro lado.

ISSO É INTERESSANTE, POIS É IMPOSSÍVEL FUGIR DOS PARALELOS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO, ENFATIZANDO A CORDIALIDADE SOBRE O CONFLITO. SOMOS POUCO PREPARADOS PARA O MOMENTO DE CONFLITO, E A SOCIEDADE NÃO SE RECONHECE COMO UMA SOCIEDADE VIOLENTA, EM PARTE, POIS NÃO SE RECONHECE COMO UMA SOCIEDADE DESIGUAL, E DIFICILMENTE UMA GERAÇÃO PASSA O PODER PARA OUTRA. VOCÊ VÊ ESSA DIFICULDADE DE LIDAR COM CONFLITO QUE ACABA NOS LEVANDO AO ROMPIMENTO?

Se você olhar para a história da França, você vai ver um andamento muito parecido, e costumamos pensar na França como a pátria da civilização, e a história da França é o tempo todo interrompida por episódios parecidos. No Brasil, há uma grande resistência das elites políticas, elites sociais, de encararem o problema principal do Brasil, que é a desigualdade. Estou repetindo isso, mas acho que é realmente crucial, pois cada vez que a questão se coloca na cena pública, ela acaba sendo desviada pelo problema lateral. Então, vamos pensar em 2013. A pesquisa que estou fazendo mostra que, naquele junho, existiram três blocos de assunto que aparecem. Um bloco, mais geral, que é esse da própria mobilização do Vem Pra Rua, o povo mobilizado, mas tem uma agenda que é, digamos, mais à esquerda do governo do PT, que envolve políticas públicas de modo geral, melhoria de serviços públicos, não apenas transporte. É educação, saúde, é uma agenda larga. O grande equívoco de interpretação é olhar aquilo apenas focando o MPL [*Movimento Passe Livre*] e os transportes. Aquilo é apenas um *start*. Tem um outro lado que aparece: uma agenda liberal conservadora, na qual há uma ênfase na excessiva carga tributária, no excesso de Estado, e isso vai se condensando ainda em junho na temática da corrupção. O Estado é grande, ineficiente, logo, ele é corrupto. A proposta é diminuir o Estado, ter um Estado enxuto, aí acaba com a corrupção. Há uma visão de que a corrupção é um atributo do Estado. Mas ela é uma relação. Não existe corrupção sem corruptores, nem corrompidos. Mas o que eu queria enfatizar é que junho colocou a questão da desigualdade dos problemas, do fato de o Estado brasileiro não atender a boa parte da sua população de maneira adequada. Mas o que acaba vingando, o que ganha adesão da maior parte da popu-

No Brasil, há uma grande resistência das elites de encarar o problema principal do País, que é a desigualdade.



lação, que ganha apoio significativo ainda em junho, é a temática diversionista da corrupção.

ESSA CLASSE QUE PROTESTOU NÃO É NECESSARIAMENTE POLITIZADA POR DEFINIÇÃO...

Eu acho que essa coisa de ser ou não ser politizado é complicada. Ao olhar para o que aconteceu depois, vemos que vários grupos que estão atuando de maneira relevante, como o Vem Pra Rua, estão se formando naquele contexto, outros grupos já tinham se formado, e acho que quando se fala em politização, a gente pensa em politização da esquerda. As pessoas foram se organizando e agindo. É uma perspectiva antiga de imaginar que, primeiro, tem uma consciência de organização e, depois, as pessoas agem. As pessoas vão fazendo as duas coisas. E ali eu acho que tinha uma diversidade muito grande, mas, ao mesmo tempo, as pessoas tinham uma convergência na oposição ao PT. Ai foi o momento de buscar símbolos que unificassem, e estes foram buscados nas Diretas Já, no impeachment do Collor, que foram os símbolos nacionais, reiterando a ideia de uma nação sem fissuras. Nós somos a Nação, não eles. O governo Dilma é um governo que fica como um sanduíche: entre dois pedaços, ali, muito mobilizados. Só mais uma coisa: além de recuperar os símbolos nacionais, o que essa mobilização à direita do governo faz é recuperar também a campanha pelo impeachment, a ideia da ética na política. A ideia da corrupção como grande mal nacional.

PODEMOS ENTENDER QUE UMA PARTE DE JUNHO DE 2013 TAMBÉM FOI UM MOVIMENTO CONTRA A DESIGUALDADE QUE O ESTADO PODERIA COMBATER. TINHA UM DISCURSO DO PAPEL REDISTRIBUTIVO DO ESTADO QUE DESAPARECEU DO DEBATE PÚBLICO. ISSO GUARDA SEMELHANÇAS COM OUTROS MOMENTOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA, E POR QUE NÃO CONSEGUIMOS COLOCAR A DESIGUALDADE EM PAUTA COMO GOSTARIA?

Primeiro, eu queria chamar a atenção para o fato de que eu não acho que junho foi um movimento social. Queria fazer essa distinção. Um movimento social tem certa continuidade de formas de ação, de atores e, sobretudo, de formas expressivas. O movimento

aboliconista, por exemplo, foi movimento porque ele guardou certo ar de família durante todos esses 20 anos. Em junho, eu estava falando de campos, porque temos ciclos de protesto, o que é caracterizado pela entrada sucessiva de vários movimentos sociais numa mobilização contínua. Então o que dá o volume, a força, a visibilidade a junho não é uma bandeira ou um movimento, mas, sim, a simultaneidade de mobilização de vários grupos sociais diferentes ao mesmo tempo. O que aconteceu ali é que eles ficaram em tensão, por isso, chamo esse ciclo de "ciclo mosaico", porque você tem pedaços de mobilização que não se assemelham nem do ponto de vista dos participantes nem do que eles querem. O muro em Brasília, no dia da votação do impeachment, foi muito expressivo dessa trajetória de 2013 até o impeachment. De como todo mundo que está protestando contra o governo, simultaneamente, depois, não consegue mais nem conviver fisicamente. Então a polarização vai se estabelecendo cada vez mais, e acho que ela continua tendo a ver com as correções da desigualdade.

QUE FORÇAS RONDAM OS PRÓXIMOS ANOS? TEM ALGUMA OUTRA FORÇA NOVA?

O que tem agora é uma coisa que aconteceu em outros momentos da história, como no pré-64, no pré-abolição, que é uma grande articulação do campo conservador. Esse campo não tem mais vergonha de expor os seus valores. Pelo contrário, tem uma afirmação, uma positividade, desses valores conservadores. E eles estão cada vez mais ostensivos no debate público, ao passo que há também uma organização muito forte desses grupos agora. Não são grupos que estão de brincadeira, sua organização não é artesanal nem informal, como a dos autonomistas. Esses grupos são profissionais, no sentido de que têm organização empresarial, marketing, sistema de recrutamento, sistema de financiamento, inserção internacional. Então, eu acho que existe um campo com estruturação forte.



RICO 
JULHO 2018 

IGUALDADE DE CONDIÇÕES



CIÊNCIA E EMPREENDEDORISMO SOCIAL

MEDIAÇÃO ■■■■■
LEANDRO BEGUOCI ■■■■

COFUNDADOR DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PIONEIRA NO FOMENTO DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL, **BILL CARTER** FALA SOBRE OS CIENTISTAS EMPREENDEDORES E COMO ESSAS LIDERANÇAS PODEM ATUAR NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DAS SUAS COMUNIDADES. A ENTREVISTA TEM TAMBÉM A PARTICIPAÇÃO DO CEO DA EMERGE (PARCEIRA NA REALIZAÇÃO DESTE BATE-PAPO), **GUILHERME ROSSO**, QUE DISCUTE COM CARTER A CRESCENTE RELEVÂNCIA DOS CIENTISTAS NO DESAFIO DE FORMAR JOVENS PREPARADOS PARA RESPONDER AOS DESAFIOS DO SÉCULO 21.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

LEANDRO BEGUOCI – BILL, COMO VOCÊ SE TORNOU QUEM É HOJE? SEI QUE MOROU UM TEMPO NA INDONÉSIA, QUE ATÉ FALA UM POUCO DE INDONÉSIO. SE PUDE COMPARTILHAR ISSO CONOSCO, SERÁ UM PRAZER.

BILL CARTER – Bem, eu nasci e cresci no Havaí. Portanto, cresci em um ambiente multicultural sem me dar conta disso. Isso deixou uma marca muito forte em mim. Por isso, quando fui decidir o que faria da minha vida, especialmente depois da faculdade, me mudei para Indonésia e comecei a explorar como as populações locais podiam ter controle sobre seus recursos. Imediatamente, estava envolvido em um desafio de desenvolvimento muito interessante, que estava acontecendo com os povos indígenas, que envolvia negócios, setor privado e governo. Mais tarde, na minha vida profissional, trabalhei com coisas semelhantes na Jordânia. Nos Estados Unidos, trabalhei em áreas como habitação social. Então, conheci Bill Drayton, que foi quem teve a ideia de criar a área do empreendedorismo social. E eu pensei: “É isso! É isso que quero fazer”. Começamos a trabalhar juntos após ele ter me convidado para ajudá-lo a iniciar a empresa. Eu fiz isso e testamos a ideia na Indonésia e na Índia. Então, tenho sido parte da Ashoka de diversas maneiras desde 1980, quando ela foi fundada. Primeiro, como membro da diretoria por muitos anos. Depois, pedi para deixar a diretoria e me juntar à equipe e, nos últimos dez anos, tenho trabalhado muito com nossa equipe na África.

LEANDRO – E VOCÊ, GUILHERME, CONTE UM POUCO SOBRE A SUA HISTÓRIA.

GUILHERME ROSSO – Eu nasci no extremo Norte do Brasil, em Roraima. Sou da capital, Boa Vista. Depois me mudei para o Nordeste. Meu pai trabalhava no Exército, e, por isso, me mudei muitas vezes. Minha mãe é do Sul, por isso, eu tenho essa mistura cultural familiar na minha formação. Então, me interessei por ciência, física e matemática. Após o ensino médio, fiz o vestibular para entrar na faculdade, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), para estudar Ciência e Tecnologia. Em 2012, fiz parte do primeiro grupo brasileiro do Ciências sem Fronteiras, um programa enorme

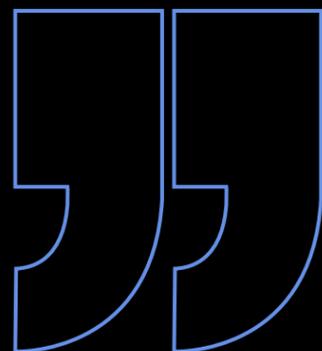
que enviou mais de 100 mil brasileiros para o exterior. Então, quando retornamos, eu fui um dos fundadores, junto com alguns colegas, da Rede CsF, que é a rede de ex-alunos do Ciências sem Fronteiras. Acabei me envolvendo muito com ciência, conheci muitos cientistas, fiz meu mestrado na Universidade de São Paulo (USP), estudando Política de Ciência e Tecnologia. Então, também com alguns amigos, sendo um deles membro do Ashoka, fundei a Emerge, uma ONG que apoia ciência empreendedora. Chamamo-nos de “cientistas empreendedores”. Sei que Bill os chama de “ciempreendedores” – ambos querem dizer a mesma coisa, certo?! Hoje, nos últimos dois anos, temos desenvolvido alguns programas para construir a comunidade da ciência empreendedora, mas também para promover negócios com base em ciência. Assim, acredito que estamos contribuindo para soluções aos desafios globais.

GUILHERME – QUAL É SUA VISÃO SOBRE UMA UNIÃO ENTRE CIÊNCIA E EMPREENDEDORISMO SOCIAL, E QUAIS SÃO OS POSSÍVEIS RESULTADOS DISSO?

BILL – Sua vida ilustra muito bem as forças que tenho visto produzir esse movimento. Sua vida, sua experiência, seus estudos, seu comprometimento e sua paixão pela ciência. Olhando para trás, historicamente, duas coisas me chamaram atenção em especial: uma é que a ciência é convergente. Como você disse, estuda-se muita coisa ao mesmo tempo. Há um processo histórico maior em todas as disciplinas da ciência. A fronteira entre as diferentes disciplinas está desaparecendo. E muito disso é por causa da tecnologia, de muitos dados e de diversos outros fatores. Isso é uma coisa. A outra é que, ao mesmo tempo que isso acontece, há um enorme número de cientistas – mais de 3 mil –, todos trabalhando por um consenso. Porque os sistemas fundamentais do mundo – o sistema biológico, a física, os oceanos, o clima – estavam mudando, mas ninguém disse em que medida. O mundo vai ficar mais quente? Mais escuro? Um grande debate estava acontecendo. Então, os cientistas chegaram a um consenso quanto a isso. De repente, para os membros da Ashoka de todos os tipos, as regras mudaram. As regras de hoje são



Acredito que a cultura do Brasil é muito viva no que diz respeito ao diálogo.



todas diferentes. Em ciência, isso é como um recomeço. Então, acho que é uma questão de onde as coisas acontecem. Empreendedores sociais não conseguem trabalhar sem cientistas. E os cientistas, hoje, enfrentam a opinião pública. Eles tiveram que lutar para defender suas opiniões, foram atacados por simplesmente sugerirem que essas mudanças aconteceriam. Então, politicamente, eles foram diminuídos. Hoje, temos uma geração que consegue perceber que isso é uma luta. É uma luta, pois essas coisas precisam ser sustentáveis, precisam ter um modelo de negócios por trás, mas, ao mesmo tempo, o risco é muito alto. O risco não pode ser mais alto para o futuro do mundo e para todos os seres vivos. Então, acredito que este seja o momento em que os cientistas se tornam mais empreendedores socialmente. Além disso, a sociedade civil organizada se tornou mais fluente em ciência.

LEANDRO – O QUE É UM EMPREENDEDOR SOCIAL E QUE TIPO DE PESSOA A ASHOKA BUSCA QUANDO DESEJA NOMEAR ALGUÉM COMO MEMBRO DA ORGANIZAÇÃO?

BILL – A tarefa da Ashoka em 1980 era criar o campo do empreendedorismo social. Nossa estratégia era tentar definir o topo dessa carreira. Quem seriam os melhores empreendedores sociais? Seria possível escolhê-los? Eles existiriam? Todas essas eram perguntas abertas na época. Eles estavam em toda parte ou havia alguma tendência cultural nessa ideia? Dava para encontrar essas pessoas em qualquer lugar? Elas trabalhavam em todas as áreas? Nossa ideia era: “Isso é global, o sistema do empreendedorismo social muda, é possível encontrá-lo em qualquer parte do mundo, em qualquer área de atuação”. Vocês não podem acreditar o quanto essa ideia era inovadora. E confiaríamos naquelas pessoas com suas próprias ideias, modificando suas sociedades, ou colocaríamos toda fé em um banco mundial ou em alguma outra agência internacional de desenvolvimento ou em algum economista. Mary Allegretti [*antropóloga*], por exemplo, do movimento dos seringueiros no Brasil. Uma ideia de mudança no sistema. Quem conservaria aqueles recursos? As pessoas que ali moravam os conservariam. E como fariam isso? Ela se

tornou membro do Ashoka. Ela herdou o movimento e o construiu. Era uma ideia de como era possível proteger a floresta amazônica e em quem podíamos confiar para isso. Como daríamos condições para que essas pessoas fizessem isso? Qual seria o papel do governo? E o das empresas? Como os fazendeiros deviam tratar disso? Foi preciso recriar as relações entre todas essas pessoas. E pessoas como Mary Allegretti precisavam entender como gerir todos os interesses em jogo e estabelecer aquela ideia como o novo padrão. Então, ela teve uma ideia inovadora de mudança no sistema. Foi muito criativa ao tratar os detalhes da forma como tratou e ao conduzir o movimento, tornando-o forte. Ela foi empreendedora no sentido de estar completamente comprometida com aquela ideia. Essa foi a marca dela na história. Quando a Ashoka fala de qualidade empreendedora, estamos buscando o quanto uma pessoa é comprometida com sua ideia a ponto de levá-la à conclusão lógica pelo tempo que precisar. A ideia tinha um grande impacto social, e a fibra ética era perfeita. Ambos eram critérios da Ashoka. E ela é um exemplo, um dos quase 400 membros brasileiros da Ashoka a incorporar esse espírito.

GUILHERME – O QUE OS CIENTISTAS PODEM APRENDER COM OS EMPREENDEDORES SOCIAIS E O QUE OS EMPREENDEDORES SOCIAIS PODEM APRENDER COM OS CIENTISTAS? E QUAL É A PRINCIPAL CARACTERÍSTICA DE UM CIENTISTA EMPREENDEDOR SOCIAL?

BILL – Em primeiro lugar, acho que os empreendedores precisam saber gastar pouco. Fazer tudo gastando o mínimo possível. Porque os recursos são muito limitados. Em segundo lugar, é a questão do acesso ao capital. O modelo de empreendimento padrão a que as pessoas estão acostumadas é: “Tenho uma ideia, está pronta, só preciso de capital para colocá-la em produção”. Com as inovações da ciência, ligadas à tecnologia, o caminho é maior, há mais etapas para cumprir. Uns dos fatores que começamos a ver são investidores mais pacientes; está começando a surgir um mercado de pessoas que querem se reunir para conhecer coisas novas. Começamos a notar

mais pessoas. E são as mesmas que investiram na indústria do conhecimento, no século 21, na revolução digital. Acredito que estão mudando a cultura. Isso é uma parte. A outra parte é pensar no que o Brasil fez: investiu em vocês, enviou-os para estudar fora, vocês voltaram e fizeram a ligação. Vocês foram para cima e não olharam para trás, certo?! Da forma como você descreveu, o que você faz hoje é o que os cientistas empreendedores fazem. Nós elegemos alguns membros da Ashoka nos últimos quatro anos que seguiram basicamente essa trajetória e obtiveram sucesso. Mas existem outros tipos de empreendedorismo. Há duas dimensões importantes. Porque a parte que estamos discutindo são os membros da Ashoka, mas talvez os empreendedores de negócios, ou o equivalente no campo social. Posso dar exemplo, mas isso não importa agora. Essa é uma das dimensões do empreendedorismo. A segunda dimensão é como criar uma rede de pessoas que não precisem esperar que o Ciência sem Fronteira os leve à Europa; que, do fundamental em diante, já desenvolvam habilidades transformadoras e sejam expostas a ciência, engenharia e matemática, entre outras coisas. E tenham a oportunidade de fazer mudanças na sociedade para que estejam superconfiantes quando chegarem ao ensino médio.

GUILHERME – EDUCAÇÃO CIENTÍFICA?

BILL – Isso. Educação científica. Em terceiro lugar, há realmente alguns lugares do mundo em que essas oportunidades estão disponíveis. Passei boa parte de uma década na África, e o número de laboratórios de ciência no ensino médio na África é muito baixo. Pequeno mesmo. Cientistas que não têm chance de experimentar quando mais jovens, ainda que apenas no local. Isso é muito importante. Parte do trabalho por aqui é como desenvolver uma infraestrutura científica para o século 21 que permita que os jovens tenham o mesmo tipo de acesso que os empreendedores. Porque a sociedade é deles, eles precisam vencer isso. Precisam ganhar a ciência e ganhar as transformações para criar as

soluções para a sociedade deles. Parte disso é como podemos criar de maneira institucional um campo mais nivelado para que os cientistas que venham de universidades nigerianas ou ugandesas tenham a mesma experiência e as mesmas oportunidades, estando, assim, preparados para lutar com as mesmas questões empreendedoras enfrentadas pela sociedade deles. Hoje em dia, funciona ao contrário. Nossos profissionais que trabalham no hemisfério sul receberam sua formação no hemisfério norte. Eles trabalham no hemisfério sul, mas o suporte que recebem vem do hemisfério norte.

LEANDRO – NA SUA OPINIÃO, QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS PROBLEMAS QUE NÃO ESTÃO SENDO DISCUTIDOS? VOCÊ DISSE QUE HÁ MUITAS PESSOAS BUSCANDO MEMBROS PARA A ASHOKA, E, PROVAVELMENTE, ELAS TAMBÉM ESTÃO EM BUSCA DE NOVAS QUESTÕES QUE NÃO ESTEJAM SENDO TRATADAS ATUALMENTE. QUAIS SÃO ELAS?

BILL – Você quer dizer em termos de mercado? Como o mercado enfrenta essas questões? Qual é a demanda do mercado?

LEANDRO – OS NOVOS DESAFIOS QUE NÃO ESTÃO SENDO DEBATIDOS. DIVERSOS LÍDERES E EMPREENDEDORES SOCIAIS ESTÃO TRABALHANDO. HÁ MUITA GENTE TRABALHANDO COM CIÊNCIA, ALGUNS TRABALHAM COM TRANSPORTES...

GUILHERME – Há problemas inesperados. Nos últimos anos, tivemos o problema do vírus da zika no mundo. Não esperávamos por isso, mas acredito em um outro lado do empreendedorismo. Há uma pesquisadora chamada Celina Turchi, brasileira, cientista e que trabalha em laboratório. Ela descobriu a correlação entre o zika vírus e bebês com microcefalia. E, com essa descoberta, ela não abriu uma empresa, ela é pesquisadora. Mas essa descoberta permitiu que os hospitais e o sistema de saúde trabalhassem visando à prevenção das gestantes para que tratassem a doença causada pelo vírus, se precavessem. E isso acabou gerando uma mudança no nível sistêmico.



LEANDRO – ELA DESCOBRIU QUE HAVIA UMA CORRELAÇÃO ENTRE O ZIKA VÍRUS E A MICROCEFALIA. E ISSO ACABOU TRAZENDO NOVOS ESTUDOS QUE MOSTRAVAM COMO ELE É CAPAZ DE DESTRUIR CÉLULAS CANCERÍGENAS NO CÉREBRO. ISSO MUDA COMPLETAMENTE A FORMA COMO OLHAMOS PARA DOENÇAS, POR EXEMPLO. O VÍRUS É UM PROBLEMA, MAS UMA NOVA SOLUÇÃO SURGE DISSO. EM QUAIS NOVAS ÁREAS AS PESSOAS TÊM TRABALHADO?

BILL – Vou dar dois exemplos. Fazendo um paralelo com o vírus, um de nossos membros, Gary Slutkin, é epidemiologista e trabalhou na África, em campo. Uma das coisas que ele descobriu é que podemos usar o conhecimento de como controlar o vírus. Um vírus deve ser controlado, limitado, para, então, ser detido. Podemos usar as mesmas ferramentas e aplicá-las sobre a violência de gangues. E contra sua disseminação nas cidades. Ele compreendeu como funcionava e, como cientista, disse: “Não é minha opinião sobre o assunto. Vamos estudá-lo como um cientista faria”. Então, foi a um dos bairros mais complicados dos Estados Unidos, o West Garfield Park, em Chicago. Uma área muito violenta. E ele conseguiu demonstrar que a metodologia funcionava. Ele a levou para muitas outras cidades pelo mundo que eram assoladas pela violência. Então, é possível pegar um vírus e seu conhecimento sobre ele e aplicá-lo em outra questão médica. É possível pegar a metodologia, não a microbiologia, mas se valer do método para aplicá-lo em outra coisa.

LEANDRO – QUE CONSELHO VOCÊ DARIA PARA QUE OS BRASILEIROS NÃO SE SINTAM ISOLADOS E POSSAM REALIZAR UMA GRANDE TRANSFORMAÇÃO SISTÊMICA NO PAÍS NESTE MOMENTO?

BILL – Existem uma rede de empreendedores sociais e uma rede de ciempreendedores que têm crescido. Essas pessoas são conhecidas e acessíveis. E existe uma literatura cada vez maior do trabalho delas. Existem alguns países, sim, nos quais há isolamento, mas acredito que a cultura do Brasil é muito viva no que diz respeito ao diálogo. Tenho a impressão de que o Brasil tem liderado o mundo de tantas formas em termos de criar comunidades para as pessoas que têm esse tipo de interesse. Mas o seu argumento, Guilherme, será

cada vez mais importante aos que queiram trabalhar nesse campo. Colaborar com os ciempreendedores e vice-versa. Que articulem bem qual é a proposta de valor, consigam apresentá-la de forma clara como hipótese a ser testada, acho que a linguagem no campo do empreendedorismo social vai seguir essa direção, sinto isso. E eles devem estar bem preparados em termos de análise de dados, que resultem em experimentos realizados, e também quanto à importância em saber adotar tanto a linguagem científica quanto a do empreendedorismo. Uma das lições do empreendedorismo é “falhar rápido”. O perigo que os cientistas enfrentam é o tempo de publicação. Eles criam resultados que não são verificáveis de forma independente. E na outra extremidade do processo, o objetivo é criar a propriedade intelectual, algo extraordinário. O novo mundo da ciência precisa prepará-los para trabalhar junto com outros cientistas e empreendedores sociais, para trabalhar em equipes de diversas áreas, conhecer seus pontos fortes e fracos, pensar em como defender seu trabalho, ter avaliações em mãos, pois se trata de inteligência coletiva.

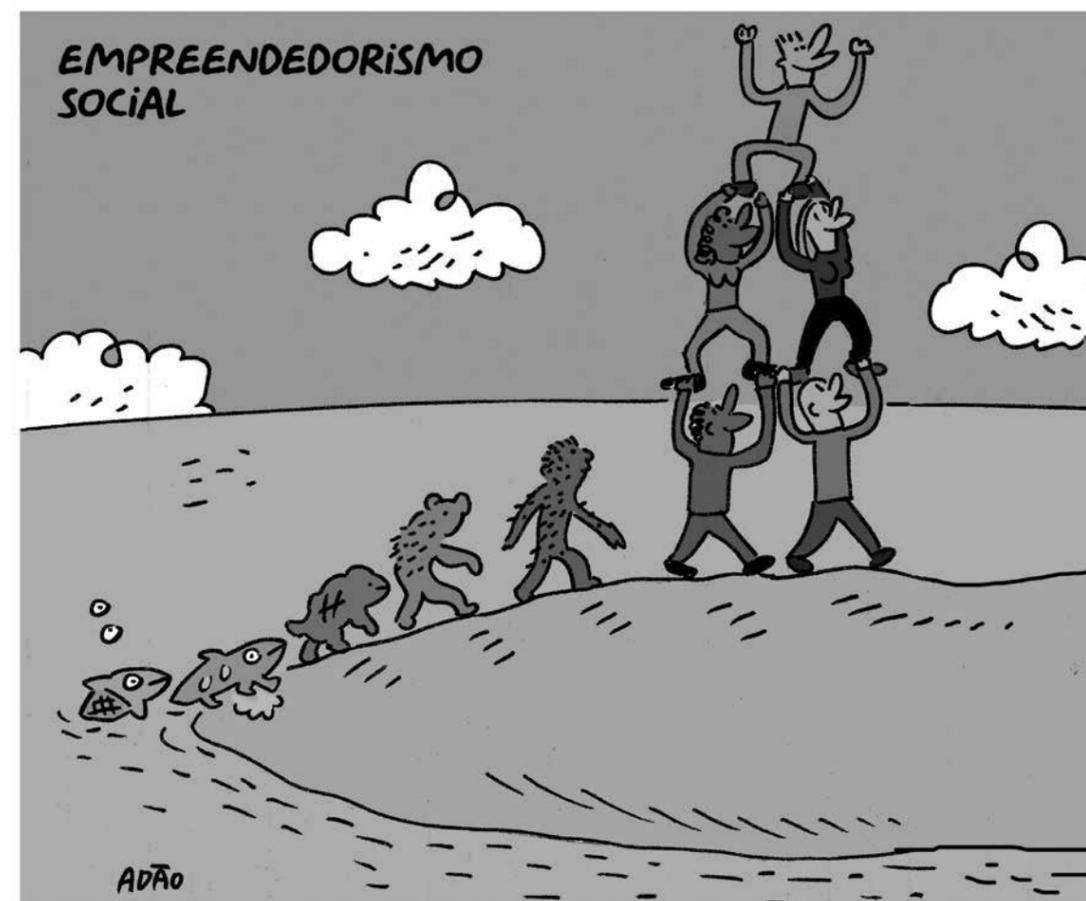
GUILHERME – O QUE VOCÊ ACHA DOS CIENTISTAS EMPREENDEDORES SOCIAIS BRASILEIROS COM QUEM VOCÊ TEVE CONTATO NAS ÚLTIMAS SEMANAS?

BILL – Vocês já estão criando a infraestrutura por aqui. Houve membros do passado que focaram em como envolver toda uma cidade, como aconteceu na Bahia, como fazer isso se tornar um centro de conhecimento, como pegar a ciência e a tecnologia e criar uma comunidade em torno disso. O objetivo de uma organização é, normalmente, começar a conhecer pessoas que realizam esse tipo de trabalho. Isso já está acontecendo no Brasil, o que é um bom sinal. E o Brasil está tomado por uma discussão animada entre institutos de pesquisa de tecnologia e ciência e empreendedores sociais. Temos visto há décadas, então, acho que o Brasil está no caminho certo. O que precisamos fazer, agora, aquilo que o Ashoka defende se tratando do Brasil, é escolher mais ciempreendedores e, na minha visão, ciempreendedores sociais. Profissionais de uma perspectiva es-

tritadamente voltada ao modelo de negócios, da forma como a Ashoka está pretendendo. Existem o impacto de negócios e o social, e nós nos identificamos com o social. Acho que o nosso próximo passo é desafiar o sistema de educação, não sei. Só sei que a Ashoka tem feito muito pela mudança da educação brasileira. A questão é se conseguimos incluir o elemento “ciência” nesse trabalho. Mas nossa diretriz é encontrar mais jovens que queiram assumir isso, e mais educadores dispostos a fortalecer esse currículo para que mais jovens estejam preparados cada vez mais cedo. Com ideias que sejam verificáveis e comprováveis, e que ofereçam capitais social e econômico à sociedade. Se tivermos pessoas suficientes, toda a sociedade irá caminhar naquela mesma direção. Hoje temos alguns, mas precisamos de mais.

ADÃO ITURRUSGARAI

JULHO 2018



O PAPEL DO BRASIL NA POLÍTICA GLOBAL

MEDIAÇÃO ■■■■■
JAIME SPITZCOVSKY ■■■■

QUAIS SÃO OU DEVEM SER AS PRIORIDADES BRASILEIRAS NO COMÉRCIO EXTERIOR? E COMO ANDA NOSSA RELEVÂNCIA PERANTE A COMUNIDADE INTERNACIONAL? QUE MEDIDAS DEVEMOS TOMAR NA POLÍTICA EXTERNA PARA BENEFICIAR O DESENVOLVIMENTO DOMÉSTICO? ESSAS E OUTRAS PERGUNTAS SÃO RESPONDIDAS PELO **PROFESSOR DE POLÍTICA INTERNACIONAL TANGUY BAGHDADI** E PELO COORDENADOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO IBMEC/SP, **GEORGE NIARADI**. O DEBATE FOI REALIZADO EM PARCERIA COM O IBMEC SÃO PAULO.



Acese o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista



QUAL É A VOCAÇÃO DO BRASIL NO CENÁRIO INTERNACIONAL DO SÉCULO 21?

TANGUY – A agenda do Brasil não deve ser restritiva. O Brasil não é um país que tem um grande exército, que faz muito comércio, então, deve ser capaz de discutir diversos assuntos para melhorar as questões de comércio, de integração regional, de reforma das organizações internacionais (ONU e FMI) para se articular com países emergentes, como os do Brics, mas sem se distanciar dos países centrais, como os da Europa e os Estados Unidos. A agenda brasileira tem que ser da multiplicidade. Quanto mais temas conseguirmos abordar, mais vamos nos colocar como uma potência periférica ou emergente.

GEORGE – Espero que a vocação não continue a de ser um País que simplesmente fornece matéria-prima para os demais. Gostaria, assim como disse Tanguy, que o Brasil tivesse diversidade de temas e leque de possibilidades, de tal maneira que não só influencie regionalmente, mas talvez globalmente. O desafio é como impulsionar outros setores que não sejam exclusivamente aqueles do agronegócio, que vai bem, embora tenha seus nós. Assim como todo brasileiro, espero que o País consiga ter algum tipo de protagonismo. Se não for aquele de excelência, como alguns países têm, que seja um protagonismo em alguns setores em que o Brasil tenha seus talentos e possa ir além de ser simples fornecedor de matéria-prima, do agronegócio e dos bens que servem como base da indústria dos outros países.

POR QUE O BRASILEIRO, A SOCIEDADE CIVIL E O GOVERNO DÃO RELEVÂNCIA MENOR À DISCUSSÃO DE TEMAS INTERNACIONAIS?

TANGUY – Concordo em partes com isso. Neste momento, a gente fala pouco sobre política externa e assuntos internacionais de uma forma geral, mas me parece que é reflexo do momento político que o Brasil está vivendo. Se olharmos para a história do Brasil, vamos ver que, em determinados momentos, as pessoas falaram mais sobre mercado externo, como durante a Segunda Guerra Mundial, que além de ter sido um conflito internacional de

grandes proporções, o governo brasileiro estava se inserindo mais no cenário internacional. Estava barganhando com Alemanha, Estados Unidos, conseguindo uma base de industrialização a partir de elementos externos. A mesma coisa aconteceu no governo de Ernesto Geisel, tirando toda a carga negativa de uma ditadura militar, tínhamos uma política externa muito ativa. Outro momento importante foi durante o fim do governo Fernando Henrique e todo o governo Lula, quando o Brasil teve um protagonismo muito grande. Por outro lado, quando vemos o governo Temer, dá até desânimo. Por que ninguém fala sobre política externa? Por que ninguém quer ficar deprimido. Não há um projeto de política externa hoje, mas tenho certeza que se o Brasil começar a ter um engajamento maior em termos internacionais, fatalmente esse debate vai voltar, pois o momento atual de conexão com a internet, e por sermos tão impactados pelos acontecimentos internacionais, nos dá essa percepção de que temos que participar.

GEORGE – Acredito que exista, por parte da sociedade brasileira, um desconhecimento prático sobre a matéria internacional, porque o brasileiro imagina que o Brasil é um país aberto para o mundo. Mas, efetivamente, não é. Embora a China tenha um regime político bem característico, ela, sim, está aberta para o mundo, ou seja, vai a outros países, realiza investimentos, adquire empresas, cria um sistema produtivo local naqueles países em benefício próprio. O Brasil não tem essa condição, porque simplesmente desconhece que é um país pouco aberto para o mundo. Então, além de uma agenda internacional, a relevância do Brasil no cenário mundial depende também de uma plena consciência do que significa ir ao universo internacional.

MAS POR QUE NÃO TEMOS UMA AGENDA DE ESTADO DE POLÍTICA EXTERNA?

GEORGE – Porque eu entendo o Brasil como um país fechado.

TANGUY – E se observarmos as passagens dos governos, vamos perceber que existem bases de política externa que são sempre mantidas, com ênfase no multilateralismo e certa busca pela diversificação de parceiros, na-

turalmente com alternâncias de governo para governo. Talvez, o momento estranho seja o atual, pois o governo Temer tem uma volúpia menor em fazer política externa, portanto, a gente não consegue nem perceber quais são as prioridades externas.

NA CORRIDA ELEITORAL [ENTREVISTA REALIZADA EM 2018], O QUE DIFERE OS PROJETOS DE POLÍTICA EXTERNA DE PARTIDOS DE ESQUERDA, DIREITA E CENTRO?

TANGUY – A atual proposta da direita brasileira é liberal, que busca abertura. Não estou dizendo que necessariamente a direita é liberal, mas, geralmente, os candidatos direitistas buscam aproximação com mercados como o dos Estados Unidos e de outros grandes atores do comércio internacional. A esquerda tende a se aproximar mais de uma visão globalista, em que países como Estados Unidos, União Europeia e Japão são importantes, mas não os únicos. Então, entendem que devemos nos aproximar de outros parceiros da América Latina, Estados africanos, do Leste Europeu e asiáticos, e, dessa maneira, diversificando o mercado, o País teria necessariamente um resultado melhor. Essa posição da esquerda, muitas vezes, também implica parcerias complicadas, como a Venezuela e o governo cubano, o que abre espaço a críticas.

QUAIS DEVERIAM SER OS TRÊS PONTOS PRIORITÁRIOS DE UM NOVO GOVERNO NA POLÍTICA EXTERNA?

GEORGE – O primeiro ponto deve ser um estilo bem pragmático com a adoção de acordos internacionais que favoreçam mecanismos do comércio internacional. Não é simplesmente vender mais produtos lá fora, porque talvez nem tenhamos o que vender lá fora, mas adotar acordos internacionais que criem uma interface jurídica que facilite àquele que queira vender lá fora, seja produtor, seja exportador brasileiro. Segundo ponto: o que o Brasil pretende, afinal de contas, ao se posicionar na ONU? É preciso que o Brasil responda qual posição pretende ter para ocupar o Conselho de Segurança da ONU. Por fim, o terceiro ponto, é uma nova matriz sobre o que significa riqueza. Porque, se pensarmos em riqueza simplesmente

como PIB, será que não está na hora de o Brasil começar a mostrar que tem uma riqueza interna com recursos naturais? Para serem usados como referência de uma nova riqueza para se pensar a economia mundial.

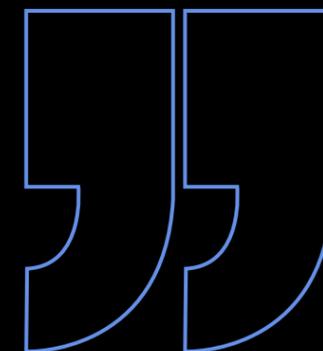
TANGUY – Vou começar pela corrupção, que é um tema que lida diretamente com credibilidade. A primeira coisa que o País precisa fazer para combater a corrupção é recuperar a credibilidade. O Brasil chegou a ter um momento muito bom de credibilidade, durante o período da reconstrução da economia a partir da década de 1990, com Lula herdando o legado de Fernando Henrique e conduzindo essa credibilidade de forma muito clara. Para isso, seria interessante que o Brasil pudesse se comprometer com determinados padrões de comportamento internacionais, que permitissem que o combate à corrupção fosse um compromisso internacional. Já para a recuperação econômica, não vejo outra saída senão a busca por mais parceiros comerciais dispostos a investir e nos quais o Brasil também possa fazer investimentos. O País não pode fazer a estratégia que o México fez, por exemplo, que ficou enclausurado em um único parceiro comercial [*Estados Unidos*], porque se a economia norte-americana oscila, a economia doméstica é a primeira a quebrar. Temos muitos parceiros que podem ser mais bem explorados, como a China, que já é o maior parceiro do Brasil atualmente, a Índia, a Rússia, países africanos, além do Mercosul, que pode ser mais fortalecido, certamente, com novas bases.

O MERCADO DOS PAÍSES DA ÁSIA-PACÍFICO É CRESCENTE E, MUITOS DIZEM, O FUTURO. O BRASIL NÃO TEM SAÍDA PARA O OCEANO PACÍFICO, PORTANTO, AS PARCERIAS COM NOSSOS VIZINHOS SÃO IMPORTANTES?

GEORGE – Sem dúvidas, pois sem um canal mais facilitado para escoar a produção pelo Pacífico se torna quase impossível, ou melhor, tem as restrições que temos hoje. Mas o problema é de infraestrutura, que não vai ser solucionado com um passe de mágica no plano internacional, a menos que haja necessidade de produtos exclusivamente brasileiros no mundo. O Mercosul é importante, porém, sem ideologia, característico, assim como está previsto em lei, sem exceções ao livre-comércio. São ques-

O brasileiro
imagina que o
Brasil é um país
aberto para o
mundo, mas,
efetivamente,
não é.

GEORGE NIARADI





tões que demandam uma costura, não só interna, mas com os demais parceiros e principalmente, no aspecto político institucional do Mercosul. Nós temos o Parlasul, que é o parlamento que fica em Montevideú, porém, o Brasil perdeu o prazo [2014] para eleger seu deputado mercosulista, que daria representatividade ao País e ajudaria a definir regras sobre as finalidades do Mercosul.

JÁ FAZ QUASE 30 ANOS QUE SE CONSTITUIU O MERCOSUL. QUAL É O BALANÇO DESSES ANOS E QUAL É A PERSPECTIVA PARA O BLOCO?

TANGUY – A avaliação é decepcionante. O País tinha um projeto muito bom nas mãos, que poderia avançar muito rapidamente, mas a América do Sul sofre de um problema, que é o excesso de otimismo. Sempre achamos que as coisas vão andar rapidamente, mas gosto de comparar o Mercosul com a concepção da União Europeia. Criada na década de 1950, os europeus tinham a perspectiva de que a Europa estaria unida até 1970, porém, isso só ocorreu em 1992. Aqui, tinha-se a expectativa de que o Mercosul estaria solidificado em três anos, então, percebe-se que não dá para fazer uma integração tão rapidamente, e o plano tem que ser mudado de forma constante para acompanhar as evoluções dos tratados. O problema é que, ao longo desses anos, mudou-se muitas vezes a maneira de tocar o Mercosul, começou com uma ideia liberal, depois passou a ser um arranjo mais ideológico, e agora voltou a ser mais liberal com a liderança do Temer e do Macron, à frente de Brasil e Argentina. É como se o acordo fosse um aplicativo de trânsito que muda o caminho a todo o momento. É preciso definir aonde o Mercosul quer chegar.

QUAL É A AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO DAS RELAÇÕES BRASIL-EUA NO GOVERNO TRUMP E QUAL É NOSSO DESTINO NO CAMINHO COM OS ESTADOS UNIDOS?

TANGUY – Acho que Trump nem se lembra do Brasil ou desconhece o papel do Brasil no cenário mundial. O que é muito ruim, porque o País ocupou, nas últimas décadas, papel muito importante diante dos Estados Unidos nos governos de Bill Clinton e até mesmo com George W. Bush dando bastante importância ao Brasil. O que acontece agora

é que não existe diálogo pelo fato de termos o governo Temer, que não faz política externa. Parece-me claro que, quando o tema é política externa, o governo Temer não assume riscos, então, ele faz uma proposta bastante conservadora de pedido para entrar na OCDE [*Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico*] como demonstração de que não está parado, mas não há absolutamente nada em termos de resultados. E temos um governo Trump que não está olhando para a América Latina. Os latinos só são citados quando ele fala sobre imigrantes vindos do México, das perigosas gangues da Guatemala ou sobre o risco que existe na Nicarágua. Inclusive tivemos representantes norte-americanos que visitaram a América do Sul, passando por Chile, Argentina e Colômbia, mas que não estiveram no Brasil. Neste momento, não existe perspectiva de uma relação entre Brasil e Estados Unidos, restando-nos esperar o resultado das eleições para ver se o governo Trump vai ter algum tipo de disposição de se aproximar do novo presidente, quem quer que ele seja.

GEORGE – Nós somos a periferia. Qual seria o interesse em saber das potencialidades brasileiras para fazer negócios aqui no Brasil? A filosofia “America first” não me assusta, acho que pode ser importante para o Brasil como oportunidade de aproximação. Foi importante o Brasil conseguir se manter parceiro, apesar do bloqueio de aço e alumínio imposto por Trump.

PARA FINALIZAR, QUAL É A IDENTIDADE DO BRASIL? QUEM SOMOS NÓS?

GEORGE – No palco internacional, o Brasil ainda é um desconhecido, assim como o palco internacional é desconhecido dos brasileiros. É um país que é desconhecido, porque não tem capacidade de expressar aquilo que pode.

TANGUY – O Brasil é uma potência média com oportunidades desperdiçadas. Vou discordar do professor Niaradi, o Brasil é muito conhecido e muito bem-visto lá fora. Às vezes, esquecemos do potencial que a cultura brasileira tem. Só que, infelizmente, o Brasil é um país que não consegue se vender, tampouco se abrir.



CACO GALHARDO
AGOSTO 2018



“UM LIVRO TIRA UMA CRIANÇA DA RUA.”

ENTREVISTA ■■■
THAIS HERÉDIA ■■■

AS DEFICIÊNCIAS CULTURAIS DA SOCIEDADE SÃO TEMA DESTE BATE-PAPO COM O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA LIVRARIA CULTURA, **PEDRO HERZ**. NA VISÃO DO EMPRESÁRIO, A INCAPACIDADE DE DIALOGAR É UMA DAS FACETAS DO BRASILEIRO DA ATUALIDADE. “TEM UMA COISA QUE ME CHAMA ATENÇÃO, QUE É A DIFICULDADE DE OUVIR.” ESSE TRAÇO COMPORTAMENTAL SE REFLETE NA CRISE DO MERCADO EDITORIAL DO PAÍS, QUESTÃO TAMBÉM ANALISADA PELO LIVREIRO FILHO DE IMIGRANTES JUDEUS, QUE VIERAM PARA O BRASIL FUGINDO DA PERSEGUIÇÃO NAZISTA. “LER É UMA ATIVIDADE SOLITÁRIA, E VOCÊ PRECISA FICAR CALADO, OUVINDO O QUE O OUTRO ESTÁ DIZENDO NUMA MÍDIA QUE NÃO É ORAL.”



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

QUEM SÃO OS LEITORES DO BRASIL?

Eu acho que isso precisa ser descoberto. Não há muita informação sobre quem são os leitores brasileiros. Saiba-se muito pouco. Conta-se o número de exemplares vendidos e não se sabe muita coisa, por exemplo, se o leitor, aquele que compra o livro, de fato leu o livro. Vende-se bastante, segundo leio, mas as pessoas leem o que compram? Essa é uma pergunta que eu não sei responder e que me faço há muitos anos. As pessoas compram, eu mesmo estou cheio de livros, mas não dou conta de ler. Então, nós não temos exatamente esse perfil do leitor, não sabemos o que acontece, quem lê, que horas lê, por que lê, ou o que gosta de ler.

DÁ PARA TER UMA IDEIA DO QUE AS PESSOAS GOSTAM DE LER?

Há modismos, como na música, na arte e na leitura. Hoje, você tem livros de blogueiros que vendem muito bem. Eu acho que existe uma pessoa que fez leitores no mundo, que no meu livro eu aplaudo, faço minhas homenagens, que é a J.K. Rowling, autora de *Harry Potter*. Essa mulher fez leitores. Eu tenho depoimentos de vários pais cujos filhos não liam até o surgimento do *Harry Potter*. A partir da leitura do primeiro *Harry Potter*, esses filhos, que acho que já sejam até pais, se formaram leitores. E isso é muito legal, é muito difícil.

EM RELAÇÃO À OUTRA PONTA, A DOS ESCRITORES. NO BRASIL HÁ MAIS ESCRITORES DO QUE LEITORES...

Difícil. Não se sabe exatamente, de novo, quantos escritores temos e quantos leitores. É comum você ter estímulos para, depois de se aposentar, contar suas memórias, o que você aprendeu, o que deixou de fazer, contar sobre uma viagem que fez. Então, são nichos de mercado que podem ser preenchidos. A área de culinária, por exemplo. O que tem de livro de receita! Isso não é só no Brasil, acontece no mundo todo. É um mercado que não para de crescer. Eu não sei exatamente o motivo, mas um fato é que as pessoas estão com tempo escasso para tudo. Ninguém vai expandir o dia, que continuará tendo 24 horas, e, no entanto, as ofertas de

entretenimento são enormes. O tempo que se consome com coisas inúteis no Brasil, por exemplo, com as mídias sociais, é enorme. Eu não sei exatamente quanto, não faço parte delas. Mas aqueles que dedicam tempo a elas não conseguem ler um livro.

ANTES DE HAVER REDES SOCIAIS, ACHO QUE ESSE TEMPO ESTAVA DEDICADO À TELEVISÃO. E NÃO É QUE O LIVRO PERDEU ESSE TEMPO PARA AS REDES SOCIAIS, O LIVRO JÁ NÃO FAZIA PARTE. TALVEZ AS REDES SOCIAIS TENHAM OCUPADO UM ESPAÇO QUE ESTAVA DESTINADO PARA OUTROS PRAZERES E LAZERES QUE NÃO O LIVRO.

Talvez. Tem uma coisa que me chama atenção, que é a dificuldade de ouvir. Ler é uma atividade solitária e você precisa ficar calado, ouvindo o que o outro está dizendo numa mídia que não é oral. Ficar em silêncio, ouvindo o que está escrito. Hoje, você entra no elevador, cem por cento das pessoas não cumprimentam, mas estão falando não oralmente, no celular. Acho que há hoje um grande déficit de não saber ouvir.

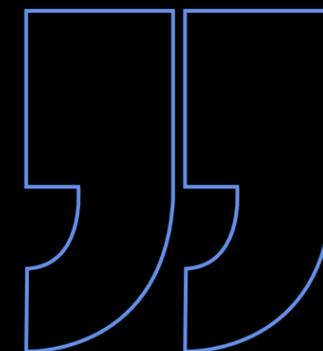
CLAUDIA COSTIN [ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO] TEM O TRISTE DIAGNÓSTICO DE QUE O BRASIL É UM PAÍS DE ELITES NÃO LEITORAS. VOCÊ IDENTIFICA ESSA SEPARAÇÃO, DE O QUE É SER UM NÃO LEITOR NO BRASIL?

Sim. Porque as pessoas cada vez mais não ouvem, mas falam compulsivamente o tempo todo. Isso acontece em qualquer classe social, credo...

QUEM NASCEU PRIMEIRO: O ANALFABETO INTELECTUAL QUE CRIA NÃO LEITORES OU O FATO DE TERMOS NÃO LEITORES QUE CRIAM ANALFABETOS INTELECTUAIS?

Essa pergunta nos obriga a pensar no conteúdo. Se eu tenho uma coisa que te faz pensar e é uma coisa que as pessoas têm dificuldade, elas não param para pensar. Você faz uma pergunta, e a resposta vem. É preciso refletir um pouco, e as pessoas estão com muita dificuldade para isso. Por quê? Eu não sei exatamente, mas a má qualidade da nossa escola reflete isso. Ai você vai ao médico, que diz que é estresse, déficit de atenção ou

Enquanto a
qualidade de
vida for projetada
para ser material,
acho que nosso
fim está próximo.
A qualidade de
vida deve ser
intelectual, interior.





qualquer outro nome. Enfim, o não saber te remete ao não entender e uma coisa vai alimentando a outra.

COMO ESTÁ O MERCADO DA LEITURA NO BRASIL?

Estamos há anos em uma crise extremamente difícil para a indústria. Temos uma defasagem de preço do produto de dez anos ou mais. O preço é uma defesa do não leitor, ele argumenta que é caro, o que não é verdade. Essa crise se desenhou mais nitidamente quando o livro ganhou uma nova mídia. Hoje, inventaram os ebooks, me refiro ao aparelho de ler. Só que tem um detalhe: o aparelho não faz leitor. Então, o que está sumindo é o leitor, além da crise da indústria editorial.

A PROFECIA QUE O MUNDO DIGITAL ACABARIA COM O LIVRO DE PAPEL...

Não acaba, porque o que vai acabar é o leitor, o consumidor de livros, esse está em crise. Na minha opinião, o que faz o leitor são os pais. Eu lia porque meus pais

liam. Meus filhos pegavam livros sem serem alfabetizados porque me viam com livro. Pegavam o livro de cabeça para baixo e faziam de conta que estavam lendo. Esse é o bichinho que pica e contamina. Acontece que as pessoas mais esclarecidas são as que mais leem, mas elas estão tendo menos filhos. Eu pegava livros defeituosos, que estragavam dentro da livraria, colocava no carro. Quando parava num semáforo e chegava uma criança pedindo qualquer coisa, eu pegava um deles e dava. Em segundos, essa criança estava sentada na calçada e, em poucos segundos, outras três, quatro, junto com ela. Ou seja, um livro tira uma criança da rua.

COMO ESTÁ O MERCADO DE LITERATURA EM MEIO A ESSE PROCESSO DE LENTA RECUPERAÇÃO DA ECONOMIA? ESTÁ VOLTANDO À ATIVIDADE NORMAL VAGAROSAMENTE?

Não, eu não sinto isso. Não está porque a maioria das pessoas tem um estoque de livros para ler. Livro novo é aquele que você não leu, não importa a idade dele. Como não está se produzindo novos leitores, a indús-

tria está sofrendo bastante. Uma campanha que deveria ser feita, não pelos atores da indústria, talvez pelo governo, teria que dizer: “Se você não lê, não dá o exemplo. Como você quer que o seu filho leia?”. O que nós temos é isso, não temos o exemplo do ato de ler.

COMO VOCÊ VÊ O MOMENTO DO BRASIL HOJE?

Se desse para zerar e começar de novo, diria que está faltando tudo. Eu disse para alguns amigos políticos que, se eu fosse candidato, diria: “Eu não vou fazer nada”. Como nada? Eu iria tentar colocar para funcionar o que existe e faria um governo fantásticamente bom. Tem tudo aqui, é só colocar para funcionar. Nada mais funciona no Brasil em nenhuma esfera, em nenhum canto. Tudo falta, tudo está errado.

NÃO TEM NADA QUE VOCÊ IDENTIFIQUE QUE FUNCIONE?

Bem poucas coisas. A arrecadação tributária, a imunização infantil, a apuração eleitoral. Não concordo com o modelo político, mas a apuração eleitoral funciona. Esse modelo de presidencialismo de coalizão não deu certo e nós temos que admitir isso. Mas ninguém propõe uma coisa nova, já se propôs parlamentarismo, que também não deu certo. O compromisso dos políticos é zero.

EM PARALELO A ESSA CRISE, HÁ UM RECONHECIMENTO INSTITUCIONAL, ESPECIALMENTE POR CAUSA DA OPERAÇÃO LAVA JATO, QUE ESTÁ LEVANDO OS PROCESSOS AO FIM. TEMOS POLÍTICOS E EMPRESÁRIOS SENDO PRESOS, O QUE ERA ABSOLUTAMENTE IMPENSÁVEL. HÁ UMA CRISE INSTITUCIONAL OU TEMOS MAIS AVANÇOS?

Eu acho que há uma crise, sim. Sinto que a economia se separou do governo. Isso também acontece lá fora, como na economia americana. Li hoje que os Estados Unidos estão em pleno emprego, a economia cresce e tem um governante que a maioria não quer. Então, a separação dos poderes político e econômico é gritante. Será que nós somos capazes de tocar um país onde não se trabalha em conjunto? Eu

tenho dúvida se isso funciona. A economia se separou dos demais poderes, do Judiciário, do social, está tudo separado. Eu entendo que um governo é formado por várias equipes trabalhando juntas, cada uma na sua área, para que a máquina funcione. A máquina pública brasileira é tão obsoleta que a cada dia precisa de mais recursos para mantê-la funcionando. É uma ilusão, porque ela é tão arcaica e tão obsoleta que jamais o dinheiro será suficiente para mantê-la. Só um cego não vê isso.

VOCÊ ESPERA UM “SALVADOR DA PÁTRIA” PARA TIRAR O BRASIL DESSE PERÍODO DE RADICALIZAÇÃO, FRAGMENTAÇÃO E POLARIZAÇÃO?

Acredito que se surgir um que não faça nada, só coloque para funcionar o que já existe, fará o melhor dos governos. Porque não há mais nada que funcione em relação a transporte, saúde e educação. Nós estamos numa “marcha à ré”. O saber está sendo tirado. Li ontem que as bolsas [de pesquisa científica] estão sendo tiradas. O saber está sendo tirado. O saber, as bolsas, as universidades precisam existir. Você não produz saber com um interruptor que você liga e desliga. São anos e anos de pesquisa. Talvez seja esse o motivo pelo qual as doenças que estavam erradicadas no Brasil estão voltando.

AS DISTORÇÕES ESTÃO CRIANDO BRECHAS PARA MALES QUE ACHAMOS QUE NÃO FÔSSEMOS MAIS VIVER.

Parece-me que a lei no Brasil foi feita para ser violada. A lei é feita para ser violada. Será? Lei que pega, lei que não pega...

PARA A LEI PEGAR, SERÁ QUE PRECISARÍAMOS DE UMA LIDERANÇA MAIS FORTE?

E ser humilde. Ter a coragem de dizer ao antecessor que uma coisa boa que ele fez eu posso incrementá-la. Isso inexistiu no Brasil. Tudo que o antecessor fez não presta. Isso é impossível. Eu entendo que posso melhorar aquilo que você fez. E vamos tocar o barco numa direção.



HOJE HÁ UMA DISCUSSÃO DA EDUCAÇÃO CÍVICA, QUE ATÉ A MINHA GERAÇÃO ERA OBRIGADA NA ESCOLA, COM O INTUITO DE “FORMAÇÃO DE PATRIOTAS”. VOCÊ ACHA QUE O PATRIOTISMO FAZ FALTA?

Acho, porque não temos nada para nos orgulharmos. Nesta semana, roubaram uma medalha de um quase Prêmio Nobel de Matemática [*o iraniano Caucher Birkar teve a medalha Fields, considerada o Prêmio Nobel da Matemática, furtada 30 minutos após recebê-la, em cerimônia no Rio de Janeiro*]. Às vezes, eu tenho vergonha de ser brasileiro.

ESTAMOS VIVENDO UM PERÍODO DE FUGA DE BRASILEIROS, UM ÊXODO QUE NÃO VIMOS EM UM PERÍODO RECENTE. VOCÊ GOSTARIA DE IR EMBORA DO BRASIL, APESAR DE TER LAÇO COM O PAÍS POR CAUSA DO SEU NEGÓCIO?

Eu tenho um laço com o Brasil, sou nascido aqui, sou filho de alemães fugidos do nazismo. Tenho cidadania alemã, posso morar lá a qualquer momento. Passa pela minha cabeça, sim, por um simples motivo: a qualidade de vida dos brasileiros está despencando. E não é de hoje. Também já se descobriu que ter uma televisão nova de 60 polegadas na parede não significa qualidade de vida. Para mim, qualidade de

vida é outra coisa. Enquanto a qualidade de vida for projetada para ser material, acho que nosso fim está próximo. A qualidade de vida deve ser intelectual, interior. Se estou com insônia, eu posso dar uma volta às três da manhã sem que eu tenha os braços amputados por um assaltante ou qualquer coisa assim. O medo de sair às ruas é uma sensação muito ruim para a democracia, para a sociedade. Eu não tenho essa sensação aqui no Brasil, e acho que a maioria dos brasileiros não tem mais.

EM RELAÇÃO À DEMOCRACIA, COMO VOCÊ ESTÁ VENDO A QUALIDADE DO DIÁLOGO?

Muito ruim, porque não se ouve. Como é um diálogo sem ouvintes? Nós temos um monólogo, infelizmente.

HÁ ESPERANÇA DE QUE É POSSÍVEL CONSTRUIR UM CONSENSO?

A esperança existe. À medida que a idade chega, você começa a ter pressa de ver a coisa melhorar, e não se constrói isso em 24 horas. Jogou-se fora muita coisa no Brasil. Qual será o futuro dos nossos filhos e netos? Há muitos pais pensando em ir embora.

QUAL É A IDENTIDADE BRASILEIRA ATUAL?

Eu não sei responder. É um país de múltiplas personalidades. Tem a ver com diversidade, falta de compromisso. Não se cumpre mais horário. Como pode o cidadão não ter compromisso? A maioria das pessoas não cumpre mais horário. Tem uma cláusula na Constituição que diz todos somos iguais perante a lei. Você acha que isso é verdade?

NÃO, NÃO É.

O que estamos fazendo aqui? Você se aposenta de uma forma, eu também. Agora um ministro, um juiz, um presidente, um governador não se aposenta dessa forma. Qual é a razão lógica disso? Então, não somos

iguais perante a lei. Tem que botar para funcionar o que existe, consertando certas coisas.

VOCÊ CRÊ QUE TENHAMOS, FINALMENTE, ENCARADO COM MAIS TRANSPARÊNCIA, MAIS QUESTIONAMENTO, ESSA DIVISÃO DE OPORTUNIDADES E PRIVILÉGIOS NO BRASIL?

Acho que está se discutindo mais, sim. Parece que a “ficha está caindo”. As desigualdades não podem continuar do jeito que estão. Eu vejo um cenário ruim, difícil para as crianças, os jovens, se não arrumarmos essas coisas primeiro.

VOCÊ FALOU DE MUITAS COISAS QUE O DECEPCIONAM. DO QUE VOCÊ SE ORGULHA NO BRASIL?

A capacidade musical do brasileiro. É fantástico como ele é criativo musicalmente. É um dom que poucos povos têm. De uma crise, faz-se um samba. São vários ritmos que nascem e morrem, há uma criatividade musical extremamente interessante. Não consigo entender o motivo de a bossa nova desaparecer, porque ela é a música brasileira mais tocada no mundo. Então, eu não entendo essas coisas. A bossa nova é um clássico. Todo autor, compositor, quer ser um clássico. Qual é o pianista que não quer ser Chopin? Qual é o pintor que não quer ser Picasso? Qual é o escultor que não quer ser Rodin? Eu aprecio música erudita, que tem excelentes músicos no Brasil. É pouco difundida, poucas pessoas têm o hábito de ouvir música erudita, é o único gênero que eu ouço falar: “Eu não entendo”. Eu digo: “Você não entende porque você não ouve”, não entende porque não fica quieto, fica no celular durante o concerto, é o que eu vejo bastante.

BENETT 
AGOSTO 2018 



"O BRASILEIRO É UM FENÔMENO DA MISCIGENAÇÃO."

ENTREVISTA ■■■■■
JAIME SPITZCOVSKY ■■■■

OBSERVADOR ATENTO DA CULTURA NACIONAL E DO COMPORTAMENTO DO BRASILEIRO, **WASHINGTON OLIVETTO**, O PUBLICITÁRIO MAIS PREMIADO DO PAÍS, REVISITA ALGUMAS DE SUAS MEMÓRIAS, FALA DA FUNÇÃO DA PUBLICIDADE NO MUNDO, EXPLICA SUA VISÃO SOBRE O POLITICAMENTE CORRETO ATUAL E DEFENDE A NECESSIDADE DE SE CRIAR UMA MARCA PARA O BRASIL SE PROJETAR MUNDIALMENTE.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

AO LONGO DE SUA VITORIOSA CARREIRA DE PUBLICITÁRIO, VOCÊ TEVE QUE ESQUADRINHAR UM PERSONAGEM CHAMADO 'CONSUMIDOR BRASILEIRO'. ISSO DEU A VOCÊ UMA VISÃO MUITO PRIVILEGIADA DE QUEM NÓS SOMOS. QUAL É A ALMA DO BRASILEIRO DOS PONTOS DE VISTA CULTURAL E SOCIAL?

Eu sempre fui obsessivo por esse tema. E isso ajudou muito no desenvolvimento da minha vida profissional. Tive o privilégio de receber muitos elogios, mas talvez o que eu mais goste tenha sido feito por um querido amigo, Marcio Moreira, um publicitário brasileiro que trabalhou mais nos Estados Unidos do que no Brasil. Uma vez, numa entrevista, ele falou: "O Washington tem o dedo no pulso do Brasil". A verdade é que eu me treinei para isso, somando a paixão que tenho pela cultura brasileira com um lado intuitivo muito forte. Se eu tenho uma qualidade, é o meu intuitivo. Eu tenho o intuitivo de uma comitiva de mulheres. É interessante que quando faço palestras fora do Brasil, principalmente nos Estados Unidos, onde eles conhecem a geografia e a língua locais, eu procuro situar de onde vem o trabalho que vai ser mostrado e por que ele foi feito. Eu costumo dizer, no início das minhas palestras, que o Brasil é o último país do mundo que tem mulher bonita no ponto de ônibus. Isso acontece por um fenômeno muito curioso. Na maior parte dos países, os bonitos estão onde estão os ricos. Ou estão no Meatpacking District, em Nova York, na Slow Square, em Londres, em Saint-Honoré, em Paris. No Brasil, a miscigenação, que eu acho que é o nosso grande patrimônio, democratizou uma série de coisas, incluindo a beleza. Então, eu diria que o brasileiro é um fenômeno da miscigenação. Acho que deveríamos aproveitar muito bem isso, porque gerou homens e mulheres bonitos, musicais, sensuais, bem-humorados, divertidos, sentimentais, emocionais. Por isso, até que a minha atividade de criador de publicidade não é tão difícil, pois há um público muito receptivo. É bom ser criador de publicidade no Brasil.

VOCÊ MORA EM LONDRES DESDE 2017. MORAR NA CAPITAL BRITÂNICA MUDOU A SUA VISÃO SOBRE O BRASIL E OS BRASILEIROS?

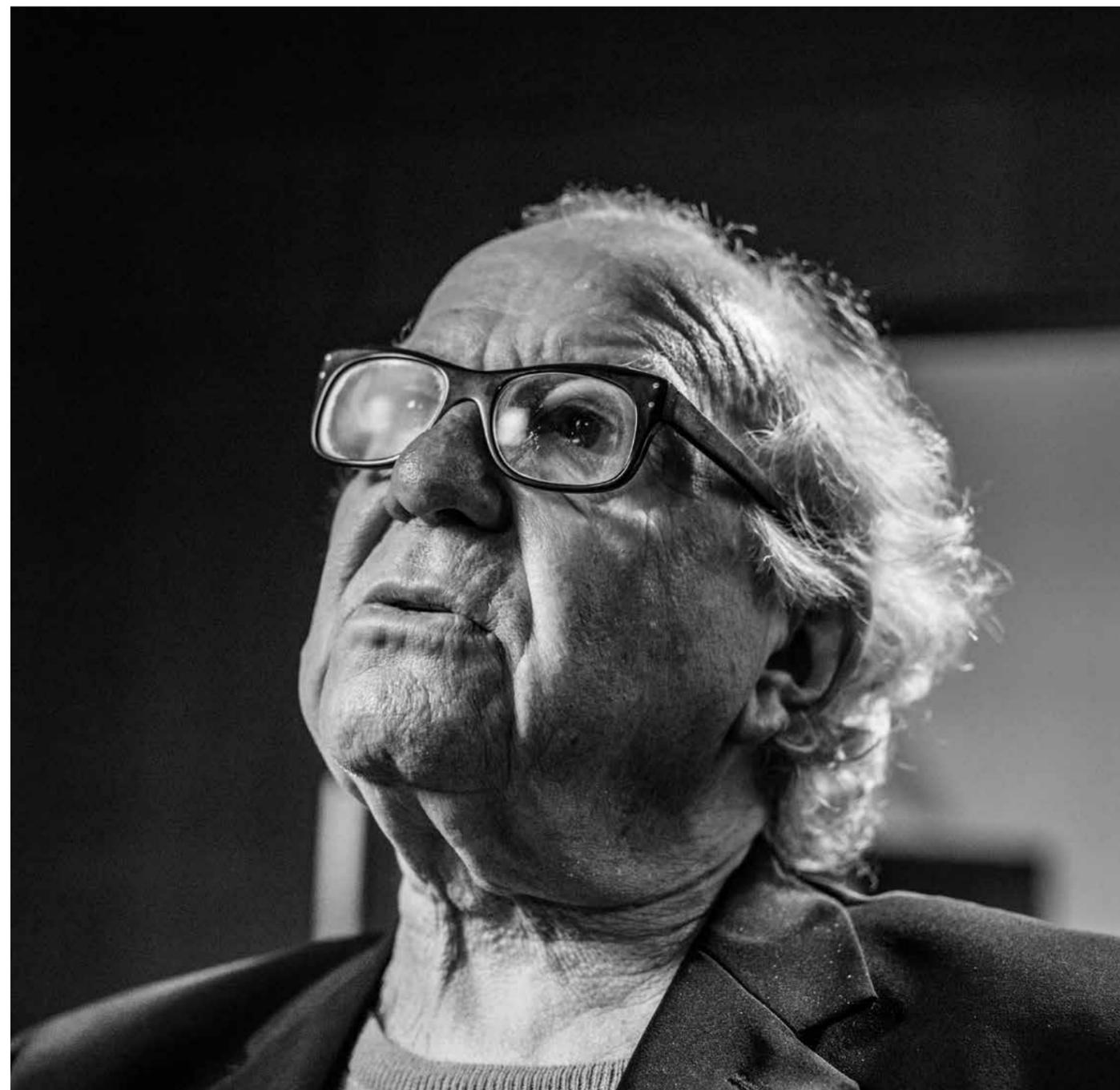
Mudou uma coisa. Estou morando em Londres, mas sou mais brasileiro do que nunca. Eu fiz uma empresa chamada "W/Brasil", então isso nunca muda. Moro em Londres numa situação privilegiada no seguinte sentido: moro lá, mas posso vir ao Brasil na hora que eu quiser. Agora, sem dúvida, a sensação que tenho olhando o Brasil de lá, dá para fazer uma comparação: morando aqui, é como se eu estivesse assistindo ao futebol na televisão, você vê o lance de pertinho. Morando em outro país, é como se você estivesse vendo em um estádio, você vê a noção de conjunto.

QUAL BRASIL É MELHOR: O DA SUA INFÂNCIA OU O DE HOJE, ONDE OS SEUS FILHOS ESTÃO CRESCENDO?

São coisas muito diferentes. Aliás, a minha mudança para Londres não teve nada a ver com o momento que o Brasil vive hoje. Ela estava planejada em função da idade dos meus filhos. Fiz questão que eles tivessem uma formação de infância muito brasileira, aqui, no Colégio Santa Cruz, em São Paulo. Fiz questão que eles não estudassem numa escola norte-americana e fizessem inglês à parte. O Brasil da minha infância era, evidentemente, mais seguro, era muito normal eu ir ao futebol sozinho, um garoto de oito anos de idade tomando um ônibus elétrico na Aclimação, e chegar ao estádio, eu, corintiano, e ao lado ter um pai com um filho com a camisa do Palmeiras. O cara ainda se preocupava em comprar o sorvete para o filho dele e para mim. Isso não existe na cultura mais, hoje a violência tomou conta. Na minha infância, o Brasil tinha uma ingenuidade maior, no bom e no mau sentido. Há momentos significativos da cultura brasileira que se passaram durante a minha infância, a bossa nova, um trecho da nossa arquitetura. Teve um mérito, depois teve aquele buraco da ditadura política. Uma coisa que me incomoda muito no Brasil é esse conceito de país do futuro. Quando eu era menino, o Brasil era o país do futuro. E eu já não estou tão menino, e o Brasil continua o país do futuro.

EXISTE UM POUCO DE NOSTALGIA E SAUDOSISMO?

É natural. Eu acho que essa nostalgia e o saudosismo existem porque nossas memórias são seletivas e tendem



a armazenar só a parte boa das coisas. Nos nossos trabalhos, normalmente encontramos os colegas para tomar uma bebida juntos. E, de repente, começam a falar: “Porque o jornalismo nos anos tais era muito melhor”. Nós, publicitários: “A publicidade era muito melhor, lembra aquela campanha?”. Porque só lembramos as boas.

É DIFERENTE FAZER PUBLICIDADE NA DITADURA E NA ERA DEMOCRÁTICA?

É diferente, sem dúvida nenhuma. Apesar de a publicidade ser uma atividade muito autocensurada, ela foi pouco censurada na ditadura porque ela já vinha sendo autocensurada. Na publicidade, a primeira coisa que fazemos quando acabamos de criar uma peça é tentar destruí-la. Dizemos: “Onde é que está o defeito? Onde não vai funcionar?”. E, depois, o cliente vai fazer isso também e, às vezes, vai descobrir um problema que você não descobriu. Eu tive algumas peças censuradas na ditadura, algumas de maneira até ridícula. Eu trabalhava na DPZ quando foi lançado o absorvente OB. Um anúncio que estava sendo publicado na revista *Veja* quase foi impedido de circular, portanto, quase impediu a revista de circular, porque o texto do anúncio tinha a palavra “menstruação”. Em 1981, fiz o primeiro comercial de camisinha no Brasil. Foi para a Jontex. É uma história curiosa, porque, na época, nunca tinha sido anunciado, e foi tirado do ar em uma semana. E, anos depois, o próprio governo implorou, durante o período da aids, para se anunciar camisinha. É sempre melhor fazer qualquer coisa na democracia.

ENTÃO, DESSE PONTO DE VISTA, O BRASIL DA SUA MATURIDADE É MELHOR DO QUE O BRASIL DA SUA INFÂNCIA...

Sem dúvida nenhuma. Hoje, temos outro tipo de censura, que vem, em certos casos, da obsessão pelo politicamente correto, da pressão das redes sociais. São outros tipos de censura.

AS REDES SOCIAIS LHE INCOMODAM?

Não, não me incomodam, mas você precisa saber julgá-las. Assim como o politicamente correto não me incomo-

da. Em 2002, fiz uma palestra em Ravello, na Itália, em um seminário do meu amigo Domenico De Masi [*sociólogo italiano*]. Foi a primeira vez que eu falei dessa coisa do politicamente correto e incorreto. Naquele momento, eu comecei a racionalizar que, no meio dos dois, existia uma coisa que batizei de “politicamente saudável”, que é uma coisa que mantém a irreverência, a diversão, a brincadeira, mas não é mal-educada, mas também não é chata.

NO POLITICAMENTE SAUDÁVEL, VOCÊ ACHA QUE A PUBLICIDADE BRASILEIRA, COM OS SEUS PERSONAGENS, REFLETE A DIVERSIDADE DO PAÍS?

Algumas vezes sim, algumas vezes não. Por exemplo, ao criar, em 1978, o primeiro personagem que tratou a mulher respeitando a inteligência dela, o garoto-propaganda da Bombril [*personagem do ator Carlos Moreno*]. E ele ficou 35 anos no ar se renovando. Então, sem dúvida nenhuma, demonstra que, às vezes, reflete bastante. Outras vezes, é classista, racista. No fundo, tudo é muito simples. A publicidade é criada, aprovada e veiculada por pessoas. Quanto melhores forem as pessoas, melhor será a publicidade.

MAS PUBLICIDADE FORMA OPINIÃO?

Algumas vezes forma, mas a publicidade detecta, principalmente, algo que está para acontecer e vai atrás. Não é verdade que a publicidade vende, publicidade cria predisposição de compra. O que vende é a somatória de todos os organismos do mecanismo de marketing.

QUAL É A DIFERENÇA ENTRE FAZER PUBLICIDADE DURANTE CRESCIMENTO ECONÔMICO E DURANTE UMA RECESSÃO, COMO A QUE ESTAMOS VIVENDO?

No mundo, o publicitário brasileiro é, no mínimo, o que mais entende de crise. Porque já tivemos todas as crises possíveis e imagináveis. Inclusive crises de prosperidade. Tivemos momentos em que faltavam produtos. Mas, é verdade, com crescimento econômico é muito melhor. Normalmente, em momentos de crise, muitos anunciantes tiram o pé do acelerador, infelizmente.

E AÍ NÃO ACONTECE UMA SELEÇÃO NATURAL NO MUNDO DA PUBLICIDADE? SÓ FICA QUEM É BOM...

Sem dúvida. Mas o bom é você ter uma sociedade onde muitos possam ser bons. Eu brinco que “não quero ser a mulher mais bonita de Serra Pelada”. Vale a pena você ser próspero onde muitos são prósperos. Aliás, anos atrás, eu falava isso, que só os publicitários gostavam mais de uma boa distribuição de renda do que os sociólogos de esquerda.

AS PESSOAS NASCEM CRIATIVAS OU PODEM DESENVOLVER ESSA CARACTERÍSTICA?

Não. Na minha área, você precisa nascer com um pouquinho de criatividade. Mas depois precisa treinar essa criatividade obsessivamente. Eu uso até um termo meio agressivo: “Você precisa adestrar o seu talento como se ele fosse um cachorrinho a ser adestrado”.

ESTAMOS ENTRANDO EM UM PERÍODO DE MUDANÇAS GIGANTESCAS NO MUNDO DA PUBLICIDADE E NO MERCADO DE TRABALHO EM GERAL. COMO NOS PREPARAMOS PARA ESSE MUNDO NOVO? COMO OS SEUS FILHOS VÃO ENFRENTAR ESSE MUNDO NOVO?

Eu tenho um filho diretor de cinema, o Homero, que fez um filme, inclusive com bom sucesso, o *Reza a lenda*, com Cauã Reymond. E tenho um casal de gêmeos de 14 anos de idade. A escola que o menino estuda em Londres, por exemplo, não usa cadernos, o ensino é com iPad. Ele teve que optar por uma segunda língua, não quis optar pelo mandarim, que seria sábio para ganhar dinheiro no futuro, mas ele optou pelo espanhol, que tem o único professor que faz questão do uso de cadernos ainda. A menina está em outra escola, faz francês. Eles se preparam com uma quantidade de informação notável. Eu não tenho dúvida de que, se eu tivesse tido o privilégio de ter recebido a quantidade de informação que eles têm, eu teria me transformado num sujeito muitíssimo melhor. É claro que eles têm muito incentivo da mãe e meu, e eu costume mesclar uma formação tecnológica com uma formação muito humanística. Agora, as profissões vão mudar, muitas

estão mudando. Eu, aos 18, 19 anos de idade, fui muito beneficiado pela geração profissional anterior à minha, que profissionalizou a publicidade no Brasil e permitiu o surgimento de um garoto como eu, com prêmios internacionais, badalado, saía no jornal, tirava fotografia, namorava umas meninas bonitas. O criador publicitário da minha geração, não só eu, mas outros, hoje é o chef de cozinha, por exemplo, que dá entrevistas, é badalado, namora as meninas mais bonitas. As coisas vão mudando, é normal.

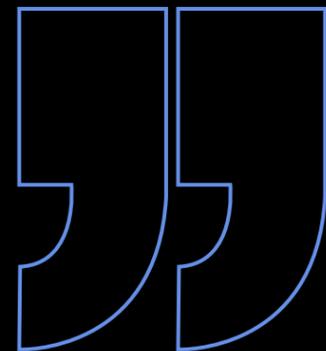
O MARKETING POLÍTICO TAMBÉM É REFERÊNCIA EM VÁRIAS PARTES DO MUNDO. QUAL É A SUA ANÁLISE E MAIOR CRÍTICA À MANEIRA QUE ELE TEM SIDO FEITO?

Eu sou um inapto para responder a essa pergunta, porque optei por nunca fazer campanha política, e nunca fiz, e tenho certeza que, se tivesse feito, faria mal, porque me treinei desde cedo para trabalhar exclusivamente para a iniciativa privada em que as decisões são profissionais e não políticas. E eu preciso de decisões profissionais. E tudo que fiz em caráter social, fiz de forma gratuita. Eu, particularmente, não gosto dessas características do marketing político brasileiro. Não gosto, por exemplo, do horário político obrigatório. Se fosse bom, não seria obrigatório. E uma coisa que me incomoda nos últimos anos, que é bom e também não é bom, é o crescimento da tecnologia. No caso das campanhas políticas, a tecnologia permite materializar visualmente coisas que antigamente eram só verbalizadas. Então, o sujeito podia mentir que ele construiria uma ponte entre a 9 de Julho e a minha casa em Belgravia [*Londres*]. Todo mundo iria rir. Hoje, com a tecnologia, dá para materializar a ponte visualmente. Particularmente, acho que o marketing político deveria ser, em qualquer lugar do mundo, informação, e não persuasão.

E NUMA SOCIEDADE TÃO POLARIZADA COM A NOSSA, VOCÊ ACHA QUE O MARKETING POLÍTICO TERIA UMA CONTRIBUIÇÃO A DAR NO SENTIDO DE “BAIXAR A TEMPERATURA”?

Acho que sim. Neste momento, como disse, estou assistindo à partida de futebol no campo, estou muito

No mundo, o publicitário brasileiro é, no mínimo, o que mais entende de crise. Porque já tivemos todas as crises possíveis e imagináveis. Inclusive crises de prosperidade.



curioso para ver o que vai acontecer nos próximos dias e meses. Porque, por enquanto, temos muitos candidatos e não candidatos, sem saber quem vai ser candidato de fato [entrevista realizada em agosto, antes da eleição]. Temos discursos diametralmente opostos, tem radicalismos, tem coisas que, sinceramente, não me encantam.

UM ASPECTO TAMBÉM IMPORTANTE TALVEZ SERIA A CONSTRUÇÃO DE UMA MARCA “BRASIL”. POR QUE NUNCA FIZEMOS ISSO, COMO FEZ A COLÔMBIA, QUE VENDEU PARA O MUNDO A IMAGEM DE UM PAÍS, OU COMO FAZ HOJE O PERU?

É uma pena. Vamos imaginar, por exemplo, que a Colômbia tomou o nosso espaço de prestígio no café, com a comunicação. Um sujeito como Gastón Acurio [chefe embaixador da culinária peruana] é um ícone da gastronomia, e o Peru está bem, o ceviche virou um superproduto. É curioso, porque tem certas coisas que a gente não racionaliza, mas de repente, não sei o motivo, eu que sou treinado para pensar assim, de vez em quando fico racionalizando determinadas coisas. Existe um produto italiano que, durante anos e anos, só existiu na Apúlia [região da Itália] e que invadiu o mundo nos últimos anos, que é a *burrata* [típico prato do local]. Os italianos fizeram um trabalho muito interessante nos Estados Unidos com os vinhos a partir dos Brunellos de Montalcino, e depois de Angelo Gaja, baseado sabe em quê? Em vender o vinho um pouco mais caro do que ele custava para dar prestígio, para aproximá-los dos vinhos franceses numa época que a cidade de Nova Iorque queria os franceses. Nós, infelizmente, não construímos produtos brasileiros. São poucas exceções. Um bom trabalho mercadológico é o das Havaianas. A presença da Havaianas tem prestígio em vários lugares do mundo. Eu fui, agora, a um casamento da filha de um amigo na Grécia, voltei pelo sul da França, um trecho de verão, e a presença das Havaianas é significativa nos pés das pessoas e como produto vendido. É um bom trabalho mercadológico.

QUAL SERIA OU PODERIA SER O MOTE DE UMA CAMPANHA PARA VENDER E PROMOVER O BRASIL NO EXTERIOR? E PARA RECUPERAR A IMAGEM DE UM PAÍS QUE JÁ TEVE MAIS PRESTÍGIO?

São muitos. Há muitos anos – hoje já não seria uma mágica isso –, eu dizia que o Brasil deveria fazer um comercial no momento anual de maior audiência da televisão norte-americana, que é a final do Super Bowl, no qual estreou o Apple Macintosh. Eu dizia: “Seria bacana fazer um comercial do Brasil”. Mas não um comercial ufanista, não dessa cultura pseudoerótica, nada disso. Um comercial do Brasil, do humor, da sensualidade, da música, da alegria e dos bons produtos. O Brasil tem, historicamente, uma série de produtos que poderiam ser posicionados, não como o primeiro do mundo, mas como uns dos bons do mundo, e gerar uma curiosidade. Claro que não vamos competir com os queijos franceses, italianos, mas os nossos queijos da Serra da Canastra, por exemplo, têm uma personalidade tão bacana, não é?! Seria tão bonito vender isso para o mundo.

QUEM OU O QUE PODERIA ESTRELAR ESSE COMERCIAL?

Não sei dizer, assim, de improviso, mas há figuras conhecidas no Brasil e fora do Brasil. Principalmente em áreas como a turma da moda, simbolizada pela Gisele [Bündchen]. A turma da nossa música popular já fazia *world music* antes da expressão “world music” existir, a nossa publicidade tem prestígio, o nosso futebol, hoje, tem reconhecimento maior do que a eficiência que ele tem mostrado. Agora, isso não precisaria, necessariamente, ser personalizado por uma área. Você poderia fazer um comercial baseado em uma ideia, revolucionária, fora de série.

HÁ ALGUNS ANOS, A REVISTA BRITÂNICA THE ECONOMIST PUBLICOU AQUELA CAPA DO CRISTO REDENTOR SUBINDO COMO UM FOGUETE. ESSA CAPA PODE VOLTAR?

Boa publicidade é fundamental, boa comunicação sempre dá para fazer. Mas, primeiro, tem que ter um bom produto. Então, precisamos, primeiro, arrumar o produto. A pior coisa que um mau produto pode ter

é uma boa publicidade. Porque ela faz com que ele seja descoberto como mau produto antes.

O CONSUMO ESTIMULA A CIDADANIA. O CONSUMIDOR VIRA UM CIDADÃO COM MAIS CONSCIÊNCIA POLÍTICA?

Sem dúvida nenhuma, o consumo estimula a cidadania. Essa é uma das poucas dúvidas que eu não tenho.

O BRASIL COM MAIS CLASSE MÉDIA E MAIS CONSUMO TENDE A SER UM PAÍS COM UM NÍVEL MAIOR DE PARTICIPAÇÃO E CIDADANIA?

Sim, com mais senso crítico. Tem coisas que precisaríamos mudar, por exemplo, a eliminação do voto obrigatório, a implantação do voto distrital. É uma coisa de longo prazo, certo?! A característica da minha personalidade, da minha atividade, felizmente, é o otimismo. Então, eu torço para que a gente encurte esse espaço de país do futuro e volte a viver uma situação próspera, bacana. Nos últimos anos, vivemos uma onda de "desotimismo", o que é muito ruim.

COMO NOS LIVRAMOS DESSE "DESOTIMISMO"?

Com muito trabalho, elegendo gente séria, gente nova. E com muita educação. O que nós não fizemos no Brasil, que gerou todos os problemas que estamos vivendo, foi um projeto educacional. Tudo o que temos de ruim é um fenômeno de má-educação. Políticos corruptos, na verdade, são pessoas mal-educadas. Uma grosseria na rua é má-educação, um produto mal desenvolvido é má-educação. Eu não falo na educação no sentido acadêmico só, mas a educação em geral.

NO BRASIL DE HOJE, O QUE MAIS ORGULHA E O QUE MAIS DECEPCIONA?

Eu sou muito pouco maniqueísta. Quando você deixa duas pontas só, fica muito difícil, mas me dá muito orgulho as manifestações de talento nas áreas artísticas da nossa música popular, por exemplo. Uma das poucas áreas que ganhou o

mundo nos últimos anos foi a das artes plásticas. Agora mesmo, em Londres, vi uma exposição da Beatriz Milhazes, maravilhosa, do Luiz Zerbini, maravilhosa. Os nossos artistas, a nossa arquitetura, a nossa música, tem um monte de coisa, é um quadro de orgulho. O que me dá desespero, mais do que vergonha, é ver momentos em que somos vistos como um país com altos índices de corrupção, com irresponsabilidade, falseando realidade, isso não é bom.



ADÃO ITURRUSGARAI ■■■
SETEMBRO 2018 ■■■



O QUE PENSAM OS CONSERVADORES

ENTREVISTA ■■■■■
RENATO GALENO ■■■■

JOÃO PEREIRA COUTINHO,
CIENTISTA POLÍTICO E ESCRITOR
PORTUGUÊS, FALA SOBRE O
QUE É O PENSAMENTO POLÍTICO
CONSERVADOR E COMO ESSAS
IDEIAS SE RELACIONAM COM OS
PROGRESSISTAS – LIBERAIS E DE
ESQUERDA. ELE DISCUTE AINDA A
ASCENSÃO DA EXTREMA-DIREITA
NO MUNDO DEMOCRÁTICO, AS
TRANSFORMAÇÕES NECESSÁRIAS
AO BRASIL E COMO AS ORIGENS
PORTUGUESAS INFLUENCIAM
A NOSSA SOCIEDADE.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

O CONSERVADORISMO É, MUITAS VEZES, CONFUNDIDO COM O REACIONARISMO. O QUE É SER CONSERVADOR?

Eu acho que é inevitável que se pense num conservador como um reacionário. É uma leitura errônea e apressada, sobretudo em países que tiveram experiências ditatoriais de direita. O Brasil teve uma experiência ditatorial de direita, Portugal teve uma longa experiência ditatorial de direita. O conservadorismo é associado às discussões políticas reacionárias, para não falar de manifestações de fascismo e qualquer tipo de autocracia. Uma atitude conservadora, antes de ser uma expressão política, é uma atitude filosófica. É com base em um posicionamento filosófico que podemos chegar ao conservadorismo como política. Uma pessoa que acredita que tem um posicionamento conservador, do ponto de vista político, sem ter uma dimensão filosófica do que é o conservadorismo, pode chegar a situações caricaturais, de se achar conservador simplesmente porque é importante conservar a ordem, a segurança. No fundo, é a velha política da cartilha: “Eu sou conservador, porque acredito nisso”. Mas a realidade transformadora começa por ser uma atitude filosófica. Se um conservador parte do pressuposto de que homens são imperfeitos, e que a nossa capacidade humana, a capacidade para construir uma sociedade, é limitada, isso vai ter implicações imediatas na forma como essa pessoa olha para o fenômeno político. E significa que essa pessoa, politicamente, vai atuar de uma forma muito diferente de outra pessoa que, por exemplo, esteja em uma concepção muito otimista do que é o ser humano. E da sua capacidade racional para atuar na política. E é exatamente por isso que muitas vezes existe uma espécie de acusação a um conservador de ser um imobilista, de ser alguém que tenha uma espécie de prudência paralisante perante as coisas. Não é exatamente isso. O que está em causa, no fundo, é fazer uma pergunta prévia quando estamos discutindo política. Para uma pessoa progressista, a pergunta fundamental é: “Por que não?”. Ou seja, “Por que não fazer isso?”; “Por que não fazer aquilo?”; “Por que não tentar isso?”. Uma pessoa de temperamento conservador tentará dizer

o contrário. Ele pensa: “Por que eu devo fazer isso?”; “Por que devo fazer aquilo?”. Portanto, diria que um conservador político genuíno é alguém que começa com a premissa de que os seres humanos não são perfeitos, e que essa imperfeição recomenda alguma prudência na forma como lidamos com a vida de seres humanos, porque a vida é isso.

UMA DAS IDEIAS QUE APARECEM EM SEUS TEXTOS É QUE O CONSERVADORISMO NÃO TEM PROPOSTAS PARA O BEM DA SOCIEDADE, TERIA MAIS UM CARÁTER POSICIONAL. O QUE É EXATAMENTE ISSO?

Uma das coisas que me causou mais confusão na política é a chamada “política ideológica” ou meramente ideológica. Isso significa que quando você fala com uma pessoa que tem um posicionamento fortemente ideológico, essa pessoa tem sempre uma solução para tudo independentemente das circunstâncias em que ela está. Se você falar, por exemplo, com um liberal, ele traz sempre como resposta imediata para os problemas da sociedade um acréscimo de liberdade, de mercado, individual, disso, daquilo. Se você falar com uma pessoa de tendência socialista, ele também tem as respostas para os problemas da sociedade, e esse problema é igualdade. Ou seja, uma sociedade será mais desejável quanto mais igualitária ela for. De certa forma, a política ideológica faz lembrar um médico. Quando você vai ao médico, vai ao consultório, e o médico, antes de fazer qualquer exame, de usar o estetoscópio, já está passando a receita. Em condições normais, se você se confrontasse com uma situação dessa, o mais prudente a fazer seria fugir do consultório. Existem médicos assim, olham para a pessoa e dizem: “Certamente é isso, sem dúvida é aquilo”, e vai passando a receita. Eu acho que muito mais racional, do ponto de vista político, é você defender a liberdade, a igualdade, a justiça, a ordem, o que quer que seja, partindo de uma análise das circunstâncias e da realidade. Para as instituições, sobretudo nas sociedades em que existem diferenças de riqueza acentuada que podem ser combustível para situações potencial-

mente revolucionárias, pode haver conjunturas em que a igualdade é o valor mais importante, e podem existir outras em que a liberdade é o valor mais importante. É um debate que eu tenho com amigos de tendência mais liberal, de como eles são capazes de ter uma resposta automática para tudo independentemente das exigências da própria situação. Ou seja, é a natureza da situação que exige uma resposta. Quando se diz que o conservadorismo é uma ideologia posicional, situacional, está se dizendo que o conservadorismo tende a ter uma solução de acordo com o posicionamento em que se está o sujeito político. Portanto, não é possível levar a sério um posicionamento que seja puramente ideológico, porque essa política ideológica é quase sempre uma falsificação da realidade.

SE É MERAMENTE POSICIONAL, NÃO HAVERIA BASE HISTÓRICA NO CONSERVADORISMO?

Ao longo da história, existem certos valores e recorrências que perpassam o pensamento conservador. Alguns são valores que as pessoas conhecem perfeitamente e que lidam com questões relacionadas ao papel das tradições. Por exemplo, uma filosofia conservadora tenderá a preferir soluções tradicionais, não porque elas sejam tradicionais, não porque elas sejam antigas, mas simplesmente porque elas foram funcionando ao longo do tempo. Esse é o ponto fundamental. Mas claro que não basta que algo tenha sobrevivido ao longo do tempo, é preciso que tenha sobrevivido e que mostre certa utilidade e benignidade à sociedade. Um exemplo: a escravatura era uma tradição. No limite, podemos dizer que a escravatura era uma tradição útil para uma sociedade escravocrata. Mas não era uma tradição benigna, que respeitasse a dignidade da natureza humana. E, nesse sentido, não há nenhuma razão em conservar essa tradição. Portanto, o posicionamento conservador tende a olhar para as tradições que merecem ser preservadas e, por outro, lado quer reformar aquilo que não funciona. Porque a única forma de se garantir a sobrevivência de uma sociedade passa por ati-

vidades de reforma quando uma sociedade precisa ser reformada.

QUEM É O ADVERSÁRIO DO CONSERVADOR?

Eu diria que o adversário de um conservador tende a ser todo o tipo de radical. E o pensamento radical se define pela ambição de pretender transformar radicalmente o presente rumo ao futuro, como acontece com os revolucionários, ou rumo ao passado, como acontece com os reacionários. São dois tipos de pensadores utópicos, eles não pensam politicamente. A política não é isso. Isso é fantasiar. E, de certa forma, fantasiar é uma das atividades mais belas e profundas que os seres humanos podem fazer. Isso funciona na arte, na música, na filosofia. E não funciona em política. Portanto, diria que o pensamento radical é o primeiro adversário. Acho que uma pessoa com comportamento conservador, num contexto eleitoral, tem como opções, de um lado, o pensamento reacionário, de alguém que promete um passado idílico que nunca aconteceu. O autor americano Mark Lilla fala de “mentes naufragadas”, aquelas que acham que em algum momento da história houve um naufrágio e que, portanto, a ambição política é voltar ao ponto de partida, que um passado romântico é algo que se deve trazer para o presente. Quem pensa assim é um utópico radical. Mas o inverso também acontece: a pessoa que acha que a única forma de governar e de levar a sociedade a um estado de perfeição é aplicar soluções radicais de forma a transportar a sociedade para um futuro que se promete grandioso. Portanto, os adversários do conservadorismo são aqueles que defendem um tipo de política radical. Mas um imobilista também é um adversário do pensamento conservador. Porque ele parte sempre do pressuposto que é possível manter a sociedade num estado de paralisia. Para um conservador, o melhor cenário possível é um cenário revolucionário, e ele é o principal interessado em promover as mudanças necessárias, não com base numa cartilha ideológica fixa, mas com base naquelas que são as necessidades reais de uma comunidade. Se uma elite política não tem capacidade de reformar um país, este vai acabar por reformar a elite política, e é isso que está acontecendo.

COMO FUNCIONA O CHAMADO “CONSERVADORISMO DE EMERGÊNCIA”, QUE OCORRE QUANDO FUNDAMENTOS ELEMENTARES DE UMA SOCIEDADE SÃO AMEAÇADOS?

Vou responder de maneira prática. Quando falamos na necessidade de reforma, falamos no sentido mais prosaico da palavra. Ou seja, aquela ideia de “muito bem, existe aqui um problema na segurança pública, precisamos de mais 5 mil homens para policiar este bairro da cidade”. Não é isso que está em causa. Quando se fala da necessidade de reforma, está se falando da capacidade de efetuar essa reforma de maneira gradual, não disruptiva, antes mesmo de essa reforma ser entendida como fundamental. Ou seja, é preciso uma enorme capacidade de ler a realidade política para promover reformas graduais. Até porque a única forma de essas reformas serem úteis à sociedade é quando é possível corrigir a forma de essas mudanças serem efetuadas. Quando há uma situação de emergência, como você se referiu, isso significa que falhou aquilo que designamos como uma reforma preventiva. Ou seja, se eu sou capaz de olhar para uma sociedade e entender que ela, num espaço de cinco, dez anos, terá uma gravíssima crise de sobrevivência social, cabe a um político minimamente responsável e prudente iniciar reformas antes mesmo de elas se tornarem óbvias aos olhos de todas as pessoas. Há algo na política muito difícil de se traduzir que é a imaginação moral, a capacidade de ver na realidade situações que não só podem ser disruptivas como podem ser perigosas para a continuidade e a sobrevivência dessa sociedade. Há um exemplo que se passou na Inglaterra no século 19, quando Karl Marx estava escrevendo na biblioteca no Museu Britânico e Benjamin Disraeli estava à frente do então Partido Conservador. No século 19, o direito ao voto era das classes mais elevadas, depois, passou a ser das classes médias, e Disraeli, contra toda a doutrina e contra os conselhos do próprio Partido Conservador, percebeu que havia uma classe, a trabalhadora, que estava sendo deixada de fora. No Partido Conservador, todos ficaram horrorizados com a ideia de que era possível conceder o direito ao voto aos trabalhadores. O raciocínio era de que se concedesse o direito ao voto aos trabalhadores, eles jamais votariam nos conservadores. E Disraeli, com

uma enorme imaginação moral, teve uma interpretação contrária. Ele interpretou que o fato de alguém pertencer à classe trabalhadora não significava por si só que essa pessoa fosse um agente revolucionário. Podia significar o contrário, alguém que pertencesse à classe trabalhadora queria puramente participar da vida política do país, participar na Constituição e até preservar aquilo que é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade. E foi exatamente isso que aconteceu. A partir da década de 1860, as classes trabalhadoras puderam votar, e o Partido Conservador reconquistou o poder contra todas as intuições políticas. Isso mostra duas coisas. Em primeiro lugar, a capacidade de ver mais longe do que os outros apagou os focos revolucionários que existiam na Inglaterra. Karl Marx tinha um ódio particular por Disraeli, não apenas porque ele era judeu, mas sobretudo porque ele estava apagando os focos revolucionários que existiam na Inglaterra, trazendo as classes trabalhadoras para a arena política, não os deixando fora da conversação política geral. Em segundo lugar, ficou provado que as pessoas tendem a se interessar pela política de seus países e tendem a preservar aquilo que é importante para suas vidas, quando elas próprias também são tratadas como agentes políticos racionais, capazes de dar uma contribuição à sociedade. É preciso ter uma grande imaginação moral para conseguir ver essas coisas. Do contrário, teria a Inglaterra muito provavelmente caminhado para situações de grande tensão social, revolucionária, como aconteceu na França.

VOCÊ DEFENDE QUE O CONSERVADORISMO, APESAR DAS CRÍTICAS, É CONTRÁRIO AO MOVIMENTO REACIONÁRIO. SERÁ QUE OS PROGRESSISTAS NÃO SERIAM UMA ESPÉCIE DE PRIMOS DOS CONSERVADORES? NÃO ESTARIA A DIFERENÇA ENTRE ELAS APENAS NA VELOCIDADE DA MUDANÇA?

Uma sociedade precisa de conservadores e progressistas, daqueles que fazem as perguntas “Por que não?” e “Por que sim?”. Usando uma metáfora náutica usada por Burke, é como um barco, você não pode colocar o peso todo num lado só. Isso significa naufrágio. Eu diria que a principal diferença está na velocidade



das mudanças. De certa forma, o conservador tende a dizer que só fazendo mudanças lentas é possível ver o resultado, e depois não corrigir aquilo que resulta. Mas a diferença vai um pouco além disso. Para um progressista, a ação política é sempre norteada por um valor fundamental, é sempre norteada pela concretização necessária de um valor fundamental. Para um conservador, não há necessariamente um valor fundamental. Pode haver um determinado valor num determinado momento, que não é o mesmo valor no momento seguinte.

VOCÊ É UM AMIGO PORTUGUÊS DO BRASIL. O BRASIL É UM DOS PAÍSES MAIS DESIGUAIS DO MUNDO. É POSSÍVEL SER CONSERVADOR NO BRASIL TENDO EM VISTA AS MUDANÇAS QUE SÃO NECESSÁRIAS EM UMA SOCIEDADE TÃO DESIGUAL?

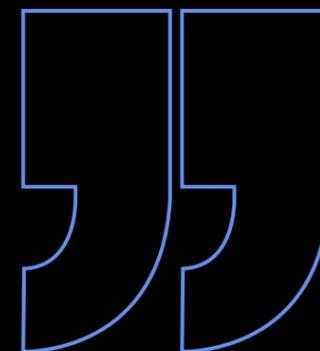
Depende do que você está falando quando se trata de conservadorismo no Brasil. O conservadorismo como uma filosofia política tem aplicação em qualquer circunstância. Agora, olhando para o Brasil, existem aspectos da sociedade brasileira que são, e sempre foram, chocantes. Por exemplo, não apenas a desigualdade, que, de fato, não tem paralelo com o que se passa na Europa, mas algo que é raro de encontrar hoje em dia na Europa, que é a diferença de tratamento entre classes. É algo que um brasileiro que faz a sua vida no Brasil provavelmente não tenha percepção, mas o que se nota é que existe ainda uma certa mentalidade de “casa-grande e senzala” na sociedade brasileira. No tratamento entre empregado e patrão, na atitude e no papel que cada um tende a encarnar, naturalmente. Ou seja, não estamos falando de nenhuma coerção. E também não vou entrar numa caricatura marxista e dizer que isso é a expressão da maldade das classes ricas sobre as classes pobres. Claro, ela pode existir, mas o que parece é que existe uma personificação natural de papéis. Em primeiro lugar, há uma mudança de mentalidade que deveria acontecer no Brasil, não tenho ideia como. Em segundo lugar, o problema da desigualdade é um problema fundamental. E como um conservador olha para esse problema? Voltamos exatamente ao princípio da conversa. Para evitar uma

situação de radicalismo ou ruptura, a desigualdade brasileira deveria ser encarada de uma forma muito séria, e, nesse sentido, entra o diálogo natural da política. E aí uns acham que a solução está na maior participação do Estado; outros, que é preciso liberalização da economia. Eu não tenho um posicionamento fechado sobre essa situação, não sou um especialista no Brasil, embora costume dizer que loucura é fazer as coisas sempre da mesma forma e esperar um resultado diferente. Depois de todos esses anos de forte patrimonialismo, talvez fosse a hora de tentar algo diferente. Os resultados não têm sido brilhantes quando temos um Estado que ocupa áreas cada vez mais crescentes da sociedade e da economia.

O QUE UM CONSERVADOR ACHA DO DESPUDOR NO DISCURSO DE REVOLUCIONÁRIOS E REACIONÁRIOS BRASILEIROS NO DEBATE PÚBLICO BRASILEIRO?

Há duas maneiras de se olhar para esse fenômeno. A primeira é vestir uma toga de moralista, que é o que a imprensa faz. É por isso que está em crise. Ela deixou de escrever para os leitores e passou a ser uma ONG informal. A primeira é você dizer: “Que horror, meu Deus, isso é grotesco vindo da extrema-esquerda ou direita”. Então, só resta protestar nas redes sociais. Tudo bem, é compreensível que as pessoas queiram descarregar sua fúria. Outra coisa é tentar entender o que está acontecendo. Sem entender o que está acontecendo, não é possível corrigir nada. Normalmente, os fenômenos de radicalização política têm quase sempre a mesma explicação. Só acontecem pelo fracasso da política *mainstream*. Ou seja, uma sociedade que não é capaz de gerar crescimento econômico sustentável, distribuição razoável de sua riqueza – funções basilares do Estado. Nesse sentido, Hobbes chegou a uma conclusão básica: a de que nosso principal medo é o da morte. Então, a primeira função do Estado é assegurar o mínimo de segurança. Não é uma questão de esquerda ou direita. Então, se a sociedade não é capaz de garantir o mínimo do mínimo, é óbvio que haverá essa radicalização política. Na Europa está acontecendo claramente.

Pode haver situações em que a igualdade é o valor mais importante, e podem existir outras em que a liberdade é o valor mais importante.





COM BASE NESSA FORMA DE ENCARAR COMO AS SOCIEDADES DEVEM SE CONSTITUIR, VOCÊ ENXERGA O BRASILEIRO COM ALGUM ASPECTO DE HERANÇA PORTUGUESA?

Totalmente. Aliás, o maior erro da história dos dois países foi Dom Pedro achar que era preciso um país independente. Imagina o que seria se continuássemos a ser o reino de Portugal, o Brasil viraria Algarves! Imagine que chique isso seria. O único país do mundo que existiria em duas margens do Atlântico. E a capital poderia ser no Rio, em Lisboa, em São Paulo; imagine o que seria a seleção de futebol, Cristiano Ronaldo, Neymar. Imagine o mercado livre, unificado. O problema é que esse território seria habitado por portugueses e brasileiros. Falando sério, é claro que vejo muitas ligações. Eça de Queiroz costumava dizer que “os brasileiros são portugueses inchados pelo calor”. Eu me sinto absolutamente em casa no Brasil, com as pessoas, com a cultura, com essa fabulosa gastronomia. Identifico coisas nos dois países: uma enorme dependência do Estado, em primeiro lugar. A história de Portugal é a história do Estado português. Não existiria Portugal sem o Estado, ele foi o agente da independência contra Castela, foi o agente das navegações marítimas, ele está no princípio e no fim da existência do país. E é evidente que o Estado também foi importante para o Brasil como uma nação independente. O que já não parece positivo é uma recorrente dependência do Estado como se ele fosse o princípio e o fim das nossas existências.

CACO GALHARDO ■■■
SETEMBRO 2018 ■■■



"ESTOU FICANDO MUITO RICO. CADA VEZ EU TENHO MENOS COISAS."

ENTREVISTA [REDACTED]
LEANDRO BEGUOCI [REDACTED]

VELEJAR SOZINHO PELOS MARES PODE PARECER UMA ATIVIDADE SOLITÁRIA, MAS, PARA **AMYR KLINK**, É SINÔNIMO DE REFLEXÃO E AUTOCONHECIMENTO. EM UMA ANÁLISE PROFUNDA, **O VELEJADOR, ESCRITOR E PALESTRANTE** TRAÇA UM PARALELO ENTRE OS DESAFIOS DO MAR, DA VIDA E DA CAPACIDADE DE CRIAR DO BRASILEIRO. EM ENTREVISTA REALIZADA EM PARCERIA COM A XP INVESTIMENTOS, KLINK OPINA SOBRE O MOMENTO QUE O PAÍS ATRAVESSA E DISCUTE SOBRETUDO A TRANSFORMAÇÃO DE VALORES DA SOCIEDADE E COMO ENCARA TAIS MUDANÇAS.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista



VOCÊ ACREDITA QUE REALMENTE O BRASIL ESTEJA PASSANDO POR UM MOMENTO DE TRANSFORMAÇÃO? SE SIM, EM QUAL DIREÇÃO?

Eu gosto daquela declaração de que o Brasil é para profissionais. E, de fato, o nosso País está passando por uma fase de diagnosticar os problemas que tem. Quando você não aceita os problemas que tem, as deficiências, as falhas, você nunca vai melhorar. Na verdade, é que, historicamente, nós não passamos por problemas tão graves como os países, por exemplo, do Oriente Médio, da Ásia e mesmo alguns da Europa. Problemas tão contundentes e que machucaram socialmente o país de maneira permanente. Nós estamos no meio desse processo de transformação. Não somos mais um país do futuro, somos um país que está construindo valores para o futuro. Todos os meus amigos talentosos e que realizaram seus projetos econômicos, pessoais, estão indo embora. E eu estou cada vez mais ficando aqui. Eu gosto daqui. Os problemas que tenho hoje, pago por eles. Eu gosto dos problemas que tenho. Eu os escolho e me dedico a resolvê-los, gano meu dinheiro fazendo isso. É difícil, mas a gente acabou se tornando uma referência na nossa minúscula atividade de construir as viagens, os barcos e os roteiros, exatamente por causa dos problemas. Porque aqui tudo é difícil. A gente tem uma cultura paternalista, a gente vive a angústia de querer fazer tudo na frente. No caso da minha atividade, eu adoro porque você não pode fingir, você não pode se atirar no chão, você não pode errar. Você paga com a vida um erro. E essa certeza da consequência faz com que a gente seja eficiente. Nosso país tem muitos tipos de escassez. Eu gosto da escassez, é exatamente quando você vive a escassez que você se torna eficiente.

É INTERESSANTE SEU PONTO, PORQUE A GENTE GERALMENTE PENSA NO BRASIL COM ABUNDÂNCIA. ABUNDÂNCIA DE ÁGUA, DE TERRA. QUAL ESCASSEZ VOCÊ VÊ EXATAMENTE AQUI NO BRASIL?

A gente tem abundância de recursos naturais e escassez de soluções. A gente não construiu soluções porque a vida é muito simples. É muito fácil: a gente tem

bacias hidrográficas que rasgam o País de um lado para outro; a gente tem várias vantagens competitivas que, de alguma maneira, fizeram com que a gente se acomodasse. Mas, ao mesmo tempo, a gente tem dificuldades sociais gravíssimas onde há, por exemplo, escassez de segurança, de inteligência, de habilidades emocionais e sociais. Ainda vivemos uma situação muito primitiva de relacionamento. É cada um por si, a gente não pensa no todo. E essa transformação que está ocorrendo vai construir novos valores. As minhas filhas nunca terão um carro. Elas não querem ter um carro, elas não querem ter casa própria, assim, a maior ignorância do mundo: "Por que existe casa própria? É sua? O seu apartamentinho não é seu". É só fazer as contas com uma calculadora financeira, você o recompra a cada 35, no máximo, 45 anos. Se você computar o que paga de IPTU, condomínio, manutenção. E, de repente, eu percebo que a nova geração não quer mais ter o bem, ela quer ter o benefício. Eu não quero ser o dono da empresa, eu quero ser o pró-labore, a rentabilidade da empresa, não é nada para mim, mas eu não quero ter um maldito carro. Quando eu venho para cá, quero estacionar o meu carro na porta e que ele desapareça. Não quero cuidar de carro, vou gastar o que me sobra de neurônios com coisas mais divertidas. E quando eu for embora, quero que ele apareça em uma cor diferente, em outro modelo, e hoje isso é possível. Então, eu acho que essa transformação dramática que o Brasil está vivendo aparece em um momento muito interessante, que é o momento de transformação do mundo também. A gente está indo para uma economia de compartilhamento. E isso eu estou descobrindo no meu negócio. Eu fui ignorante durante muitos anos, quer dizer, eu fazia barcos para mim. Hoje, construímos, somos provedores de mobilidade divertida.

E QUANDO VOCÊ PERCEBEU QUE ESTAVA MUDANDO? FOI COM SUAS FILHAS, COM ALGUMA VIAGEM, COM ALGUMA EXPERIÊNCIA?

Eu acho que o mundo é altamente educativo para um remador, porque uma das características mais legais em um barco é que ele afunda. Quando começa a en-

trar água, afunda. E quando você tem noção da finitude, quando você sabe que tem uma consequência ou que tem um preço a pagar lá na frente, você pensa de um jeito diferente. E essa noção da finitude faz a gente pensar de um jeito diferente. Então, claro, tenho vários barcos, tenho um documento que está no meu nome, mas se eu apagar, não é mais meu barco. O que são minhas são as experiências que eu vivi nesse barco. E essas experiências constituem um patrimônio, para mim, muito valioso.

MUITO INTERESSANTE O QUE VOCÊ FALOU SOBRE A CERTEZA DA FINITUDE. QUANDO SE VIVE TAMBÉM EM UM ETERNO OTIMISMO, NÃO SE PREPARA PARA O QUE VEM ADIANTE. UMA REFLEXÃO QUE A GENTE PODE FAZER SOBRE O BRASIL.

Mais um pecado da juventude, e é muito legal quando você tem consciência disso. Em um barco é engraçado, porque o que leva uma vida para você construir, você pode perder em três minutos. Isso lhe dá um olhar diferente. Então, eu estou curtindo muito esse momento, viajando cada vez mais. O que era uma façanha para mim há 20, 30 anos, hoje, é um passeio. E não é que eu fiquei relapso, não. A gente conseguiu compartilhar experiências que eram difíceis, extremamente radicais, e transformá-las em normais. Hoje, tem gente fazendo aviões para mil passageiros. Quem poderia imaginar que esse “troço” seria tão seguro, confortável, regular, previsível. Eu estou me dedicando muito mais a fazer e a experimentar do que a ter. E isso é engraçado. Uns dois anos depois da última viagem para a Antártida, eu falei para minha esposa: “Decidi agora que não serei rico. Vou ser muito rico. E eu serei muito rico quando eu não tiver mais nada”. Não quero ter mais nada. Helicópteros, aviões, fazenda, casa, apartamento, não quero mais ter nada disso. Eu quero alugar minha casa. Não quero cuidar, administrar. Quero dedicar meu tempo a viajar. E, gradativamente, isso está acontecendo. Eu estou ficando muito rico. Cada vez eu tenho menos coisas. Então, quando você vê uma geração bem novinha compreendendo isso na prática, que você não precisa mais ter as coisas, mas precisa conquistar o

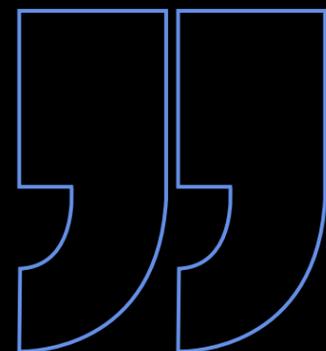
benefício. E isso abre um caminho muito grande. A situação do Brasil é dolorida, mas ocorre em um momento de transformação da humanidade, em que, de fato, a gente é uma realidade. Esse negócio de compartilhamento de barcos da minha marina há cinco anos seguidos vem dobrando o faturamento. Começou com dois barcos, barcos grandes de valores expressivos, de vários milhões, e, em cinco anos, já está com 25 barcos. E o que a gente vende lá? Na verdade, não é o uso do barco, mas o prazer da mobilidade sobre um barco. Como? Usando um bem físico? Não. Usando o tempo ocioso desse bem físico. De todos os clientes que eu tenho, 95% usam o barco duas, três vezes por ano. Por que você tem que ser dono do barco? É melhor você comprar um tempo sobre o barco. Por que vou comprar um helicóptero? Eu alugo. Deixo para quem gosta de asa rotativa, motor de turbina etc.

OUVIMOS SEMPRE QUE O BRASILEIRO TEM QUE EMPREENDER MAIS, TOMAR A RÉDEA DA VIDA. QUAL É A SUA IMPRESSÃO SOBRE ISSO?

Para o jovem que ingressa hoje no mercado de trabalho, na vida econômica autônoma, tem um momento que é muito difícil, de a máquina virar, de conseguir a sobrevivência econômica dele. Mas tem um segundo momento em que ele consegue escolher um caminho no qual irá se dar bem. Porque ele não sabe qual é esse caminho. Esse caminho é totalmente imprevisível. Eu percebo, hoje, por exemplo, que se alguém entra em uma faculdade, Harvard ou FGV, com o objetivo de ficar rico, vai morrer de fome. Porque o objetivo de ter sucesso econômico é inalcançável. Você vai ficar rico quando começar a fazer coisas que atraem, que faça com que você se dedique de corpo e alma a elas. Então, conversando com os colegas das minhas filhas, você percebe que eles farão coisas incríveis, mas não com o objetivo de serem ricos. Os meninos da atividade de *charter* [locação] de barcos começaram com barcos que eram apreendidos pela Receita Federal, que estavam abandonados. Eles assumiram e gostam muito, fazem com tanto afincio que o negócio só prospera. A



No Brasil, existe muita criatividade, tem soluções incríveis e, com os anos, a gente foi aprendendo a usar dois tipos de inteligência: a acadêmica e uma de outro tipo, que é a de quem depende e que faz para sobreviver.



empresa, hoje, tem uma taxa de ocupação de mais de 80% e vai continuar crescendo. Eu acabei descobrindo um negócio que gosto e é um negócio virtuoso. Se você montar um concorrente para minha empresa a um quilômetro de distância, vou ganhar mais dinheiro, porque eu vou ter menos mensalistas e mais diaristas. Eu cobro cinco vezes mais dos diaristas. Não são muitos os negócios em que a competição transforma o todo em algo maior do que a soma. E esse é um negócio no qual se cria movimento. E, no fundo, tudo isso é uma espécie de sustentabilidade com a qual a gente ainda não aprendeu a conviver, que é a da eficiência, uso inteligente. Não faz sentido você ter algo que você toque pouco, ou que use pouco, só para dizer que você tem um ativo. Deixe quem tem ativo, cuidar; quem entende de dinheiro, cuidar de dinheiro; quem entende de máquina, cuidar de máquina. Então, eu acho que é um momento que eu gosto bastante.

VOCÊ É UMA PESSOA QUE SEMPRE CORREU MUITO RISCO NA VIDA. E TAMBÉM ABRAÇOU CADA VEZ MAIS A INCERTEZA. COMO CONCILIA ESSES DOIS PONTOS? UMA COISA QUE PARECE SER MUITO FORTE EM SUA BIOGRAFIA É PLANEJAR, ANTECIPAR. COMO É QUE O MUNDO SUPER-RACIONAL CONVIVE COM ESSE SUPERINTUITIVO?

Cada vez mais a gente vive a incerteza. Planejar não é ter certeza, fazer uma planilha. Planejar significa ter que mudar a rota a cada 30 minutos. É um organismo vivo. É um recurso dinâmico que vai se alterando. Claro que você precisa ter algumas ferramentas importantes que lhe permitam adaptar. A gente vive, de fato, em um ambiente de muita incerteza. De alguns anos para cá, a meteorologia táctica se tornou assustadora. Eu nunca tinha ouvido falar de ventos de mais de 110, 120 nós há cinco anos. E agora todo ano tem. É claro, é um sinal do aquecimento global, mas são transformações que estamos experimentando e que fazem com que tenhamos essa certeza de que não sabemos o que vai acontecer, mas temos vários elementos para nos adaptarmos. E esse exercício de se adaptar eu acho fascinante.

QUER DIZER, É MUITO MAIS TER UMA VISÃO DE RUMO DO QUE SABER QUE...

É a experiência de velejar. Muita gente diz: “Amыр, como é que você vai daqui para África sem vento se o veleiro precisa do vento para velejar”? Você vai fazendo escapes, zigue-zagues. Você nunca sabe quais eles serão. O importante é ter um foco lá na frente e entender o contexto. E ajuda muito entender o contexto quando você é proativo. Quando você faz parte dele. O privilégio que eu tenho em relação aos meus amigos franceses, que são ótimos navegadores, e australianos é que eles não constroem os barcos deles. Eles compram. Eles levantam recursos em um banco patrocinador, compram o equipamento que precisam e fazem viagens muito mais espetaculares que as minhas. Mas a diferença é que aqui a gente sai do zero. País complicado, carência de tudo, importar um equipamento é complicado, não pode errar, e aí a gente começa a se tornar especialista, a gente vai desenvolvendo uma espécie de senso, de não desperdício, de eficiência. De procurar uma solução mais simples, por exemplo, não vamos conseguir repor peças sobressalentes. Eu chamo isso de “passar pelo processo”. Quando você tem esse privilégio de passar pelo processo, a execução fica muito mais segura. Pode acontecer uma encrenca, estamos suscetíveis a isso, mas quando você faz parte da construção de um processo, fica muito mais seguro e divertido.

VOCÊ ME PARECE UM POUCO DIFERENTE DO QUE AS PESSOAS ESTÃO ACOSTUMADAS A VIVER HOJE. ELAS ABREM MUITAS FRENTES E NÃO ESTÃO CONCENTRADAS EM NENHUMA.

É verdade, isso eu acho um grande problema também para novas gerações. Tem muitas possibilidades, muitos caminhos e, às vezes, não há um foco maior, uma direção eleita para ser seguida. No barco, a gente tem que ser observador, tem que prestar atenção, tem que entender o contexto para que você chegue ao seu destino. Você falou das carências que temos no Brasil, mas também tem outro aspecto interessante. No Brasil, existe muita criatividade, tem soluções incríveis, e, com os anos, a gente foi aprendendo a usar esses dois tipos de inteligência. A inteligência acadêmica,



que a gente adquire dos caras que saem das grandes escolas, e um outro tipo de engenharia que eu adoro, que é a engenharia de quem depende e que faz para sobreviver. Nesse aspecto, o Brasil é um país extraordinariamente rico. Infelizmente, a gente se acostumou a só enxergar o diploma.

COMO ASSIM? EXPLICA UM POUCO MAIS, POIS ISSO É UM PONTO BEM IMPORTANTE.

É a engenharia, por exemplo, dos mestres jangadeiros do Ceará, que não têm dentes na boca e constroem o único barco a vela do mundo que não tem leme. Se você pegar os campeões olímpicos da Suécia, por exemplo, doamos, há muito tempo, uma jangada de piúba para um velejador olímpico de Estocolmo. Eles não conseguiram usar a jangada porque acharam que nós tínhamos esquecido de mandar o leme. Eu respondi: “Infelizmente, vocês não sabem velejar”. Falar isso para um sueco é pior que xingar a mãe dele. A jangada de piúba não tem leme, e nenhum engenheiro naval da USP a manobra. Você a dirige variando o centro vélico para frente e para trás. É genial, é uma solução sofisticadíssima. O pai do windsurfe não é um loirinho bonitinho da Califórnia. É um “desdentado” do Ceará. Então, é esse tipo de conhecimento que hoje a gente se dedica a colecionar e compartilhar. Claro, não vamos usar um pau de gororoba num barco de dez milhões de dólares. Mas entender o princípio desse conhecimento é legal. Essa mistura entre os conhecimentos acadêmico e autóctone (ou prático) é muito rica. Nós fizemos barcos muito interessantes. O Parati 2, por exemplo. Um veleiro não é feito para encahar. Se encahar, perdeu. Mas na Antártida a gente encaha, o gelo empurra você, vem um vento de 100 nós, você vai parar na praia, nas pedras. Então, fizemos um barco com dois trilhos para colocar o barco em cima da pedra. Qual foi o cuidado? Fizemos um calado menor do que a variação da maré. É engraçada a reação dos ingleses, americanos, quando veem um barco brasileiro em cima de uma pedra na Baía Dorian, na Antártida. Eles perguntam: “Vocês querem ajuda?”; eu respondo: “Não, obrigado, a gente está

fazendo uma feijoada, querem comer?”. E eles: “Mas como vocês vão tirar o barco daí?”. Eu digo: “Três da tarde, com a maré”. Então, eu adoro esse tipo de solução. Quando você mistura isso com uma visão de engenharia acadêmica, você cria soluções muito interessantes. A ideia do Museu Nacional do Mar, que fundamos há alguns anos, é exatamente essa. Não era valorizar a cultura de construção náutica primitiva do Brasil, era mostrar o quanto de conhecimento tem por trás de embarcações aparentemente toscas. As bianas, do Maranhão, por exemplo; as saveiros de duas penas da Bahia; as jangadas de dois mastros do Nordeste; os estaleiros do Amapá; as embarcações do Amazonas, onde tem o maior canteiro de construção naval em alumínio ilegal do mundo porque proibiram o corte da itaúba, que era a madeira que se usava. Então, eles transferiram o conhecimento único e maravilhoso deles para um material moderno que é o alumínio. Não sei como eles aprendem a soldar alumínio no meio do mato, mas é incrível. Eles preservaram o conhecimento hidrodinâmico que têm. Os barcos mais eficientes do mundo estão em Manaus, aquelas canoas com um motorzinho, o cara leva 90 passageiros, planando e com o ar-condicionado ligado. É uma relação que um engenheiro naval da Bretanha não consegue entender.

COMO PODERÍAMOS APROVEITAR MAIS ESSE CONHECIMENTO PRODUZIDO PELAS PESSOAS?

Só tem um caminho, que é o que está acontecendo agora. Está nascendo uma indústria do compartilhamento em que uns se tornam provedores dos outros. Esse caminho não é só o investimento em educação, que é um investimento ingrato pra caramba, porque leva 18 anos para dar resultado. A experiência da Coreia do Sul, da Colômbia, da Namíbia (que tem um dos mais elevados IDHs do continente africano) mostrou isso. Ela começa a render frutos depois de um ciclo de 17, 18 anos, é muito tempo, sai fora da escala de um gestor, de um político. Então, teremos que fazer um esforço grande para evoluir no aspecto de educação e de compartilhamento, de dividir conhecimento.

NAS SUAS COLOCAÇÕES SOBRE SUSTENTABILIDADE, VOCÊ COSTUMA DIZER QUE NÃO É SÓ PARAR DE GASTAR, É SABER GASTAR... A VISÃO DE SUSTENTABILIDADE TAMBÉM VAI NA LINHA DE COMPARTILHAR, USAR MENOS?

Está acontecendo até no mercado imobiliário, tem apartamento de 19 metros quadrados sendo vendido. Um carro consome 25 metros quadrados, é muito espaço. É o metro quadrado mais caro das Américas, mas a moçada está comprando porque a solução de morar é muito legal. Ou seja, a gente vai construindo eficiência, vai aprendendo a desperdiçar menos.

BENETT 
SETEMBRO 2018 



DEMOCRACIA ALÉM DO VOTO

MEDIAÇÃO ■■■■■
HUMBERTO DANTAS ■■■■

PARA DEBATER A IMPORTÂNCIA DA SELEÇÃO PROFISSIONAL NO FUNCIONALISMO PÚBLICO, A VALORIZAÇÃO DOS BONS SERVIDORES E A NECESSIDADE DE MAIS TRANSPARÊNCIA NOS PARTIDOS POLÍTICOS, UM BRASIL REUNIU A **COFUNDADORA E DIRETORA-EXECUTIVA DO VETOR BRASIL, JOICE TOYOTA**, E O **FUNDADOR E COORDENADOR DO MOVIMENTO TRANSPARÊNCIA PARTIDÁRIA, MARCELO ISSA**. ELES REFLETEM TAMBÉM SOBRE REPRESENTATIVIDADE DAS AGREMIações POLÍTICAS E O ENGAJAMENTO DO JOVEM NA VIDA PÚBLICA. O BATE-PAPO FOI REALIZADO EM PARCERIA COM O COLÉGIO SANTA MARCELINA.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

QUAL É A IMPORTÂNCIA DE CONTRATAÇÕES TÉCNICAS PARA O SERVIÇO PÚBLICO E PARA A DEMOCRACIA?

JOICE – Ao mesmo tempo que entendo que vários políticos, quando têm o poder na mão e podem fazer contratações dentro do setor público, acabam se utilizando disso para contratações indevidas, reconheço que algumas dessas contratações são importantes, porque o político precisa montar o seu time. Sempre faço analogia a um CEO que acabou de entrar em uma empresa e, muito provavelmente, vai querer trabalhar com pessoas que comprem as mesmas ideias que as dele, que passem confiança profissional. Mas nem todos os milhões de cargos públicos que existem no Brasil devem ser escolhidos dessa forma. É importante utilizarmos metodologias, processos profissionais, para encontrar as melhores pessoas para estar dentro do governo. Quando abrimos o jornal, vemos o tamanho dos problemas do Brasil, e muitos passam pelo setor público. Para enfrentar problemas complexos, precisamos das melhores pessoas.

E A RELEVÂNCIA DOS PARTIDOS POLÍTICOS AOS OLHOS DE UMA SOCIEDADE QUE OS VÊ DE MANEIRA TÃO NEGATIVA?

MARCELO – Ainda que não tivéssemos partidos políticos, fazendo um exercício de abstração, se os 513 deputados e os 81 senadores, todos os vereadores e deputados estaduais fossem eleitos por suas próprias contas, durante o exercício da atividade, as famosas “panelinhas” iriam se formar, os agrupamentos surgiriam dentro dos parlamentos da mesma forma. Lideranças surgiriam, e isso deixa muito claro que os partidos são uma realidade inevitável e agrupamentos de indivíduos, que, em determinado momento, decidiram incidir politicamente. Vemos uma série de grupos se constituindo na sociedade com esse mesmo objetivo, os chamados “grupos de renovação política”, movimentos que podem se transformar em partidos políticos no futuro, da mesma forma que os partidos políticos atuais se constituíram há 30 anos com pessoas muito bem-intencionadas também, com projetos generosos. O que cabe perguntar é: o que ocorreu para que esses projetos de 30 anos se transformassem nos partidos

que temos hoje, tão desconectados da sociedade, tão fechados e envolvidos em escândalos? Do nosso ponto de vista, a estrutura institucional, o marco regulatório que temos referente aos partidos políticos precisa ser reformado para que incentive e obrigue práticas de transparência, de renovação, de equidade e de integridade, a fim de que transformemos os partidos que temos hoje e que tenhamos novos projetos com menos chances de repetir esse roteiro. Para mudar a política, é fundamental mudar os partidos, porque eles são realmente inevitáveis e fazem a mediação entre a sociedade e o poder político.

EM QUE MEDIDA AS PESSOAS DEVEM ENXERGAR OS PARTIDOS POLÍTICOS COMO ALGO POSITIVO?

MARCELO – Os partidos são os espaços possíveis de incidência política, ou seja, eles podem ser mais ou menos abertos e íntegros, pouco representativos, mas também podem ser positivos se forem mais comprometidos com a sociedade. Hoje, temos uma aversão muito grande da sociedade aos partidos políticos, e há uma tentativa de se apresentarem com outros rótulos, inclusive retirando a denominação “partido”, como são os casos do PMDB, que passa a ser MDB; do PTN, que vira PODEMOS; do PEN, que passa a ser PATRIOTA, e outra série de partidos que alteraram sua nomenclatura. Entretanto, não alteraram suas dinâmicas de funcionamento, seus regimentos internos. Então, pouco importa o nome que se dê. Hoje, temos os movimentos novos que estão surgindo, temos os partidos, mas, no fundo, são pessoas buscando incidir politicamente. A diferença dos partidos é que monopolizam a representação, sendo que não temos no Brasil a figura das candidaturas independentes. No nosso entendimento, se reservássemos cadeiras no Legislativo para essas candidaturas independentes, criaríamos uma competição saudável para os partidos, o que é visto na maior parte das democracias mais consolidadas do mundo. Mas o que mudaria de fato a atuação dos partidos políticos seria a reforma da legislação partidária – daí a importância de se ter esperança neles. Tivemos avanços bastante significativos no ano passado com a aprovação



do fim das coligações em eleições proporcionais – a partir das eleições de 2020 – e com a cláusula de desempenho, ainda tímida, mas essa é a ferramenta que vai nos permitir fazer com que os partidos se tornem menos dependentes ou menos estimulados a se proliferar. Porque vimos nos últimos 20 anos um fenômeno de fragmentação partidária que ocasionou a formação dos chamados “nanicos”, que recebem em média R\$1 milhão por ano mesmo sem representatividade no Congresso ou conexão com a sociedade. Então, tornou-se um bom negócio criar partidos.

O SERVIDOR PÚBLICO É TAXADO, MUITAS VEZES, COMO ALGUÉM QUE TRABALHA POUCO E GANHA MUITO. COMO FAZER COM QUE AS PESSOAS VALORIZEM MAIS ESSE TRABALHO, ATÉ MESMO PARA ATRAIR NOVOS PROFISSIONAIS TECNICAMENTE BEM-PREPARADOS?

JOICE – Se existe esse estereótipo de que político e servidor público não trabalham é porque existem pessoas que não são boas profissionais. Isso não quer dizer que todos sejam iguais, e esse é o grande ponto, porque aqueles profissionais que estão trabalhando direito conseguem alcançar resultados positivos, apesar dos outros que são corruptos ou não trabalham direito. Essas pessoas, que acabam levando a fama de folgados também, são nossos heróis, pois estão transformando o governo, implementando serviços e políticas públicas melhores à população. E os bons políticos também, que agem de maneira correta do lado de dentro do governo, fazem isso com muita dificuldade e péssimo reconhecimento da população. O que temos que fazer é mudar essa lógica, que não é tão complexa no meu ponto de vista, porque se realmente acreditarmos que ninguém está fazendo nada, não era para o Brasil estar onde está, com tantas vitórias (apesar dos tropeços) e melhorias em diversos setores, conforme mostram indicadores econômicos e sociais. Não teríamos esse progresso se cem por cento dos profissionais públicos e políticos fossem corruptos, folgados e tudo mais. Então, primeiro, a gente precisa reconhecer que existem esses profissionais, reconhecer as boas práticas e consumir mais notícias positivas para entender como as coisas

funcionam, mas também olhar para a parte de dentro do sistema e entender qual é a complexidade de uma Secretaria, por exemplo, de Educação, que explica a dificuldade de se entregar um serviço de qualidade para também contribuir com essa mudança.

O QUE INSPIRA UMA PESSOA BEM-INTENCIONADA A FAZER PARTE DE UM GOVERNO E OFERECER SEUS SERVIÇOS, SEJAM ELAS QUAIS FOREM?

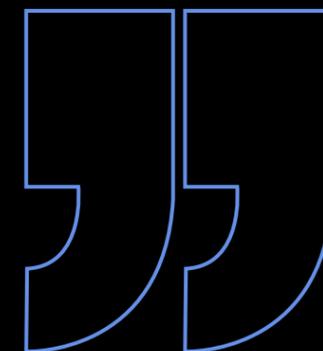
JOICE – Isso é uma das coisas que mais me inspiram no dia a dia, que é encontrar pessoas que queiram entrar na vida pública pelos motivos da transformação. Começamos o Vetor Brasil em 2014. Se tivéssemos iniciado o projeto há dez anos, talvez não teríamos o interesse todo de centenas de profissionais que trabalham em todos os Estados do Brasil. Porque 2013 foi um momento muito importante para o País, pois fez com que muitas pessoas fossem às ruas protestar contra as coisas que elas não queriam, contra um Congresso que não as representava e para mudar os serviços públicos que não funcionavam. Isso despertou, em muitas pessoas, a vontade de resolver as coisas por elas mesmas. Lógico que não é tão simples assim, mas essa vontade de colocar a mão na massa é o primeiro passo para as pessoas se interessarem na forma de as coisas funcionarem. Como entrar? Tenho que prestar concurso, nascer filho de político ou ter alguma indicação? Por isso que criamos o Vetor. Mas o que motiva essas pessoas que participam de movimentos independentes, assim como o Vetor, é a possibilidade de ajudar a fazer essa mudança, que não muda a vida de uma ou algumas pessoas, mas que impacta milhares de indivíduos, e essa escala de impacto é apaixonante para qualquer um que já tenha tido a oportunidade de experimentar isso no dia a dia.

MAS, PARA ISSO, ELE PRECISA DE UM PARTIDO POLÍTICO. COMO ENCORAJAR O JOVEM A ESCOLHER ENTRE 35 ALTERNATIVAS PARA SE FILIAR E FAZER PARTE DA POLÍTICA?

MARCELO – Existem cargos de confiança no Brasil que não obedecem a tantos impedimentos assim. Os chefes dos Poderes Executivos: prefeitos, governadores

A vontade de colocar a mão na massa é o primeiro passo para que as pessoas se interessem na forma como as coisas públicas funcionam.

JOICE TOYOTA





e presidente da República podem, quase que livremente, criar esses cargos e colocar pessoas da sua confiança. Há quem diga que o Brasil tem a maior quantidade de cargos em comissão do mundo. Isso, para muitos, é um grave problema, porque a maior parte desses cargos é ocupada por indivíduos indicados pelos partidos políticos, a despeito de estarem ou não preparados para a função. A imprensa noticia frequentemente que determinado partido deseja ter uma diretoria e ministério, ou que um ministério vai ser transferido de “porteira fechada” para um determinado partido, que significa que ele vai ter liberdade total para ocupá-lo. E a maior parte dos partidos não tem programas muito claros sobre transporte, educação, saúde, segurança ou meio ambiente que justifiquem um interesse tão grande por essas posições. Então, de fato, enquanto não tivermos partidos

comprometidos com a sociedade e com a transparência, dificilmente teremos indicações de pessoas comprometidas e qualificadas para essas posições. Por isso, temos menos de 2% de todos os filiados a partidos políticos compostos por jovens. Isso é um impedimento, sem dúvidas. E os jovens que querem contribuir para o País acabam aceitando fazer parte de cargos comissionados.

O QUE SIGNIFICA TRANSPARÊNCIA NA POLÍTICA E CONFIANÇA NA SELEÇÃO PARA CARGOS COMISSIONADOS?

JOICE – Os cargos de confiança deveriam ser ocupados por pessoas realmente preparadas para tal. E como o político pode ter certeza disso? Tem que conhecer todos os funcionários? Não. Como um CEO de grandes empresas não conhece seus milhares de



colaboradores, ele confia que colocou o melhor profissional no cargo com base no processo de seleção de funcionários, que escolhe com critérios de qualidade, e depois avalia o trabalho do colaborador por meio de seus resultados. Isso funciona, de fato, e deveria ser implementado no setor público, pois assim acabaria com a indicação de pessoas “amigas” do político eleito, sem preparo algum para lidar com a coisa pública.

MARCELO – Depois de muito tempo, estamos conseguindo abrir a “caixa-preta” dos partidos políticos no Brasil. Ainda temos um nível muito baixo de transparência dos partidos políticos, mas conseguimos a abertura de suas contas. Isso permite conhecer uma série de características da vida partidária: quanto gastam com folha de pagamento, fretamento de aeronaves, passagem aé-

rea, entre outros. Além disso, revela um fenômeno que nos causa bastante preocupação: como diversos dirigentes partidários contratam, com recursos públicos que recebem, empresas que pertencem a eles próprios, ou das quais são sócios, para prestar serviços aos partidos. Ou, então, pessoas que fazem doações aos partidos e depois têm suas empresas contratadas como fornecedoras deles. É desanimador perceber como essas coisas funcionam? Sim, mas me parece que estamos começando a caminhar no sentido de criar partidos mais transparentes, íntegros e conectados com a sociedade, o que é fundamental para a ocupação de cargos públicos por pessoas que realmente representem um projeto de desenvolvimento para o País.

BENETT
SETEMBRO 2018



SOBRE O DEBATE PÚBLICO E O FAZER POLÍTICA

MEDIAÇÃO ■■■■■
RENATO GALENO ■■■■

A DEMOCRACIA IMPLICA
VALORIZAR AS DIFERENÇAS.
EXIGE TEMPERANÇA, BOA
VONTADE: O (BOM) POLÍTICO
SABE OUVIR E, PRINCIPALMENTE,
SABE EXPLICAR, JÁ QUE,
COMO LEMBRAM **O FÍSICO E
PRESIDENTE DO CONSELHO
DE SUSTENTABILIDADE DA
FECOMERCIO-SP (PARCEIRO NA
REALIZAÇÃO DESTES BATE-PAPO),
JOSÉ GOLDEMBERG, E O
EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA
FERNANDO HENRIQUE
CARDOSO**, AUTORIDADE
NÃO SE CONFUNDE
COM AUTORITARISMO,
MAS COM RESPEITO.



Acesse o aplicativo
de QR Code pelo
celular e assista
à entrevista

O BRASIL PASSA POR PROBLEMAS EM TODOS OS NÍVEIS DA EDUCAÇÃO. QUE DESAFIOS TEMOS, NA IMPRESSÃO DE VOCÊS?

JOSÉ GOLDEMBERG – Fui reitor da Universidade de São Paulo (USP) e ministro da Educação. No Brasil, tem sido dada uma importância anormal ao ensino superior em detrimento do ensino fundamental. Sobretudo nesses últimos 15 anos, o número de universidades federais cresceu de maneira extraordinária, e isso as fez perder qualidade. Manter a qualidade de uma universidade é muito difícil em qualquer país do mundo. Enquanto isso, o ensino fundamental se ressentiu dos problemas que todos conhecem, prédios inadequados, professores que não são suficientemente prestigiados. E não é nem uma questão só de salário. Há um relatório recente do Banco Interamericano de Desenvolvimento mostrando que o grande problema do ensino fundamental é que a profissão do professor perdeu aquela aura que tinha no passado. Quem de nós não se lembra da primeira professora que teve no primário? Eu, que, seguramente, já me esqueci de um bocado de gente que já passou pela minha vida, não me esqueci da minha primeira professora, que tem uma importância na vida das pessoas. Essa é uma questão séria. Há esse exame, o Pisa [sigla de Programme for International Student Assessment – programa internacional de avaliação de alunos], da OCDE [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que reúne as 36 maiores economias do mundo], que mostra que escolas bem pagas em São Paulo têm índices muito elevados. Então, o Brasil sabe fazer escola boas, acontece que essa área foi desprestigiada nos últimos anos e seria preciso inverter um pouco a equação.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO – Quando fui presidente da República, tentei deslocar o foco, o grosso dos recursos, para a escola fundamental. Fizemos uma emenda à Constituição para permitir que a União disponibilizasse recursos para que Estados e municípios atendessem à demanda da escola básica, o que não foi muito bem recebido pelos meios acadêmicos. Por quê? A paixão passou a ser abrir universidades. Nós fomos professores da mesma universidade, a Universidade de

São Paulo. Na verdade, não tenho a mesma experiência de Goldemberg, porque fui posto para fora do Brasil em 1964, quando tinha 33 anos. Voltei, fiz concurso de cátedra, ganhei a cátedra na USP, fiquei um ano e, outra vez, fui dispensado. Então, minha experiência direta em ensino no Brasil foi pequena. Ao redor do mundo, foi maior. Qual é a diferença? Na média, ao redor do mundo, o aluno que entra na universidade tem uma boa formação. No Brasil, mais ou menos – pelas razões que Goldemberg mencionou. Eu acho que nós precisamos focar mais em dois tipos de educação: a básica, e o governo tem feito algum esforço acumulado nisso; e a profissional, que é um outro problema sério. Como teve um foco na educação primária, o pessoal passa e vai para o curso secundário, que passou a ser um problema. Então nós focamos muito no universitário e nas faculdades que não têm condição realmente para dar ensino universitário.

GOLDEMBERG – Neste último período presidencial, foram criadas cerca de 60, 70 universidades federais. É um absurdo. O máximo que se poderia fazer seria criar escolas técnicas federais.

FERNANDO HENRIQUE – Eu acho que isso foi um certo desvio. São universidades que não gastam em pesquisa, porque é mais barato. Então, contratam-se pessoas mais ou menos despreparadas, que viram professores, o aluno sai com um diploma. E depois faz o que com o diploma? Nada. Então, eu acho que é preciso voltar a priorizar o ensino fundamental, os cursos profissionalizantes, treinar os professores e dar salários razoáveis. Eu fiz a Faculdade de Filosofia [Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP], José também. Naquele tempo, ser professor do ensino oficial secundário era meritório, as pessoas saíam da universidade para dar aula no interior. Era uma carreira prestigiada, o salário não era uma maravilha, mas havia algum salário. Hoje, não. Caiu muito. As soluções técnicas são conhecidas. É preciso concentrar os recursos no fundamental e desmistificar. O aluno precisa saber as operações fundamentais, o seu idioma. A vida tem um certo progresso quase espontâneo, porque com as redes existentes



hoje, que conectam todo mundo, o pessoal mais jovem aprende inglês sozinho, aprende muita coisa informalmente. O ensino vai ter que passar, e já está passando, por uma modificação importante. Em latim, havia a expressão *magister dicte*, que significa “o professor falou, está falado”. Agora, não é mais assim. Tenho uma neta que acabou de se formar em Matemática no King’s College, na Inglaterra. Quantas aulas tem? Não são muitas. Agora, a carga do que se faz em casa e a discussão de problemas entre os alunos são muito grandes. Aqui, é o contrário. São muitas matérias. Em certa época da vida, eu dei aula de História em uma escola municipal em São Paulo. Eu ficava espantado porque a História é a mesma que se repete o tempo todo, e o professor não sabe muito mais do que aquele “feijão com arroz”, então, fica uma chateação. Na História Universal, você nunca chega à História Contemporânea. Morre lá atrás, na Idade Média. O tempo todo é mais matéria, mais matéria. É preciso ter menos matéria e aprender a raciocinar. Com o mundo como está, haverá uma quantidade de profissões que nem conhecemos. São novas. Você tem que ter certa flexibilidade e boa formação.

GOLDEMBERG – Prestigiar o ensino fundamental seria uma maneira de resolver problemas como o de cotas e outros. Porque a escola fundamental tem uma grande característica, ela não tem cotas, é democrática, entra todo mundo. E, à medida que se formam bem, vão ter acesso às universidades. Essa questão de se reservar cotas nas universidades é um artificialismo. O problema que tem que ser resolvido é o da base.

FERNANDO HENRIQUE – A universidade se caracteriza pela formação e também pela criatividade. É preciso haver pesquisa. Fazer faculdade sem que o professor seja um produtor de cultura, não funciona.

QUAL É A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA PARA TORNAR O ESTADO MAIS EFICAZ E A POPULAÇÃO MAIS CRÍTICA PARA ENCARAR UM MUNDO COM TANTAS TRANSFORMAÇÕES?

FERNANDO HENRIQUE – Nós somos milhões de pessoas. O próprio Estado tem setores bons, competentes,

ligados à alta administração e não somente a ela. O problema é mais amplo. É na cultura que precisa mexer. O que você valoriza como conhecimento, como desempenho. Eu fiquei muito impressionado com uma pesquisa que li, que dizia que o rendimento relativo do Brasil, em termos de produção de patentes, é baixo. Por quê? Porque nós preferimos a grande teoria por vício de formação cultural. E, no mundo de hoje, é preciso ter visões teórica e, ao mesmo tempo, prática do que você faz com aquilo, como você transforma. Isso é importante para o Estado e para a sociedade em geral. Obviamente, se você melhorar o nível educacional do País, não só o governo ganha, mas também a economia, a sociedade. Você mencionou o Pisa. O Brasil está sempre mal avaliado no Pisa [*a performance média dos estudantes brasileiros esteve abaixo da média da OECD no Pisa 2015: 401 pontos em ciências, 407 em leitura e 377 em matemática*]. Se você melhorar o desempenho no Pisa, certamente o PIB vai melhorar também. Mas melhor que o PIB, são as pessoas, que vão ser mais interessantes, vão viver com mais proveito, a sociedade vai ser mais criativa. O Brasil sabe quais são os seus problemas. A questão é como resolver.

GOLDEMBERG – Fernando, e quando se aplica a tecnologia no processo produtivo? É absolutamente essencial, em um país de 200 milhões de pessoas, você preparar indivíduos que sejam capazes de absorver o que há de avanço tecnológico no mundo. Não se trata apenas de se produzir a tecnologia aqui dentro, mas de aprender o que os outros estão fazendo e adaptar quando for necessário. Na área tecnológica, o que está acontecendo agora em países como Coreia do Sul, e outros grandes campeões do desenvolvimento, é o que chamamos de “saltar à frente”. Não se fica copiando a tecnologia do século passado. Você precisa criar pessoas suficientemente preparadas para entender as tecnologias de hoje e pensar o futuro. Por exemplo, o que se chama de “indústria 4.0”, que é a indústria que usa computadores e robôs, coisas inteligentes, é a direção para onde se vai. Não tem sentido comprar equipamentos que sejam do século passado. Vamos logo para o futuro. Para isso, é preciso preparar gente.

FERNANDO HENRIQUE – A política nacional requer estratégia e persistência, senão não adianta. Faz hoje, esquece amanhã. É preciso olhar o longo prazo, saber o que vai acontecer e persistir num certo caminho, num rumo. Agora, há um problema nisso tudo, que é político, na verdade. Como é que você consegue? Você só consegue quando você motiva as pessoas. Educação também é isso. O que é uma boa escola? É aquela capaz de despertar o interesse do aluno. Todos nós nos lembramos de quem foi o professor que nos conduziu, na universidade em especial, que fez a coisa avançar. Não é a quantidade de informações que passam. A quantidade hoje está no computador. A questão é ter interesse, curiosidade por criar algo novo, em qualquer área. Eu fui *fellow* do Institute for Advanced Study, em Princeton, nos Estados Unidos. Lá, há muitos físicos teóricos e um pouco de cientistas sociais e sociólogos para “enfeitar o bolo”, mas, basicamente, o que se estuda ali é Matemática e Física teórica. Quem me levou foi Albert Hirschman, que era meu amigo e professor lá. Eu fiquei impressionado com a espécie de angústia que aquela gente vivia. Cada ano, eles recrutavam quem tinha feito um PhD para ficar dois, três anos, e eles tinham que criar alguma coisa. Senão, coitadinhos, iriam ser professores de universidade [*risos*]. Nessas áreas de matemática pura, física pura, a criatividade se dá em certa época da vida. Depois, você fica mais sábio, portanto, mais comedido, não ousa o suficiente para criar. Eu fico pensando: na pintura é assim também, com as exceções dos gênios, como Picasso, que criou a vida inteira. O que é criar? É juntar o que o outro não juntou, tem que haver um certo frescor na sua imaginação. E o bom professor é aquele que incita a juntar peças que estão separadas, não é aquele que só passa números, dados e fatos. É a chama pela curiosidade.

PRESIDENTE, NUMA ENTREVISTA RECENTE, VOCÊ DISSE QUE “O PLANO REAL FICOU PELA METADE”. O QUE AINDA PRECISA SER FEITO NO BRASIL EM RELAÇÃO À ESTABILIDADE ECONÔMICA E AO CRESCIMENTO EM TODAS AS ÁREAS, INCLUSIVE A DA EDUCAÇÃO?

FERNANDO HENRIQUE – Antes de tudo, eu não sou economista, mas trabalhei com muita gente. A primeira coisa

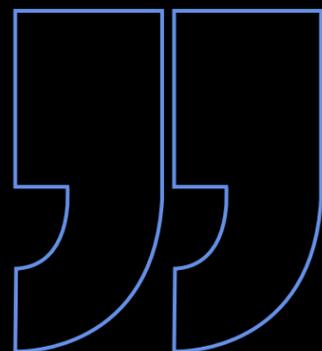
para resolver o problema é reunir gente que entenda do assunto. Um ministro tem que ter capacidade de liderar, entender, juntar, perguntar. Foi o que eu tentei fazer. Depois, você tem que fazer com que a sociedade entenda que aquele é o caminho certo, você tem que falar, motivar as pessoas. Na época do Plano Real, a inflação era galopante, parecia que era uma mágica. Inventamos a URV, a unidade real de valor, que dava uma referência estável. Como passamos isso para o povo? Por meio da mídia, do Congresso, ia lá e explicava. Controlar a inflação só funcionaria se você colocasse as finanças do País em ordem. E elas estavam em grande desordem. Então, era preciso reformar instituições. Neste momento, as finanças públicas estão em péssima situação. A Previdência, por exemplo, que eu tentei resolver colocando uma idade mínima, e perdemos a votação por um voto na Câmara, precisando de três quintos dos votos. Se você se aposenta muito jovem, a sociedade paga, e hoje nós estamos vivendo mais, é um fator óbvio. Então, ele, o Plano Real, ficou pela metade porque várias mudanças não ocorreram de forma persistente. Nós estamos numa situação semelhante. O governo [*que assumir em 2019*] vai ter de enfrentar essas questões para ter estabilidade de prazo mais longo. O Plano Real foi positivo porque controlou uma hiperinflação sem os artifícios de controlar ou congelar preços. Mas nós não conseguimos controlar completamente as finanças públicas. Fizemos uma campanha tremenda para acabar com a dívida dos Estados e municípios, o pessoal atacava, era contra. Isso é sempre assim, é um processo.

ENTÃO, ALÉM DAS REFORMAS, HÁ A NECESSIDADE DE CONVENCER A POPULAÇÃO DOS SACRIFÍCIOS QUE AS REFORMAS TRARÃO...

GOLDEMBERG – Lembro-me de uma entrevista em que perguntaram por que você conseguiu e outros não conseguiram [*a estabilidade econômica*], e você disse que o que conseguimos foi explicar direito, que é o que nós fazemos como professores. Fernando teve a paciência de explicar à sociedade. Esses grandes movimentos que têm ocorrido na sociedade desde 1970 têm muito a ver com sustentabilidade, ou seja, fazer alguma coi-

A democracia exige temperança, a capacidade de ouvir o outro, de haver diversidade.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO



sa que dure. Nesse sentido, havia, no mundo, pessoas que achavam que os recursos materiais iriam acabar, o pessoal do Clube de Roma. Erraram, a tecnologia resolveu isso. Havia os que achavam que nós tínhamos que destruir o meio ambiente. O terceiro é um problema de organização social, as pessoas precisam saber o que é melhor para elas.

FERNANDO HENRIQUE – No caso do Plano Real, quem tinha que convencer era o presidente da República, primeiro. No caso, era Itamar Franco. Ele não era economista. Quem conseguiu [explicar o que fazer] mesmo, não fui eu, foi Edmar Bacha. Depois, quando nós estávamos pregando o que estávamos fazendo, fui ao *Programa Silvio Santos*, no SBT. Encontrei-o no camarim, ele perguntava, eu explicava, ele dizia: “Pode repetir?”. Então, ele disse: “Vamos entrar juntos”. Disse também: “Não se esqueça que a minha audiência tem idade mental média de 12 anos”. Eu entrei junto com ele. O Silvio deu uma aula, foi muito melhor ao falar para um certo tipo de público do que eu seria capaz. No fundo, é isso. Você tem que convencer o outro, tem que fazer um certo esforço para dar certo. Você não faz “a frio”. Você pode fazer “a frio” uma experiência de laboratório. Por falar em laboratório, Goldemberg era assistente de Marcelo Dami de Sousa Santos, e eu era de Florestan Fernandes e representante dos professores assistentes na congregação. Havia uma briga danada com nosso amigo físico Mário Schenberg, que deu uma entrevista dizendo que eles iam explodir o betatron. A congregação ficou do lado dele. E o betatron está lá até hoje. Então, mesmo na Física, para fazer as coisas funcionarem, você tem que convencer os outros. Você tem que explicar, vencer resistências, convencer.

QUAL SERIA O MODELO DE DESENVOLVIMENTO ADEQUADO A UMA POTÊNCIA MÉDIA COMO O BRASIL?

GOLDEMBERG – A minha visão é mais estreita do que a de Fernando. Eu olho pelo lado da tecnologia. No século 19, muita gente já olhava pelo lado da tecnologia, até Marx. A tecnologia tem se desenvolvido em áreas em que ela acaba resolvendo problemas. Malthus, um

padre do século 18, achou que a produção de alimentos não aumentava tão depressa quando a população e que ia acontecer uma desgraça no mundo, o que, na época, era verdade. Esse problema está completamente resolvido. Hoje, tem mais alimento do que as pessoas consomem. O fato de existir fome em países da África, por exemplo, é um problema de natureza política, e não porque falta comida. A visão que eu tenho é que com as tecnologias que estão se desenvolvendo, nós vamos dar os elementos para que os governos consigam se estruturar. Agora, há coisas que a tecnologia não pode fazer. E aí entra na área em que Fernando não só tem ideias, como as executou. Precisa abrir a economia brasileira para que ela possa competir. Porque, com tecnologias velhas, a produtividade é baixa. Os números divulgados sobre a baixa produtividade brasileira é porque o trabalhador não usa a tecnologia necessária. Isso depende de medidas tomadas pelo governo. Nessa área, o governo é essencial. É preciso discutir muito se o governo precisa ter empresas estatais ou não. Isso é discutível. Mas para inserir políticas globais é preciso do governo.

FERNANDO HENRIQUE – Eu concordo. Historicamente, no Brasil, em uma certa altura, passou-se a entender que, para ter crescimento econômico, era preciso fechar a economia e substituir a importação. Em certos momentos, pode ter sido assim. O momento que vivemos é outro, as economias estão entrosadas por causa da tecnologia. Nessa economia mais globalizada, você pode maximizar os fatores de produção. Onde tem mão de obra barata? Eu vou para lá. Onde tem minerais ou tecnologia sofisticada? Eu vou para lá. Não importa onde está a sede da empresa. Como consequência, você compete num mercado global. A chave não é saber se é do Estado ou é privado, mas se é monopólio público ou privado. Monopólio não compete. Então, tem que ter competição. Alguns acharam que isso era neoliberalismo, porque a teoria liberal, anterior à teoria de crescimento baseada na substituição das importações de que falei, achava que você tinha que ser mais aberto. Nos anos de 1950, 1960, 1970, quando a Coreia e os países asiáticos começaram a disparar, aqui se dizia: “Mas eles são plataformas de exportação, nós temos que

olhar para o mercado interno”. Hoje, a diferença entre interno e externo diminuiu muito. Collor disse uma vez que “nós estamos produzindo carroças, e não carros”, foi muito criticado, mas era verdade. Como a economia era fechada, a tecnologia se adaptou a esse mercado. Era preciso uma tecnologia global. Hoje, a qualidade é a mesma para dentro e para fora, exportamos carros. Isso quer dizer que não há interesse nacional? Não, só que ele se coloca de outra maneira. Você não pode fazer uma abertura que arrebe um determinado setor econômico, tem que ir devagar, controlar as forças. No passado, falava-se de crescimento, de aumentar o PIB, a produção global do País. Hoje, fala-se mais em desenvolvimento, quais os efeitos disso para a população. Havia teorias que diziam que, para crescer, você tinha que crescer por focos. Eliezer Batista, pai de Eike, tinha uma visão ampla e influenciou bastante nesse aspecto. Ele dizia que nós tínhamos que fazer “eixos de crescimento”, e esse eixo não se encerra só no País. Então, essa discussão de crescimento é histórica, o que vale numa época não vale na outra.

COMO DESFRUTAR DO AVANÇO TECNOLÓGICO SEM DETERIORAR A SUSTENTABILIDADE GLOBAL DOS EMPREGOS?

GOLDEMBERG – Vou dar um exemplo prático. Há 20 anos, no Estado de São Paulo, a cana-de-açúcar era cortada manualmente, com facão. Havia queimadas, era uma situação muito ruim para os trabalhadores. Nós introduzimos, eu estava no governo do Estado, a colheita mecanizada. Eu tive que ir no sindicato dos operários para explicar. Eles diziam que iam perder o emprego. Falei: “Vocês vivem dizendo que o emprego de vocês é horrível, nós estamos dando uma outra opção, melhor”, que era a de guiar a máquina. Então, diziam que haveria menos empregos. Na prática, estão todos empregados porque a própria expansão da produção acabou absorvendo a mão de obra. Mas eu passei apertado, imagino o que você passou como presidente para explicar questões às pessoas.

FERNANDO HENRIQUE – Custa entender o progresso, a transformação, o olhar para frente, a sustentabilidade

também. Diziam que a posição do Brasil era “bendita poluição”. Eu era membro do Centro de Desenvolvimento Alternativo, na Suíça, que dizia que não era preciso poluir para crescer. Hoje, já se sabe disso. O mesmo ocorre com o progresso técnico, que virá, e quem não entrar nele vai ficar para trás. Mas é claro que há transição, é preciso ter políticas. O próprio Marx achava que, no futuro, você poderia ser, ao mesmo tempo, pescador, poeta, trabalhador, porque haveria tempo para isso. Um pouco sonhador, não é?! Hoje, nós sabemos que o tempo é um grande problema. Você tem que dar atividade, cultura, educar, tem que dar bolsa na transição [social]. Não basta dar dinheiro, tem que dar preparo para a pessoa se adaptar à nova situação. A ideia de Marx era um pouco poética. A pessoa vai ficar na pobreza, se não houver programas de treinamento. É inevitável, o mundo cresce pelas forças de competição.

GOLDEMBERG – É o que está acontecendo agora com a informática, com a automação. Estudos dizem que serão perdidos milhões de empregos, outros dizem que serão criados outros. Não se tem resposta ainda.

FERNANDO HENRIQUE – Há riscos também. Nos Estados Unidos, já se pode fazer armas em casa, com impressoras 3D. O mundo vive criando e resolvendo problemas.

PARA FINALIZAR, QUAL É A IMPRESSÃO DOS SENHORES EM RELAÇÃO ÀS MANIFESTAÇÕES DE 2013 E O LEGADO PARA A POLÍTICA?

FERNANDO HENRIQUE – Antes de responder, vou contar um episódio envolvendo a China, numa época em que Jiang Zemin [ex-presidente da República Popular da China de 1993 a 2003] viria ao Brasil. Eu o conhecia. Bush filho [George W. Bush, ex-presidente dos Estados Unidos] me telefonou e disse: “Estou sabendo que o presidente da China vai ao Brasil. Eu queria que você falasse com ele para que liberasse os nossos pilotos [de um avião norte-americano que havia caído na China]. Eu disse: “Vou tentar, não sei, ele é de outra cultura”. Jiang Zemin era um tipo agradável, simples. Tão simples que, depois do banquete no Itamaraty, ele perguntou onde



era minha casa, se poderíamos ir à minha casa. E fomos. Eu não tinha mais empregada, Ruth fez café. A uma certa altura, eu disse a ele o que Bush havia pedido. Ele me perguntou: “Quantos anos têm os Estados Unidos? Quinhentos?”. Eu disse que não, não tinham 500 anos. Ele disse: “Nós temos milênios, eles têm de aprender a nos respeitar”. E me falou: “O antecessor dele, quando houve um bombardeio na Iugoslávia, telefonou-me várias vezes; ele, uma vez só. Sabe o que é? Ele é muito jovem” [risos]. Transmiti isso a Bush, ele não entendeu nada. É outra cultura, outro modo de perceber as coisas. Em relação à polarização política no País, eu acho lamentável. A democracia exige temperança, capacidade de ouvir o outro, diversidade. Infelizmente, estamos numa situação de muita agressividade. Não é o meu estilo. A democracia requer o direito do outro de expor sua opinião. Não é a primeira vez. Passada esta eleição, seja quem ganhar, tem a obrigação de buscar uma certa coesão. Se o País for a pique, todos nós vamos a pique. Tem que haver um sentimento coletivo. É muito ruim e negativo para a democracia quando essa encrespação passa a ser quase pessoal.

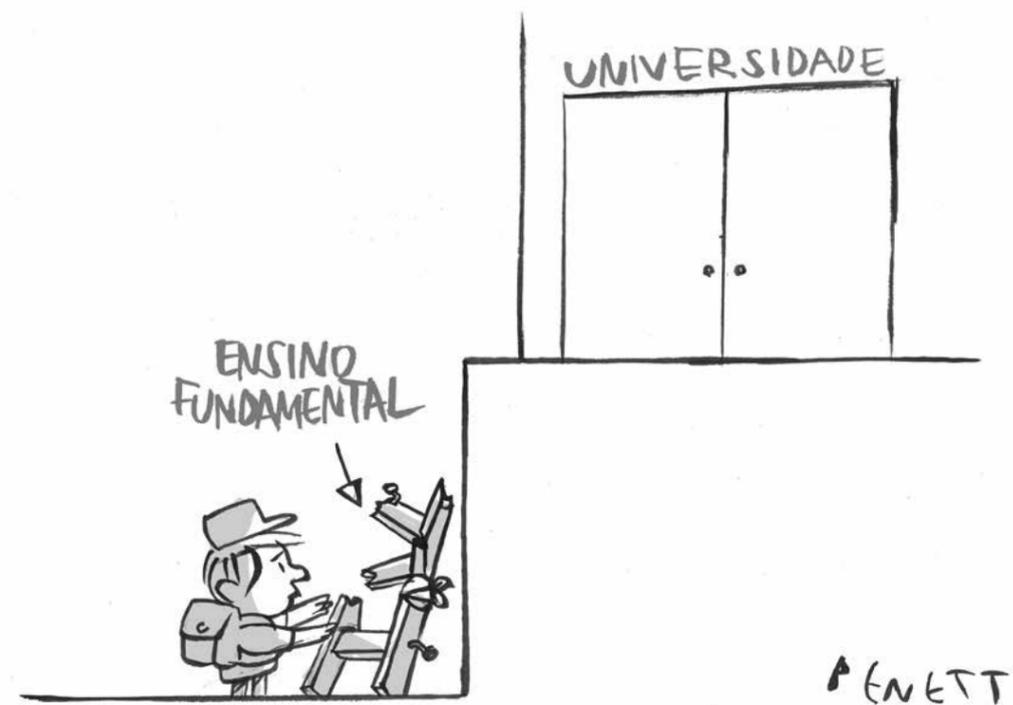
GOLDEMBERG – Quero adicionar uma coisa. Fernando foi presidente da República duas vezes, a minha experiência é mais limitada. Eu fui reitor da Universidade de São Paulo, que tem 5 mil professores, e cada um deles acha que é o centro do universo. Alguns deles, efetivamente, merecem ser. É essencial haver o jogo democrático, sem a perda da firmeza. As pessoas confundem a ideia de que democracia acaba ficando uma bagunça, de que precisa chamar os militares para colocar ordem etc. Isso é completamente incorreto. Na democracia, você debate, resolve e faz. É curioso, porque passa o tempo, e as pessoas que protestavam na hora, agora, elogiam. O que precisa se dissipar é a ideia de que a democracia não é capaz de encaminhar a solução. Não é verdade essa ideia de que a democracia seja um regime fraco.

FERNANDO HENRIQUE – Fraco é não ter autoridade. Autoridade não é autoritarismo. É respeito. É preocupante uma coisa, veja os diálogos na imprensa. A postura dos

jornalistas é de destruir. O clima que se criou foi este: “Está no poder, destrói, não respeita”. Não pode ser assim. Se você não tem respeito, como vai impor a ordem? Só pela força? Não dá certo. Dá certo para quem está mandando, mas para quem está obedecendo, não. Então, é preciso recriar esse clima de diálogo para impor respeito e tomar decisão. Havendo autoridade, respeita-se a decisão.



BENETT 
OUTUBRO 2018 



EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CONEXÃO

MEDIAÇÃO ■■■■■
ZYSMAN NEIMAN (UNIFESP) ■■■■

PARA DEBATER OS RUMOS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL, A FILÓSOFA **VIVIANE MOSÉ** E O SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO, **ALEXANDRE SCHNEIDER**, CONVERSAM SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS E OS DESAFIOS DE IMPLANTAÇÃO DAS REFORMAS CURRICULARES RECÉM-APROVADAS. O DEBATE FOI REALIZADO EM PARCERIA COM A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP) E A REDE DE AÇÃO POLÍTICA PELA SUSTENTABILIDADE (RAPS).



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

QUAL ESCOLA PRECISAMOS NO SÉCULO 21?

VIVIANE – Uma escola, necessariamente, tem que atender aos desafios do seu tempo. Não podemos falar qual escola queremos se não falarmos qual mundo temos. Vivemos um momento de mudanças significativas na nossa cultura, que chamo de “abismo civilizatório”, em que temos mudanças profundas em eixos muito antigos, por exemplo, a questão do que é ser humano. Há muitos séculos que a gente vai construindo esse humano, e ele está em exaustão neste momento. Vivemos em um tempo que sai da realidade, do material, no qual uma pessoa tinha poder se possuísse casa, carro, objetos e dinheiro físico. Agora, o dinheiro é um número, e as pessoas, quando querem exercer o poder, não precisam de nada material, usam a rede social. Então ter milhões de curtidas é mais importante do que ter uma roupa linda ou um carro maravilhoso. Saímos de uma sociedade que raciocinava de forma linear (lógica) e foi completamente desfeita pela sociedade em rede, em que não temos mais o sucessivo, mas o simultâneo. Os valores foram alterados, já não sabemos a diferença entre homem e mulher, e isso não é uma crítica, pois temos mais de 37 gêneros que refletem a realidade. Por por isso, o maior desafio da escola, hoje, é lidar com o alto índice de suicídio de crianças, que, no Brasil, aumentou 40% em dez anos, segundo o Mapa da Violência de 2017. Assim como os adultos que são medicados para suportar viver neste mundo atual. Então, esse “humano” está em crise e não podemos esperar que a escola opere um “milagre” e resolva isso. Na verdade, a escola deve acompanhar esse novo momento da sociedade, e isso ninguém sabe fazer ainda, pois temos que aprender a construí-la juntos.

A ESCOLA QUE CONHECEMOS ESTÁ EM CRISE, PORQUE A SOCIEDADE TEM CAMINHOS NOVOS QUE A ESCOLA DEVE TRILHAR. COMO TRANSFORMAR IDEIAS EDUCACIONAIS EM PRÁTICAS DE GESTÃO?

ALEXANDRE – A gente tem escolarização e educação, que são dois termos que precisamos separar bem. Tem o lado da técnica, da escrita, do contato que precisa continuar na escola, mas acho que a gen-

te vivenciou muito esse lado e esqueceu que, para acompanhar o mundo ou para avançar no mundo que a gente quer, temos que trabalhar outras questões, valores que estão meio fora de esquadro neste mundo atual. Construir isso é entender que tem que trabalhar com as nossas crianças e jovens o olhar para a diversidade de gênero, racial etc. Isso tem que estar na escola, e hoje as discussões recentes no Brasil parecem que querem afastar isso, como se a escola não estivesse no mundo, como se fosse um lugar sagrado, e deixa essas questões para o próprio indivíduo discutir. Mas a escola tem um papel importante e precisa se organizar em torno desses valores, exatamente para combater os novos conflitos da sociedade, como Viviane descreveu, com o crescente número de suicídios. Isso acontece porque falta discussão do coletivo, do respeito à diferença, e do trabalho da resiliência. O mundo das redes sociais é maravilhoso. Todos comem a melhor comida do mundo, estão todos felizes todo dia, mas eu olho para a minha realidade e questiono: “Por que todos os meus amigos são tão felizes e eu tenho muitos problemas aqui?”. Aí, quando a gente vem a público, existe outra questão que vai além de trabalhar esses valores, que é lidar com a enorme desigualdade social, especialmente no Brasil. Isso tudo acaba entrando na escola, queiram as pessoas ou não. Para combater isso, precisaríamos começar a formar integralmente as pessoas, o que vai além do letramento, na língua, na matemática ou nas ciências, mas olhar para uma formação integral do indivíduo, que esteja pronto para se enxergar no outro, nas diferenças e para estar pronto para colaborar, para ter resiliência, para conseguir navegar em um mundo a ser descoberto, inclusive nas profissões. É algo que eu não gosto muito, porque acho que não se educa alguém para o trabalho, mas vamos ter uma geração de pessoas que vai inventar o que vai fazer, reduzindo necessariamente a carga do tempo que as pessoas vão se dedicar ao trabalho. Com o avanço da tecnologia, o que a gente faz com esse tempo? Como a gente constrói isso tudo? É também um desafio para o processo educacional.



SE A ESCOLA ATUAL NÃO ESTÁ AGRADANDO A PROFESSORES, ALUNOS, GESTORES E SOCIEDADE, ESTÁ NA HORA DE UMA REVOLUÇÃO? QUAL É O ESPAÇO PARA A REBELDIA NA GESTÃO EDUCACIONAL?

VIVIANE – A rebeldia nunca precisou de espaço, mas, neste caso, envolve mais coragem de enfrentar um determinado problema que exige rompermos com o raciocínio linear. Em vários eventos que frequento, isso é muito incômodo para mim, pois vejo pessoas bem-intencionadas que querem resolver a questão da educação no Brasil, dos setores público e privado e também do terceiro setor, que apresentam estatísticas, mas não as analisam, e isso só provoca o embotamento da nossa rebeldia. Endossa aquela consciência de que não somos ninguém, que somos um país de quinta categoria. E dizer que a educação no Brasil é horrorosa, como vejo direto as pessoas falarem em eventos, é um desrespeito a quem está lutando para transformá-la. Somos uma sociedade que saiu da linha reta direto para o fluxo. Trabalhamos com circuitos integrados. Tínhamos um sistema que era “correia dentada e roldana” e fomos para um modelo de gestão com tecnologia. Hoje, somos uma sociedade que se articula em rede, por fluxos, por multiplicidades e por sobreposição, e não por sequência. Mas toda proposta de transformação da educação brasileira traz o conceito de caixas estáticas. A coragem não é para construir uma nova escola do zero, mas para pensar diferente. Se há 50 anos tínhamos a mãe trabalhando em casa e o pai fora, treinávamos as pessoas a serem homem e mulher, hoje, ninguém treina, e as crianças vão crescendo e sendo aquilo que elas têm vontade de ser, e aquelas que estão se matando ou doentes é porque não conseguem se encaixar em lugar nenhum. Então cadê a caixa? Não existe mais caixa para colocar essas crianças nem para solucionar os problemas do Brasil, temos que ter mais coragem e ousadia na hora de pensar soluções. Se conseguirmos articular as boas intenções que querem melhorar a educação brasileira, vamos conseguir resolver o problema.

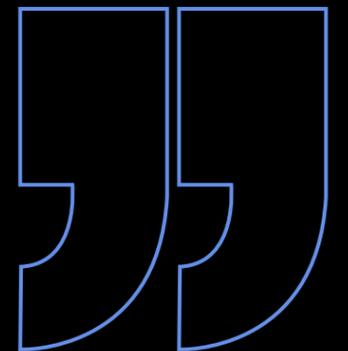
COMO A GRADE CURRICULAR CONSEGUE DAR CONTA DA DIVERSIDADE ATUAL?

ALEXANDRE – Acho que é importante que exista um currículo, mas deve-se entender que ele tem que ser flexível o suficiente para ser alterado no chão da escola, porque quem está na escola sabe qual é a melhor forma de trabalhar com aquele público. Em São Paulo, que é uma cidade enorme, você conversa com um jovem no Capão Redondo, na zona sul, e outro em Perus, na zona norte, vai encontrar diversos pontos de conexão, pois são da mesma idade, mas existem diferenças incríveis quanto ao gosto musical, à maneira como enxergam a sociedade. Então, você tem um desafio de construir um currículo que seja flexível e capaz de desenvolver diferentes talentos, formas e habilidades muito distintas. Por definição, a escola pública não expulsa ninguém, então, essas diferenças estão vivas no dia a dia, e um currículo não vai dar conta de resolver isso. Em São Paulo, criamos um currículo que nos dá um norte, alinhado com os objetivos sustentáveis da ONU, mas não é algo que está “escrito na pedra”. Para construir essa flexibilidade, devemos investir na qualificação dos professores, tornando-os capazes de lidar com as situações distintas dos alunos. Esse é o grande dilema da escola porque, lá atrás, a escola era para poucos e lidava, de alguma forma, com uma uniformidade, na qual talvez até pudesse ser capaz de colocar as coisas em uma caixa. Mas hoje a escola é para todos, então, ela precisa garantir que o desenvolvimento das pessoas se dê de acordo com seu tempo, sua forma, sua cultura e seu jeito de ser.

VIVIANE – O fundamental para esse novo cidadão, desde a educação infantil até a universidade, é ter formação para ser uma pessoa autônoma e responsável. Hoje, uma criança de quatro anos de idade está em um computador ou tablet e pode ir aonde ela quiser. A gente precisa ter noção do que temos na mão. Não dá mais para produzir, tanto na escola como em casa, uma educação paternalista e passiva. Devemos ter uma base curricular, mas com alunos protagonistas. Quando falamos em educação, automaticamente falamos sobre o professor, mas e o aluno? Ele está sendo atendido?

O fundamental para esse novo cidadão, desde a educação infantil até a universidade, é ter formação para ser uma pessoa autônoma e responsável.

VIVIANE MOSÉ



POR QUE A EUROPA E OUTROS PAÍSES CONSEGUEM DISCUTIR DE FATO UMA REFORMA DA EDUCAÇÃO, E O BRASIL NÃO?

VIVIANE – Precisamos ter outro olhar sobre nossa questão, pois nossos desafios são outros. Não vejo nenhuma possibilidade de a educação brasileira se transformar se não for vinculando educação e cultura. Aqui, educação e cultura são dois ministérios por acaso. A cultura é a irmã pobre, tem orçamento pequeno, já a educação tem grande orçamento, muitos funcionários, e fazer a gestão disso é muito difícil. Mas se não há cultura, literatura e arte, não temos educação. Kant já dizia isso no século 18: “Para o indivíduo ter inteligência, mesmo que objetiva de generais ou engenheiros, é preciso criatividade, porque o pensamento é criativo”. Isso é muito importante, ainda mais em tempos em que a vida perdeu o valor. A vida perdeu o valor para o adulto e para o adolescente, mas agora perdeu para a criança também, que questiona: “Por que vou para a escola estudar se tenho a internet e o YouTube, em que tenho acesso a tudo?”. O certo seria: “Vou à escola, porque aqui tenho convivência com pessoas diferentes, tenho debate, produção e estímulo à vida”.

ALEXANDRE – É curioso, porque no Brasil as reformas sempre vêm em onda. Nunca se consegue concluir uma reforma, pois logo depois vem outra na sequência. O Brasil conseguiu implantar um sistema de avaliação muito complexo sem dar a diretriz daquilo que deveria ser aprendido. Temos um sistema nacional de avaliação da educação básica que é extraordinário, criado antes de se discutir o currículo. Essa avaliação passou a ser o currículo de muitos sistemas, porque valia a pena. Quero tirar uma nota boa na Prova Brasil e ter um bom Ideb. Esse foi o estímulo dado às escolas. Agora, discutimos o currículo como se fosse a grande salvação da educação brasileira, e não a escola ou os processos educativos, nos quais o currículo, obviamente, está inserido. Aí temos um risco muito grande, porque a gente imaginar que, com uma canetada, uma reforma, vai resolver o problema da educação, a gente está se enganando ou enganando muita gente. A grande questão é pensar em um processo contínuo, que não é de uma gestão. Esse é outro ponto muito complexo para os professores, pois

a cada quatro anos têm que lidar com uma ideia nova. Por fim, temos uma sociedade muito fragmentada e o fenômeno das redes ajudou a dividir cada vez mais. Temos o maldito algoritmo que me coloca ao lado de pessoas que só pensam como eu, e isso me emburrece. Isso tudo acaba chegando à escola, que não mais tem que lidar com a questão de como construir algo coeso com essas diferenças todas, mas em como se defender desses grupos que atacam a própria escola e o processo. Daí surgem projetos como o da Escola Sem Partido, que quer impor na escola uma visão de mundo que ignora toda a sua diversidade.

UM DOS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM COLOCADOS NA BASE COMUM CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL É: “DEMONSTRAR IMAGEM POSITIVA DE SI E CONFIANÇA EM SUA CAPACIDADE DE ENFRENTAR DIFICULDADES E DESAFIOS”. ISSO PARA CRIANÇAS DE UM ANO E SETE MESES A TRÊS ANOS E 11 MESES. COMO RESOLVER ESSA EQUAÇÃO EM QUE ESPECIALISTAS EM EDUCAÇÃO FAZEM PROJETOS MIRABOLANTES COMO ESTE, MAS A SOCIEDADE DEMANDA UMA ESCOLA DIFERENTE DESTA QUE ESTÁ AÍ?

VIVIANE – Se a universidade não tiver coragem de se transformar, não vai conseguir ajudar a educação básica. A universidade tem um modelo muito antigo. Não posso ser um excelente professor e esperar que meu aluno aprenda tudo dentro da sala de aula. Passou o tempo que o professor era a única fonte de saber para o aluno, não é mais. Com a internet, ele tem acesso a professores muito melhores. Não dá mais para centrar a educação no professor, pois ele é muito mais velho que o aluno, e as mudanças são muito rápidas. O aluno tem muito mais a ensinar do que o professor, principalmente na universidade. Mas as pessoas só falam do problema da educação básica, mas a questão está na universidade, e ninguém olha para lá. Ou a universidade abre as portas para o mundo, abrindo mão do poder soberano dos professores, ou vamos continuar formando pessoas incompletas, que serão juizes, professores, médicos, advogados, entre outros.



BENETT 
OUTUBRO 2018 



TECNOLOGIA E EFICIÊNCIA DA SAÚDE NO BRASIL

ENTREVISTA ■■■■■
SABINE RIGHETTI ■■■■

OS OBSTÁCULOS A SEREM SUPERADOS PARA TORNAR A SAÚDE PÚBLICA MAIS EFICIENTE NO PAÍS E COMO A TECNOLOGIA PODE AUXILIAR A INTEGRAÇÃO DE HOSPITAIS, PRONTUÁRIOS E OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES DOS PACIENTES E, ASSIM, MELHORAR A QUALIDADE DOS ATENDIMENTOS SÃO OS TEMAS DISCUTIDOS PELA PROFESSORA DO CENTRO DE LIDERANÇA PÚBLICA (CLP) E PRESIDENTE DA OPTUM, **PATRICIA ELLEN**. A ENTREVISTA FOI REALIZADA EM PARCERIA COM O CLP.



Acesse o aplicativo de QR Code pelo celular e assista à entrevista

QUAL DEVE SER A PRIORIDADE DO ESTADO PARA MELHORAR A SAÚDE NO BRASIL?

Apesar de a área da saúde ter crescido muito nas últimas décadas, ainda é uma das áreas com maiores demandas da população, pois não aconteceu de maneira igual para todos. Saímos, obviamente, de um patamar muito ruim, mas precisamos avançar. Hoje, temos que lidar com a alta taxa de mortalidade das doenças crônicas. Se pegarmos a pirâmide etária dos brasileiros, daqui a 30 anos, teremos um grande número de idosos, que nos assemelha mais ao Japão atual do que a qualquer outro país do mundo. Esse é o primeiro desafio, tratar as doenças crônicas (diabetes, câncer e problemas cardiovasculares) com elevada taxa de envelhecimento. Mas também temos um Brasil das doenças infecciosas, onde, infelizmente, voltamos a conviver com altas taxas dessas doenças, como a malária, que cres-

ceu quase 50% em um ano, a dengue e a febre amarela. Por fim, temos um terceiro Brasil, que é o das causas externas, como acidentes de trânsito e violência (temos as cidades mais violentas do mundo). Então, quando juntamos estes três tipos de demanda (doenças crônicas, infecciosas e causas externas), criamos uma sobrecarga muito grande no sistema. Envelhecemos muito antes de prosperar economicamente. De um lado, temos uma demanda muito desafiadora, e de outro, uma escassez de recursos. A saúde deve ser a grande pauta do próximo presidente. O primeiro grande pilar para cuidar da questão estrutural da saúde é a continuidade da expansão da cobertura básica (que alcança atualmente 60% da população), pois é a porta de entrada da população ao sistema de saúde, por meio do agente da saúde da família, que conhece sua trajetória completa e ajuda a direcionar o cuidado pelo caminho cor-



reto. O segundo ponto é o da tecnologia, que é uma grande oportunidade para lidar com o desafio da saúde e entregar qualidade para todos de forma efetiva, até mesmo para a conta pública fechar. Hoje, já gastamos quase 10% do PIB em saúde, e segundo os estudos do CLP com a McKinsey, se continuarmos com o nível atual de gastos na área de saúde, só para dar continuidade à expansão da cobertura básica, vamos chegar a 2035 com até 25% do PIB. É aí que o pilar da tecnologia é fundamental, pois conseguiremos chegar às pessoas onde elas estiverem, cruzar dados e aumentar a divulgação de informações sobre prevenção de doenças.

COMO A TECNOLOGIA PODE AJUDAR NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS INFECCIOSAS QUE VOLTARAM AO DIA A DIA DOS BRASILEIROS, COMO A MALÁRIA E A FEBRE AMARELA?

Um exemplo muito simbólico foi a força-tarefa contra a Zika, em que usamos Big Data para identificar quais eram os focos da doença; nossa referência foi a atuação das instituições internacionais para o controle do ebola. Usamos Big Data para ter dados locais e identificar em quais regiões precisamos de insumos para tratar as doenças. Criamos uma central que cascateia para todas as regiões, então, trabalhamos 24x7 [*todos os dias da semana*] e temos as minicentrais nos pontos focais também, fazendo esse acompanhamento direito.

COMO ESTÁ, ATUALMENTE, ESSA RELAÇÃO ENTRE A TECNOLOGIA E O SISTEMA DE SAÚDE?

No sistema público, que compete às esferas federal, estadual e municipal, não existe integração, e, muitas vezes, o sistema não sabe do histórico dos pacientes e se os recursos destinados àquele aparelho público são suficientes para atender à demanda local. Participei de um trabalho recentemente em Alto Paraíso (GO) que ilustra isso. Como a cidade não tem escala demográfica para ter um hospital de média ou alta complexidade, as pessoas que precisam de atendimento além da saúde básica precisam ir até o município de Formosa (a 200 quilômetros de distância), que conta com a aparelhagem completa. Ou seja, o

recurso estadual goiano para saúde existe e está investido em Formosa, mas a população de Alto Paraíso tem que percorrer 200 quilômetros para ter acesso, sendo que a cidade grande mais próxima seria Brasília (DF), mas pertence a outro Estado. Existem vários esforços sendo feitos, mas em geral as integrações são parciais. No sistema privado, a situação também é desafiadora, porque cada lugar que você precisa frequentar (consultório, pronto-socorro, laboratórios) registra uma parte da sua vida, mas eles não se conversam. Cabe ao paciente andar com um calhamaço de exames e históricos médicos para o profissional da saúde dar continuidade ao tratamento.

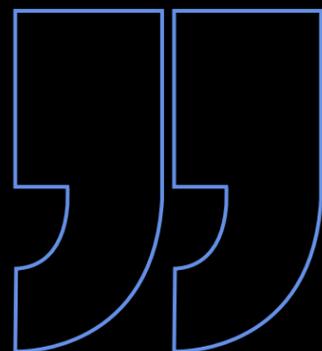
EXISTE ALGUM EXEMPLO DE SUCESSO PELO MUNDO NO QUAL A TECNOLOGIA ATUA NA INTEGRAÇÃO DE DADOS DOS PACIENTES PARA MELHORAR O ATENDIMENTO?

Na Inglaterra, existe o National Health Service (NHS), que une o programa de integração de dados com prontuário único e a gestão de saúde populacional integrada, a qual possui o histórico dos atendimentos desde o agente de saúde da família até procedimentos mais complexos. Inclusive, o primeiro atendimento inglês pode ser feito por telefone, com bastante eficácia, por meio do qual o profissional da saúde orienta o paciente que está passando mal a fazer uma série de testes e a primeira triagem, depois, encaminha para o pronto-socorro mais próximo. Aqui no Brasil, isso é possível, mas os demais serviços remotos não podem ser explorados, porque a legislação da telemedicina não é totalmente regulada.

QUAIS DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS BEM-SUCEDIDOS O BRASIL PODERIA IMPORTAR DE OUTROS PAÍSES?

Essa primeira triagem feita via telefone é permitida e feita no Brasil, mas o próximo passo, que seria o atendimento de um profissional por telefone ou aplicativo, ainda não pode ser feito. No NHS inglês, você pode ir a um pronto atendimento, mas se não houver a especialidade desejada, é possível acessar o sistema via aplicativo e fazer uma videoconferência com o médico especialista. Esse déficit de especia-

A tecnologia é uma grande oportunidade para lidarmos com o desafio da saúde, para entregar qualidade para todos de forma efetiva.



listas é muito comum no Brasil. Em regiões remotas da Amazônia, temos médicos e enfermeiros da família, mas se em determinado momento for necessário um médico especialista e não existir esse profissional na região naquele momento, a possibilidade de atendimento remoto poderia salvar muitas vidas. Além disso, ter acesso rápido ao médico por telefone faz toda a diferença e evitaria a presença de muitas pessoas nos prontos-socorros, que, muitas vezes, são levadas por doenças de simples complexidade, que poderiam ser atendidas remotamente, evitando filas e até mesmo o risco de contrair novas doenças decorrentes do contato com outros doentes no PS, como acontece muito com as crianças.

OUTRO TEMA QUE SEMPRE VEM À TONA NO NOTICIÁRIO É A MÁ GESTÃO DOS MEDICAMENTOS. MUITOS PERDEM A VALIDADE E SÃO DESCARTADOS, ENQUANTO MUITOS OUTROS FALTAM EM REGIÕES CARENTES. COMO RESOLVER ISSO?

Também precisamos fazer uma gestão integrada dos medicamentos, começando pela demanda. A tecnologia é fundamental, primeiro para mapear as necessidades e depois para usar processos, inclusive muito básicos, de gestão financeira para fazer compras em escala, e não em pequenas frações (por hospitais ou por regiões específicas), pois aí você ganha no preço, otimiza a logística e evita exatamente esses gastos desnecessários (comprar medicamentos a mais ou a menos). Mesmo sem a informação direta do paciente sobre quais medicamentos estão em falta, que seria incrivelmente eficiente para o sistema, podemos melhorar a gestão de compra dos remédios com base no próprio histórico de gastos, pois dá para fazer um balanço do que sobrou ou faltou e melhorar a eficiência do sistema.

EXISTE UMA DISCUSSÃO SOBRE A FORMAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE MÉDICOS NO TERRITÓRIO NACIONAL. VOCÊ ACHA QUE FALTAM MÉDICOS EM DETERMINADAS REGIÕES? COMO A TECNOLOGIA PODERIA AJUDAR A RESOLVER ESSE PROBLEMA?

Esse é outro pilar importantíssimo para o desenvolvimento da saúde no Brasil, que são a atração, a formação e a valorização do profissional da saúde, juntamente com um processo de educação e empoderamento da sociedade. Precisamos de muito mais médicos da família e precisamos saber usar o conceito de médico da família, pois a nossa tendência é nos automedicarmos e identificar que precisamos de um especialista. Valorizamos mais o especialista do que o profissional da família, sendo que este é quem realmente nos conhece a fundo. Sobre o empoderamento, é importante que a população tenha acesso aos recursos do SUS de forma integrada, com prontuário digital, para também ser responsabilizada pela gestão da própria saúde. Se estou sentindo dores nas costas e não começar a fazer atividade física, isso pode piorar; ou se sei que estou entrando em uma faixa etária de risco para acidentes cardiovasculares ou diabetes, tenho que cuidar melhor da minha alimentação; também devo ter a consciência de que se não levar meus filhos para se vacinarem, não estarei pondo em risco apenas a saúde deles, mas a de toda a sociedade que conviverá com eles. Isso tudo é importante, porque saúde é um direito, mas também um dever.

JEAN GALVÃO ■■■
OUTUBRO 2018 ■■■

MÉDICO DA FAMÍLIA



MÉDICO NA FAMÍLIA



jean galvão

JEAN GALVÃO ■■■
NOVEMBRO 2018 ■■■



jean galvão

ENTREVISTADORES



ANDRÉ ROCHA

É formado em jornalismo pela Universidade Mackenzie e pós-graduado em Comunicação Empresarial pela Faculdade Cásper Líbero. Atualmente é diretor de conteúdo da plataforma multimídia UM BRASIL, das revistas Problemas Brasileiros e Comércio & Serviços. Foi editor da Revista Conexão e do Jornal do Sebrae-SP e atuou na área de comunicação da Companhia Energética de São Paulo (CESP). Também foi professor da pós-graduação em Marketing e Comunicação Integrada da Universidade Mackenzie. É um dos idealizadores do projeto Hey Sampa.



DENIS RUSSO BURGIERMAN

É formado em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP) e participou do Knight Fellowship, no programa para jornalistas da Universidade Stanford, nos Estados Unidos. Foi editor-chefe das revistas *Superinteressante*, *Vida Simples* e *Mundo Estranho*, da editora Abril. Também atuou como redator da coluna "Sustentável é Pouco", publicado no site da *Veja*. Foi um dos idealizadores da WebCitizen e coordenou a curadoria do TEDxAmazônia, em 2010. É membro da Rede Pense Livre e autor de quatro livros, entre eles, *O fim da guerra*, lançado em 2011.



HUMBERTO DANTAS

Tem graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrado e doutorado em Ciência Política na mesma instituição. É coordenador do curso máster em Liderança Pública do Centro de Liderança Pública (CLP) e da pós-graduação em Ciência Política da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Foi professor no Insper, coordenador de projetos sociais do Instituto Unibanco e superintendente da Fundação Mario Covas. Leciona na Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). Foi comentarista na Rede Vida de Televisão e na Rádio Estadão. Atualmente, mantém um blog no portal do Grupo Estado. É autor do livro *Democracia e saúde: uma realidade possível?* e organizador das obras *Introdução à política brasileira*, *Coligações partidárias na nova democracia brasileira*, *De olho no Legislativo*, *Parceria social público-privada* e *Análise política e jornalismo de dados*.



JAIME SPITZCOVSKY

É jornalista e integrante do Grupo de Análise de Conjuntura Internacional (Gacint), da USP. Foi editor internacional na *Folha de S. Paulo* e correspondente do jornal em Moscou e Pequim. Fez coberturas jornalísticas de fatos marcantes, como as desintegrações da Iugoslávia e da URSS, a libertação de Nelson Mandela, a morte de Deng Xiaoping e a devolução de Hong Kong à China. Colaborou com diversos veículos de comunicação, como BandNews FM, TV Cultura e BBC.



JULIANO DIP

É formado em Jornalismo pela Universidade do Sagrado Coração e tem especialização em Fundamentos da Cultura e da Arte no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Foi repórter do SBT e das rádios CBN e Globo e professor no Centro Universitário Senac. Atuou como repórter no quadro "Proteste já", do programa CQC, da TV Bandeirantes. Atualmente, é repórter do *Jornal da Band*.



LEANDRO BEGUOCI

É jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero, mestre em Governança em Mídia e Comunicação pela London School of Economics e *fellow* em Empreendedorismo em Jornalismo pelo Tow-Knight Center da CUNY (City University of New York). É diretor editorial e de conteúdo da Associação Nova Escola, organização que edita conteúdos e produz serviços de educação. Foi editor-chefe e *head* de *branded content* da F451, startup de jornalismo e conteúdo; editor-chefe do Grupo FOX no Brasil, editor-executivo do iG e repórter da *Folha de S.Paulo* e da revista *Veja*.



MARIA CRISTINA POLI

É jornalista. Atuou como assistente de produção no programa *Hebe*, no SBT, e trabalhou por dez anos na Rede Globo. Na TV Cultura de São Paulo, apresentou o programa *Vitrine* e o *Jornal da Cultura*. Tem passagens pelo Grupo Bandeirantes, no qual apresentou o *Jornal da Noite* e o *Circular*, no Canal 21. Venceu, em 2013, o Troféu Mulher Imprensa na categoria "Âncora de telejornal". Atualmente, integra o projeto ABC da Notícia.



RENATO GALENO

É jornalista formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Relações Internacionais e doutor em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem cursos na Europäische Akademie, de Berlim, na Comissão Europeia em Bruxelas e no programa Visitor Leadership do U.S. Department of State. Foi comentarista de assuntos internacionais da GloboNews e jornalista no jornal *O Globo*. Atualmente, é professor de Relações Internacionais do Ibmec no Rio de Janeiro.



SABINE RIGHETTI

É jornalista formada pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e especialista em Jornalismo Científico pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde também fez mestrado e doutorado em Política Científica e Tecnológica. É *Knight fellow* (Knight-Wallace Fellowship, Universidade de Michigan, 2012), *Eisenhower fellow* (Eisenhower Fellowships, 2014) e *Lemann fellow – visiting scholar* (Universidade Stanford, 2017). Foi repórter da *Folha de S.Paulo* e organiza o Ranking Universitário Folha (RUF). Recebeu os prêmios Folha de Jornalismo 2012, Estácio de Jornalismo 2013, Folha de Jornalismo 2015 e Jornalistas Especialistas em 2015 e 2016.



THAIS HERÉDIA

É jornalista especializada em Economia e pós-graduada em Finanças pela Fundação Instituto de Administração (FIA). Já assinou a coluna de economia do *G1* – portal da TV Globo – e atuou pela GloboNews. Foi também repórter de economia do *Bom Dia Brasil*, da TV Globo, e assessora de imprensa no Banco Central, durante a gestão de Armínio Fraga. Em 2018, estreou um programa de entrevistas e comentários no canal MyNews. Recebeu o Prêmio Comunique-se Economia Escrita 2016, do Portal Comunique-se, e esteve entre os Mais Admirados Jornalistas de Economia e Finanças de 2016 e 2017, da Max Press e Jornalistas e Cia.



PRESIDENTE – FECOMERCIO-SP
Abram Szajman

SUPERINTENDENTE – FECOMERCIO-SP
Antonio Carlos Borges



www.agenciatutu.com.br
Redação

Rua Santa Cruz, 722 – 5º andar – CEP 04122-000
São Paulo/SP – (11) 3170-1571

PUBLICAÇÕES

**DIRETOR DE CONTEÚDO
E JORNALISTA RESPONSÁVEL**
André Rocha – MTB 45653/SP

GERENTE DE CONTEÚDO
Fernando Sacco

EDIÇÃO / COORDENAÇÃO
Lucas Mota

EDITORA-ASSISTENTE
Iraci Paulina

COLABORAÇÃO
Filipe Lopes, Iracy Paulina, Leda Rosa,
Lúcia Helena Ribeiro de Camargo,
Marco Chiaretti e Vinicius Pereira

FOTOS
Christian Parente

REVISÃO
Flávia Marques, Marina Jarouche,
Marília Bellio e Glaucy Vulcano

ESTAGIÁRIA
Gabriela de Almeida

DIRETORES DE ARTE
Clara Voegeli
Demian Russo

EDITORA DE ARTE
Carolina Lusser

DESIGNERS
Laís Brevilheri, Paula Seco,
Cintia Funchal e Camila Pugin

ASSISTENTES DE ARTE
Pedro Silvério

PROJETO GRÁFICO
Paula Seco

TV

DIRETOR DE NÚCLEO
Demian Russo

DIRETOR DE CONTEÚDO
André Rocha

GERENTE DE CONTEÚDO
Fernando Sacco

COORDENAÇÃO DE TV
Guilherme Baroli

ENTREVISTAS
André Rocha, Denis Russo,
Humberto Dantas, Jaime Spitzcovsky,
Juliano Dip, Leandro Beguoci,
Maria Cristina Poli, Renato Galeno,
Sabine Righetti e Thais Herédia

EDIÇÃO DE CONTEÚDO
Guilherme Baroli
Rodrigo Hora

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Anna Stroh

IMAGENS
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
André Carvalho
Ulisses Neto

CÂMERAS
Alessandro Aiello, Alexandre Contador,
André Carvalho, Felipe Gonçalves,
Maurício Demutti, Paulo Constantino
dos Santos e Ulisses Neto

EDIÇÃO DE IMAGENS
André Carvalho
Fábio Nicolodi

MOTION GRAPHICS
Mateus Ricco

ÁUDIO
Alexandre Contador, Daniel Romero
e Pier Valencise

ESTAGIÁRIO
Luiz Venâncio

TRADUÇÃO
ETC Filmes

RELAÇÕES PÚBLICAS

Maria Izabel Collor de Mello
Paula Dias

AGRADECIMENTOS

Centro de Liderança Pública (CLP)
Colégio Bandeirantes
Colégio Santa Marcelina
Emerge
Ibmec-SP
Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (Raps)
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)
Centro Mackenzie de Liberdade Econômica
XP Investimentos

B823

Um Brasil #7: análises e discussões sobre um povo em busca de uma identidade/ Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo; ilustrações de Adão Iturrusgarai, Caco Galhardo e Jean Galvão. – São Paulo: Fecomercio 2018.

236 p.: il.: color.

Vários autores.

ISBN 978-85-53046-03-4

1. Brasil 2. Economia 3. Educação 4. Sociedade
5. Administração Pública 6. Legislação 7. Tecnologia
8. Política 9. Personalidades – Entrevistas.

I. Iturrusgarai, Adão II. Galhardo, Caco III. Galvão, Jean IV. Título

CDD 320.0981

CDU 316.3:339(81)



9 788565 274180



ISBN 978-85-65274-18-0

Senac | **Sesc**
AQUI TEM A FORÇA DO COMÉRCIO



WWW.UMBRASIL.COM